

LINGUÍSTICA
PARA O ENSINO SUPERIOR

17

LÍNGUAS INDÍGENAS das AMÉRICAS

THIAGO COSTA CHACON



Sumário

Índice de figuras online	3
@Site: Notações Fonéticas	5
@Site: Formato de exemplos de línguas indígenas e as Regras de Glosagem de Leipzig	7
1. Para o conhecimento da diversidade linguística na América Indígena	9
1.2.3 Dinâmicas da diversificação linguística.....	9
1.4.2 Sociedades Indígenas Pré-Coloniais	10
1.4.3 Moinhos de Gastar Línguas: Colonização e Glotocídio desde 1492 d.C.....	10
Tabela IBGE 2022 revisado.....	15
2. Língua, Sociedade e Cultura.....	16
2.1.1 Diversidade de culturas e povos.....	16
2.1.4 Continuidades e descontinuidades culturais nas famílias linguísticas.....	17
2.2.1 Dialeto e Socioleto	17
2.2.4 Falas assoviadas e percussivas.....	18
2.3.1 Escritas Indígenas.....	18
Áudio.....	20
Vídeos.....	20
Tabela Lista de Línguas Indígenas de Sinais.....	20
3. Diversidade Tipológica	21
3.1.3 Tons.....	21
3.2.3 Grau de Síntese.....	23
3.3.3 Gênero, Classes Nominais e Classificadores	25
3.4.2 Ordem de Palavras na Oração.....	26
3.4.3 Alinhamento morfossintático	28
Áudios	31
4. Famílias Linguísticas	32
4.2.1 Famílias Linguísticas da América do Sul.....	32
4.5.3 Ausência de hiperfamílias e o alto número de famílias pequenas e médias	35

5. Contato entre línguas	36
5.1.1 Empréstimos	36
5.2.1 Línguas Pidgins, os línguas e outros letos mistos de contatos iniciais	37
5.2.3 Línguas Mistas	37
5.2.5 Línguas Gerais	38
5.3.4 Uaupés: uma área linguística com centro, periferias e fronteiras difusas	40
5.3.5 Sudoeste Amazônico: uma área de difusão multicêntrica	40
5.3.6 O Alto Xingu e as Áreas Discursivas	41
5.3.7 Os Andes e a “Esfera Inca”	41
Tabela Línguas Pidgins, Mistas, Francas e Gerais	44
6. Diversidade linguística sob ameaça	45
6.1.2 Indicadores e escalas da vitalidade linguística	45
6.2.4 Competência	46
Vídeo	51
Tabela Vitalidade das Línguas Indígenas das Américas	51
7. Para saber mais	52
@Site: Bases de dados e fontes de informações digitais	52
@Site: Mapas e dados georreferenciados	54
@Site: Descrição, Tipologia, Teoria e Análise Linguística	55
@Site: Sociolinguística, Linguística Antropológica, Ecologia Linguística	56
@Site: Linguística Histórica, Contato entre línguas e multilinguismo	57
@Site: Línguas ameaçadas, documentação e revitalização linguística	59
@Site: Povos indígenas, diversidade cultural e história	60
Exercícios	63
Capítulo 1	63
Capítulo 2	65
Capítulo 3	66
Capítulo 4	67
Capítulo 5	68
Capítulo 6	69
Gabarito dos exercícios	70
Referências bibliográficas (Livro + @Site)	71



Índice de figuras online

Figura do @Site 1: Consoantes do IPA e NAPA. Os símbolos em negrito são empregados em ambos os alfabetos, enquanto os em vermelho apenas no NAPA e os demais usados apenas no IPA	5
Figura do @Site 2: Vogais do IPA e NAPA. Os símbolos em negrito são empregados em ambos os alfabetos, enquanto os em itálico são usados exclusivamente no NAPA.	6
Figura do @Site 3: Mapas da América do Sul com dados de pluviosidade, áreas com maior densidade de línguas e de famílias linguísticas	9
Figura do @Site 4: Cerâmica com figura humana-felina da cultura Chavín	10
Figura do @Site 5: Proporção relativa da agricultura frente a outras estratégias de subsistência entre povos indígenas das Américas. Em azul os povos com pouca ou nenhuma agricultura, e em vermelho aquelas com agricultura mais intensiva (Kirby et al., 2016).....	16
Figura do @Site 6: O Templo Maior dos Mexica e os Tipis dos Shoshone	17
Figura do @Site 7: Continuum dialetal e subgrupos da família Quechua (a partir de Torero 2007)	17
Figura do @Site 8: Distribuição dos letos silvados pelo mundo (Meyer 2015).....	18
Figura do @Site 9: Um Khipu usado nos Andes como sistema de registro de informações.....	18
Figura do @Site 10: Silabário Cherokee. Cada consoante que inicia uma sílaba está representada em linhas. Sua combinação com uma das seis vogais está representada nas colunas. As letras no alfabeto latino (em cinza claro) indicam a pronúncia de cada sílaba.....	19
Figura do @Site 11: Contagem de Inverno Sioux elaborada em 1880 com registros em couro de búfalo dos principais eventos históricos em um período de 70 anos.....	19
Figura do @Site 12: tons em Kubeo medidos foneticamente pelas curvas de F0 (frequência fundamental) extraídas para as palavras kāmiko [kã'míkò] 'ela dorme' e kāmíko [kã'míkó] 'ela carrega na cintura'	21

Figura do @Site 13: distribuição de línguas como diferentes índices de síntese de flexão verbal (Bickel e Nichols 2013).....	23
Figura do @Site 14: Esquema ilustrativo da teoria de Daniel Nettle (1999) sobre o surgimento e extinção de famílias linguísticas com destaque para o estágio das Américas em contraste com outras macrorregiões do globo.....	35
Figura do @Site 15: Distribuição de étimos de palavras andarilhas referentes a ‘onça’ segundo (Zamponi, 2020).....	36
Figura do @Site 16: Línguas e subáreas da região multilíngue do Alto Rio Negro	40
Figura do @Site 17: Línguas, famílias linguísticas e divisões culturais aproximadas no Sudoeste Amazônico.....	40
Figura do @Site 18: Línguas e famílias linguísticas do Alto Xingu.....	41
Figura do @Site 19: Línguas e famílias linguísticas da “Esfera Inca”	41
Figura do @Site 20: Distribuição tipológica de ‘ordem sintática entre adjetivo e nome’ e ‘presença ou ausência de distinção entre posse alienável vs. inalienável’ em línguas da América do Sul (a partir de dados de Krasnoukhova (2012)).....	43

@Site: Notações Fonéticas

Os quadros a seguir mostram os símbolos utilizados no *IPA* (o alfabeto da Associação Internacional de Fonética) e aqueles utilizados pela tradição americanista, sobretudo norte-americana, que se convencionou chamar de *NAPA* (*North American Phonetic Alphabet* ou Alfabeto Fonético Norte-Americano). Resumimos as principais diferenças entre o sistema do IPA e NAPA, este último baseado nos trabalhos de Ives Goddard (1996) e Marianne Mithun (1999). A seguir veremos os quadros separados para consoantes e depois vogais. O leitor pode consultar o site do IPA para ouvir as pronúncias de cada som nas tabelas abaixo, bem como de outros sons do alfabeto.¹

Figura do @Site 1: Consoantes do IPA e NAPA. Os símbolos em negrito são empregados em ambos os alfabetos, enquanto os em vermelho apenas no NAPA e os demais usados apenas no IPA

		Bilabial	Lábio-dental	Inter-dental	Dental	Alveolar	Retroflexo	Palato-alveolar	Palatal	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Oclusiva	Desvozeada	p			t ṭ	t	ʈ ṭ		c kʰ	k	q		ʔ
	Vozeada	b			d ḍ	d	ɖ ḍ		ɟ gʲ	g	g̞		
Africada	Desvozeada				tθ	ts c (ɟ)		tʃ č					
	Vozeada				dð	dz ɟ		dʒ j (ʒ)					
Africada Lateral	Desvozeada					tɬ ṭ							
	Vozeada					dɮ ḷ							
Fricativa	Desvozeada	ɸ	f	θ	s̪	s	ʂ ṣ	ʃ ṣ̪	ç x̪	x	χ x̠	ħ h̥	h
	Vozeada	β	v	ð	z̪	z	ʐ ṣ̪	ʒ ṣ̪	j ɣ̪	ɣ	ʁ ɣ̠	ʕ	ɦ
Fricativa Lateral	Desvozeada					ɬ ṭ							
	Vozeada					ɮ ḷ							
Nasal Vibrante	Nasal	m	ɱ ṃ			ɹ ṛ ṛ r	ɻ ṛ		ɲ ṇ	ŋ	ɴ ṅ		
	Lateral					(l) ḷ	ɭ ṭ		ʎ ṽ		ʀ ṛ		
Aproximantes		(w)	v			ɹ	ɻ ṛ		j y	(w)			

¹ Disponível em https://www.internationalphoneticassociation.org/IPAcharts/inter_chart_2018/IPA_2018.html (acessado em 21 de agosto de 2024).

Figura do @Site 2: Vogais do IPA e NAPA. Os símbolos em **negrito** são empregados em ambos os alfabetos, enquanto os em *itálico* são usados exclusivamente no NAPA.

	Anterior		Central		Posterior	
	não arredondada	arredondada	não arredondada	arredondada	não arredondada	arredondada
Aproximante	j <i>y</i>					w
Alta	i <i>i</i>	y <i>ü</i>	ɨ	u	ɯ <i>ɨ</i>	u <i>ʊ</i> <i>u</i>
Média fechada	e	ø <i>ö</i>		ə	ɤ <i>ẽ</i>	o
Média aberta	ɛ	æ <i>ǣ</i>			ʌ	ɔ <i>ǫ</i>
Baixa	æ		a <i>ɑ</i>			ɒ

@Site: Formato de exemplos de línguas indígenas e as Regras de Glosagem de Leipzig

Todas as palavras em línguas indígenas aparecem com uma glosa (tradução) para o português e a identificação de sua língua. Se a palavra for usada ao longo do texto, ela estará em *itálico* e a glosa entre aspas simples, como em *kamoi* ‘sol’ em Baniwa-Koripako (família Aruák). Exemplos mais complexos serão destacados em parágrafos próprios e numerados, seguindo o número do capítulo e a ordem sequencial em que cada exemplo ocorre. Por exemplo (1.2) se refere ao exemplo 2 do capítulo 1. Exemplos mais complexos poderão ter até três linhas: a palavra ou frase numa língua indígena e segmentada morfológicamente; uma tradução interlinear palavra por palavra, morfema por morfema; uma tradução livre, conforme o modelo abaixo:

- *Linha 1* Forma na língua alvo (minúsculas)
- *Linha 2* Tradução interlinear (morfemas funcionais em versalete)
- *Linha 3* Tradução livre (minúsculas, salvo nomes próprios)

(8.3)	<i>ãðã</i>	<i>kũ-ame</i>	<i>ji-kaki-re</i>
	cobra	morder-3M.PSD	meu-amigo-ACUSATIVO
	‘uma cobra mordeu meu amigo’		

Procuramos seguir em grande medida as *Regras de Glosagem de Leipzig* que são um conjunto de diretrizes para a anotação consistente de exemplos linguísticos, especialmente para as glosas interlineares. Isso é uma maneira de apresentar um texto em uma língua junto com uma tradução palavra por palavra ou morfema por morfema.

- **Alinhamento Palavra por Palavra:** Cada palavra ou morfema no texto original é alinhado com sua glosa correspondente. Cada linha corresponde a um nível diferente de representação.

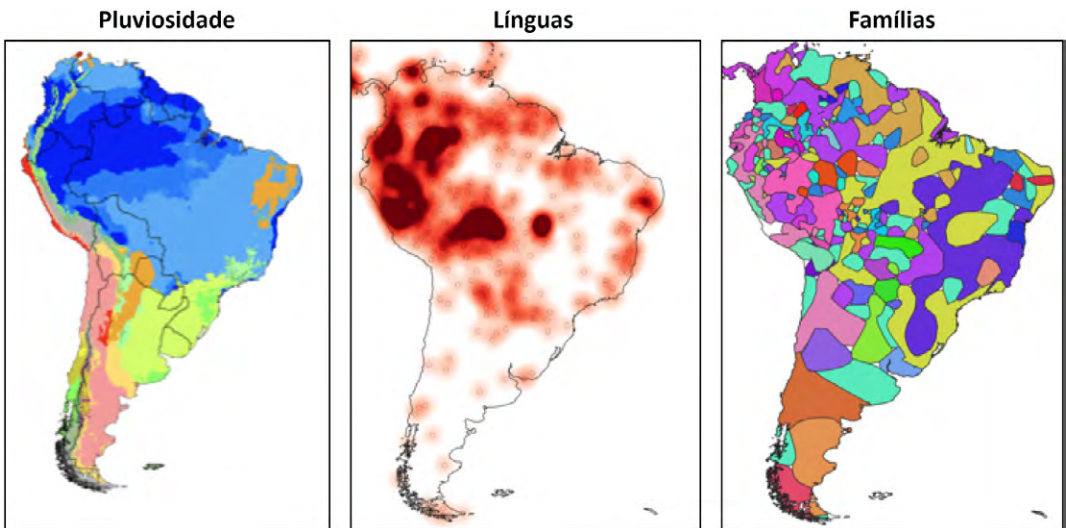
- **Segmentação:** Hífenes são usados para segmentar morfemas dentro de uma palavra (por exemplo, correr-PST para “correu”).
- **Abreviações de Glosa:** Abreviações padrão são usadas para categorias gramaticais (por exemplo, 1SG para primeira pessoa do singular, PST para passado).

O uso de abreviações nas glosas interlineares neste livro foi evitado sempre que possível, mas em muitos casos foram necessários. Seus significados podem ser vistos ao final do livro na seção de Abreviaturas. Apesar de seguirmos as *Regras de Glosagem de Leipzig*, favorecemos algumas abreviaturas cujas letras remetessem de forma mais direta a uma palavra em português.

Para o conhecimento da diversidade linguística na América Indígena

1.2.3 Dinâmicas da diversificação linguística

Figura do @Site 3: Mapas da América do Sul com dados de pluviosidade, áreas com maior densidade de línguas e de famílias linguísticas



1.4.2 Sociedades Indígenas Pré-Coloniais

Figura do @Site 4: Cerâmica com figura humana-felina da cultura Chavín¹



1.4.3 Moinhos de Gastar Línguas: Colonização e Glotocídio desde 1492 d.C.

@Site: Os Taíno na colonização inicial do Caribe

Cristóvão Colombo aportou em outubro de 1492 d.C. no mar do Caribe, tendo entrado primeiramente em contato com os Taíno, os quais dominavam a maior parte das Grandes Antilhas (Bahamas, Cuba, Hispaniola, Jamaica e Porto Rico). Com base nos registros históricos e arqueológicos, sabemos que os Taínos falavam uma ou até duas línguas Aruák distintas, tinham uma sociedade complexa com importantes divisões internas e hierarquia social, somando centenas de milhares de indivíduos, e articulados em redes comerciais que se estendiam pelo Caribe, Mesoamérica e América do Sul (Rouse, 1993). Foram com os Taínos que os espanhóis aprenderam pela primeira vez sobre diversos produtos difundidos hoje no mundo todo, como milho, mandioca, bata-doce, feijão, amendoim, abóbora, goiaba, abacaxi, tabaco, borracha, canoas e redes para dormir. No português, palavras como “tabaco”, “canao”, “cacique”, “canibal”, “furacão” e “savana” são empréstimos linguísticos cuja fonte original era a língua Taíno.

Chamou a atenção de Colombo os ornamentos em *guanin* (uma liga metálica feita de ouro, prata e cobre) que muitos Taíno portavam. Colombo também

¹ Fonte: Wikimedia Commons [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:HombreTransform%C3%A1ndoseEnFelinoCupisnique_\(cropped\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:HombreTransform%C3%A1ndoseEnFelinoCupisnique_(cropped).jpg) (acessado em 21 de agosto de 2024)

notou que os Taíno “dariam servos bons e habilidosos, pois repetem muito rapidamente tudo o que lhes dizemos” e que “facilmente tornar-se-iam cristãos, pois parecem não ter religião”. Dessa primeira viagem, Colombo partiu levando consigo seis Taínos para que aprendessem o espanhol, e, em 1494, voltou com uma frota de 17 barcos e 1500 colonos.

Os primeiros assentamentos espanhóis tinham poucos recursos e sobreviviam da pilhagem dos Taíno. Uma das estratégias de resistência dos indígenas era de abandonar suas vilas, queimar suas roças e enveredar para o centro do mato, com a esperança de que assim os espanhóis não encontrariam nada para comer e fossem embora. Com a chegada crescente de colonos, e um interesse específico da coroa espanhola na mineração, a ordem era dissolver a organização política e social dos Taíno e tomar seus territórios para que se tornassem produtivos para a empresa colonial.

Depois de uma primeira rebelião em 1495, os espanhóis passaram a escravizar os grupos indígenas considerados hostis. A ilha de Hispaniola foi tomada após uma grande traição dos espanhóis, que atraíram os Taíno para celebrar um acordo de paz, apenas depois para eliminá-los numa emboscada. Esse método de mentiras e traições teria sido usado sempre que oportuno pelos europeus na colonização das Américas, mais notadamente na destruição do Império Inca e Azteca, por exemplo.

O tratamento para os grupos Taíno que se rendiam e se aliavam aos espanhóis não foi muito melhor. O sistema de *encomiendas* instituiu o trabalho forçado durante 6 a 8 meses por ano, o que tornava impraticável a agricultura e a vida nas comunidades indígenas. Devido ao sistema de *encomiendas*, guerras e epidemias, em 1514, a população Taíno adulta se reduziu a 22 mil pessoas, e muitas mulheres indígenas estavam casadas com os espanhóis. Em 1524, já havia mais africanos escravizados trazidos ao Caribe do que indígenas, e a existência de aldeias ou outra forma de vida dos Taíno, separada do sistema colonial, já não mais existia. A partir daí, apenas 30 anos desde o início da colonização, os Taínos deixam de figurar nos registros coloniais como um contingente populacional “relevante” para a empresa colonial.

@Site: Os Manao e outros povos Aruák na colonização da Amazônia

Antes de os portugueses fundarem a cidade de Belém em 1616, havia já na Amazônia vários povos indígenas que comerciavam drogas do sertão com holandeses, ingleses e franceses. Os portugueses trataram de expulsar as outras

nações europeias e a perseguir os povos indígenas que eram seus aliados. Os holandeses se estabelecem definitivamente no atual território da Guiana e Suriname, e os franceses, na atual Guiana Francesa.

Para garantir a rentabilidade da colônia, as nações europeias recorrem à mão de obra indígena obtida por meio de guerras contra grupos inimigos e pelo comércio de escravos com povos aliados. Ao mesmo tempo, as sociedades indígenas amazônicas passaram a disputar entre si o comércio com os europeus, principalmente o acesso a instrumentos de metal como facas, facões, machados, panelas, armas de fogo, tecidos etc. Isso gerou uma epidemia de guerras inter e intratribais, que se alastraram pela Amazônia até meados do século XIX.

Os três principais povos Aruák localizados no baixo curso do rio Amazonas eram: os Aruã, que viviam na Ilha de Marajó, na entrada do rio Amazonas; os Aroaqui², encontrados no baixo Rio Negro e no curso central do Amazonas, e os Manao, encontrados no baixo e médio Rio Negro. Em 1654, os portugueses promoveram guerras justas contra os Aruã, aliados aos holandeses, o que os dizimou quase por completo, tendo os sobreviventes migrado para o lado da Guiana Francesa, onde encontraram refúgio com outros povos Aruák.

Os Aroaqui aceitaram em 1657 receber em seu território os portugueses para que fossem convertidos ao cristianismo e para comercializar escravos capturados em outras nações inimigas. Pouco depois, os portugueses começaram a escravizar os próprios Aroaqui, que se rebelaram, iniciando um longo período de guerra contra os portugueses. Perseguidos em seus territórios e atacando os assentamentos portugueses quando conseguiam, os Aroaqui resistiram até meados do século XIX. Pouco a pouco foram perdendo a guerra. A última notícia que temos deles vem de 1880. A maior parte do grupo morreu ou foi incorporada aos assentamentos coloniais, enquanto uma parcela da população parece ter se refugiado nas cabeceiras do rio Uatumã, um afluente da margem esquerda do rio Amazonas (Ramirez, 2020).

Os Manao foram mencionados pelos portugueses pela primeira vez em 1639. Até o momento inicial do contato, eles controlavam boa parte do comércio de ouro, raladores de mandioca, redes, escudos, bordunas etc., nas rotas comerciais que interconectavam a Amazônia Central com os Andes e a região das Guianas. Usando essas mesmas rotas, eles também começaram a comercializar escravos em troca de ferramentas de metal, armas e tecidos

² Também chamados de Aruák ou Arawak, mas não confundir com os Lokono, povo que vive nas Guianas, e que também é eventualmente chamado de Aruák ou Arawak.

dos portugueses e holandeses. Mais de cem anos após a chegada dos portugueses em Belém, muitos grupos Manao estavam organizados numa grande confederação multiétnica que resistia à intensificação da colonização portuguesa na Amazônia Central. A confederação dos Manao foi derrotada em 1727, e o grande cacique Ajuricaba — o então líder da confederação — foi aprisionado. Numa última emboscada dos Manao, Ajuricaba — mesmo acorrentado — conseguiu pular da embarcação onde estava sendo levado, preferindo se afogar do que ser levado pelos portugueses. Depois desse episódio, alguns Manao passaram a trabalhar para os portugueses, obtendo escravos na região das Guianas e trazendo-os para o baixo Amazonas; outros seguiram resistindo até 1757, quando uma última investida Manao foi derrotada. O último registro dos remanescentes Manao foi feito em 1819 no Alto Rio Negro (Métraux, 1940).

@Site: Os Tupi na América Portuguesa

No início da colonização, a costa brasileira estava repleta de povos que falavam uma língua da família Tupi-Guarani, desde a foz do rio Amazonas até o Rio Grande do Sul. O Guarani era falado ao sul de São Paulo e o Tupi (ou Tupinambá) era falado nas demais regiões. Os Tupinambá do sul da Bahia foram os que primeiramente encontraram a frota portuguesa de Pedro Álvares Cabral em 1500. Na Amazônia, na colônia do Grão-Pará e Maranhão, os portugueses também vão encontrar inicialmente uma população Tupinambá. Havia outros povos chamados genericamente como *Tapuya* como os Tremembé que vivem hoje no Ceará, os Goitacá (já extintos) e os Aymoré no Espírito Santo, também conhecidos como Botocudos ou Krenak, falantes de uma língua da família Macro-Jê, e que resistiram à colonização de seus territórios até meados do século XIX.

A exploração da costa brasileira foi duramente disputada por portugueses e franceses nas décadas iniciais da colonização. Como muitos grupos Tupi também eram inimigos entre si, criou-se um cenário para alianças e guerras no início da colonização. A mais conhecida delas foi a Confederação dos Tamoios, quando Tupiniquins e portugueses (católicos) se aliaram para enfrentar os Tupinambás e os franceses (calvinistas). O desfecho veio com a vitória dos portugueses. Aos Tupiniquins aliados, os portugueses “concederam” terras e o cristianismo. Já aos derrotados, continuaram sendo perseguidos e exterminados, com alguns eventualmente cansando de resistir e se fixando nos aldeia-

mentos coloniais. Os Tupiniquim e Tupinambá seguem, hoje em dia, como um grupo étnico do litoral do Espírito Santo e Sul da Bahia, porém suas línguas já não mais são faladas correntemente em suas aldeias.

Durante os primeiros séculos, as línguas Tupi foram usadas como o principal meio de comunicação da colonização portuguesa, tanto por indígenas e mestiços quanto por europeus. Isso ocorreu porque os primeiros assentamentos coloniais eram totalmente dependentes dos povos indígenas, inclusive para sua reprodução física. Logo, as famílias do Brasil eram inicialmente formadas por homens europeus e mulheres indígenas, de modo que as mães da maioria da população colonial — “indígenas aldeados” e caboclos (mestiços) — falavam Tupi. Posteriormente, quando a colonização tornou as mulheres indígenas — antes esposas — em escravas, as *amas de leite* (mulheres que tomavam conta dos filhos dos colonos considerados *cidadãos*) continuaram exercendo esse papel (Barros, 2010).

A substituição do Tupi pelo português ocorreu logo cedo na colonização do Nordeste brasileiro, onde o contingente demográfico de colonos europeus e africanos escravizados aumentou rapidamente. Porém, em São Vicente (São Paulo) e no Grão-Pará e Maranhão tivemos o uso continuado da língua Tupi, dando origem às chamadas Língua Geral Paulista e Língua Geral Amazônica. Por mais de dois séculos, os bandeirantes e colonos contribuíram para a criação de uma população mestiça e para levar o Tupi a regiões onde nunca houve falantes dessa língua. A coroa também visava um maior pragmatismo na gestão da colônia de modo que, inicialmente, incentivou o uso e a difusão da língua Tupi e a igreja usou o Tupi e as chamadas línguas gerais na catequese e na administração de aldeamentos que serviram para difundir o uso da fé e o monolinguismo para populações que não eram falantes de Tupi.

O declínio das línguas gerais de base Tupi ocorre a partir da segunda metade do século XVIII. Foram diversos fatores que contribuíram para isso (ver capítulo 5 para mais detalhes), entre os quais destacamos a diminuição da população indígena e outras mudanças demográficas na população brasileira, bem como o Diretório Geral dos Índios de 1757, emitido pelo Marquês de Pombal, que, entre outras coisas, proibia o uso das línguas indígenas nos aldeamentos coloniais. O Brasil poderia ter se tornado um país bilíngue com português e Tupi como línguas cooficiais? Difícil dizer. De todos os modos, é trágica sua história. Se num primeiro período a política colonial estimulou o uso das línguas gerais a ponto de muitas outras línguas indígenas terem sido extintas, no final do período colonial e no início do Império, as línguas gerais acabam

sendo vítimas dessa política estatal, quando são definitivamente suplantadas pelo português (para mais detalhes sobre as línguas gerais no Brasil e na América Latina, ver capítulo 5).

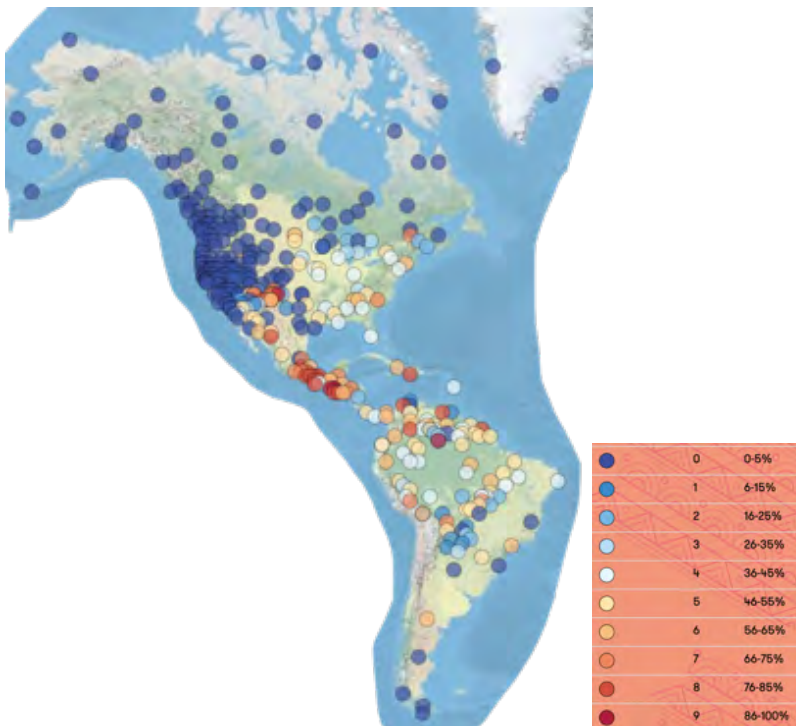
Tabela IBGE 2022 revisado

<https://www.dropbox.com/scl/fi/njj2rpe94oub53bl74b/>

Língua, Sociedade e Cultura

2.1.1 Diversidade de culturas e povos

Figura do @Site 5: Proporção relativa da agricultura frente a outras estratégias de subsistência entre povos indígenas das Américas. Em azul os povos com pouca ou nenhuma agricultura, e em vermelho aquelas com agricultura mais intensiva (Kirby et al., 2016).¹



¹ Dados do Ethnographic Atlas, acessado em 19 de Outubro de 2021 em <https://d-place.org/parameters/EA005#1/30/153>.

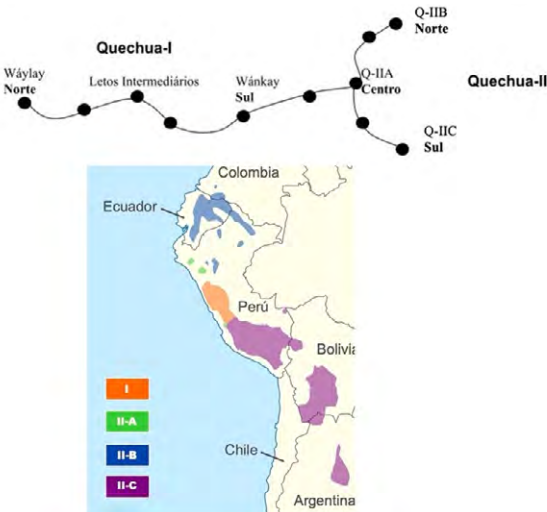
2.1.4 Continuidades e descontinuidades culturais nas famílias linguísticas

Figura do @Site 6: O Templo Maior dos Mexica e os Tipis dos Shoshone²

	
O Templo Mayor foi erguido na capital imperial Tenochtitlán; tinha cerca de 8 mil metros quadrados de área, 60 metros de altura, numa estrutura piramidal, era usado para diversas cerimônias e oferendas religiosas, servindo como o símbolo principal do poder, riqueza e tradição do império Azteca.	Os Shoshone, como outros povos das Montanhas Rochosas e Planícies dos EUA e Canadá, construíam os chamados Tipis (ou Teepees), que são estruturas cônicas feitas de pele de búfalo costuradas (geralmente entre 8 e 15 peles), sustentadas por pelo menos três ou quatro postes, onde cabem de 8 a 40 pessoas a depender do tamanho, e que eram usados como residência e local para rituais, podendo ser desmontados e carregados quando os grupos se deslocavam.

2.2.1 Dialeto e Socioleto

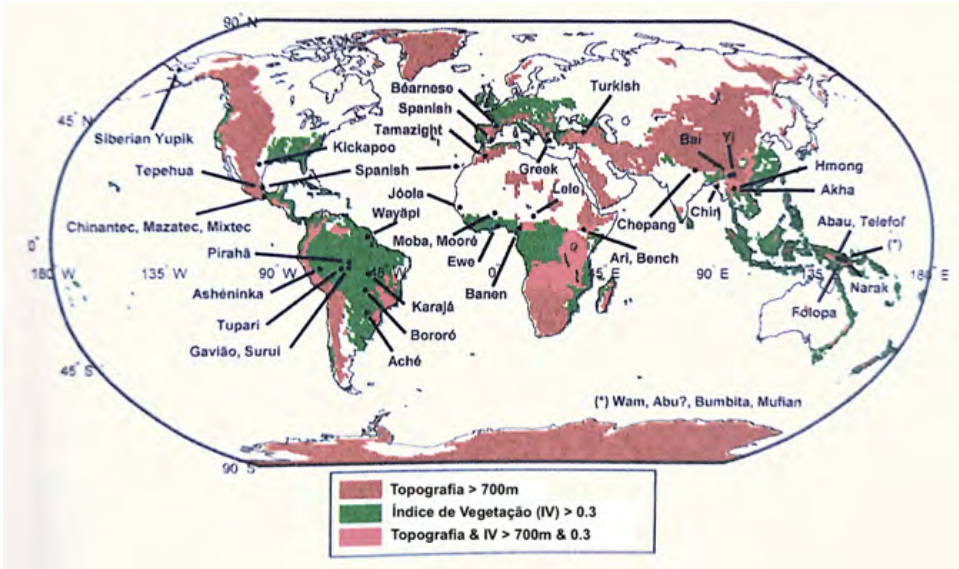
Figura do @Site 7: Continuum dialetal e subgrupos da família Quechua (a partir de Torero 2007)³



² Imagem do Templo Mayor e Tipi Shoshone extraídos, respectivamente, de: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Templo_Mayor_Tenochtitlan.jpg; https://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Shoshoni_tipis.jpg.
³ Fonte do mapa: Wikimedia Commons [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Quechua_\(with_country_names\).svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Quechua_(with_country_names).svg) (acessado em 21 de agosto de 2024)

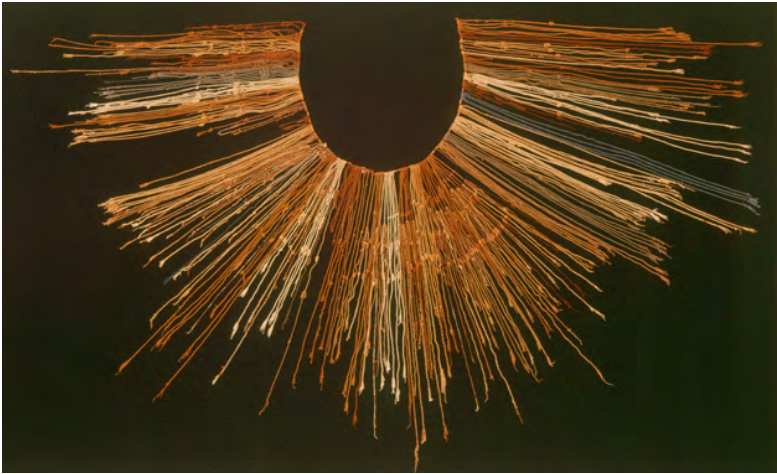
2.2.4 Falas assoviadas e percussivas

Figura do @Site 8: Distribuição dos letos silvados pelo mundo (Meyer 2015)



2.3.1 Escritas Indígenas

Figura do @Site 9: Um Khipu usado nos Andes como sistema de registro de informações⁴



⁴ Fonte: Wikimedia Commons https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Inca_Quipu.jpg (acessado em 21 de agosto de 2024).

Figura do @Site 10: Silabário Cherokee. Cada consoante que inicia uma sílaba está representada em linhas. Sua combinação com uma das seis vogais está representada nas colunas. As letras no alfabeto latino (em cinza claro) indicam a pronúncia de cada sílaba⁵

a	e	i	o	u	v [ə]
D a	R e	T i	Ꮘ o	Ꮚ u	i v
Ꮝ ga Ꮕ ka	Ꮛ ge	Ꮞ gi	A go	J gu	E gv
Ꮗ ha	Ꮠ he	Ꮚ hi	F ho	Ꮛ hu	Ꮗ hv
W la	Ꮝ le	P li	G lo	M lu	Ꮝ lv
Ꮗ ma	Ꮟ me	H mi	Ꮞ mo	Ꮞ mu	
Ꮕ na Ꮝ hna G nah	Ꮟ ne	Ꮗ ni	Z no	Ꮝ nu	Ꮗ nv
Ꮟ qua	Ꮟ que	Ꮞ qui	Ꮞ quo	Ꮟ quu	Ꮗ quv
Ꮟ s Ꮞ sa	Ꮞ se	Ꮗ si	Ꮞ so	Ꮞ su	R sv
Ꮟ da W ta	S de Ꮞ te	Ꮗ di Ꮟ ti	V do	S du	Ꮞ dv
Ꮞ dla Ꮞ tla	L tle	C tli	Ꮞ tlo	Ꮞ tlu	P tlv
G tsa	V tse	Ꮗ tsi	K tso	Ꮞ tsu	Ꮞ tsv
G wa	Ꮞ we	Ꮞ wi	Ꮞ wo	Ꮞ wu	Ꮞ ww
Ꮞ ya	Ꮞ ye	Ꮞ yi	Ꮞ yo	Ꮞ yu	B yv

Figura do @Site 11: Contagem de Inverno Sioux elaborada em 1880 com registros em couro de búfalo dos principais eventos históricos em um período de 70 anos⁶



⁵ Fonte: Wikimedia Commons [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Quechua_\(with_country_names\).svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Quechua_(with_country_names).svg) (acessado em 21 de agosto de 2024).

⁶ Fonte: Wikimedia Commons o [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Annual_report_of_the_Bureau_of_Ethnology_to_the_Secretary_of_the_Smithsonian_Institution_\(1882\)._\(19362239335\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Annual_report_of_the_Bureau_of_Ethnology_to_the_Secretary_of_the_Smithsonian_Institution_(1882)._(19362239335).jpg) (acessado em 21 de agosto de 2024).

Áudio

2-1_kubeo_conversa de tabaco.wav

Vídeos

Rap Guarani Kaiowa

<https://www.youtube.com/watch?v=nKRA8PLIFAs>

Fala Silvada – Chinantecos e Mazatecos

<https://www.youtube.com/watch?v=U8IDOmjoxzw&t=201s>

Fala Percusssiva – Manguaré dos Bora

https://www.youtube.com/watch?v=yVMcP_fxEx4

Língua Indígena de Sinais Norte Americana (American Indian Sign Language)

https://youtube.com/playlist?list=PLZk_M4sUVTd8ZpnV6b2ZqfoCzL-Plizbze&si=2EgT7qBxkaKb3Blr

<https://www.youtube.com/watch?v=O0TcNz3JjZU>

<https://www.youtube.com/watch?v=bfT2a5SGDFA&t=3s>

História em Língua de Sinais Ka'apor

<https://www.youtube.com/watch?v=ltuSbKYQBP4&t=48s>

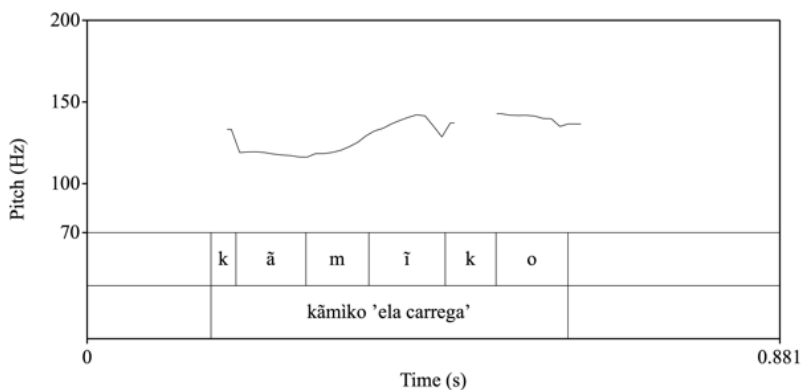
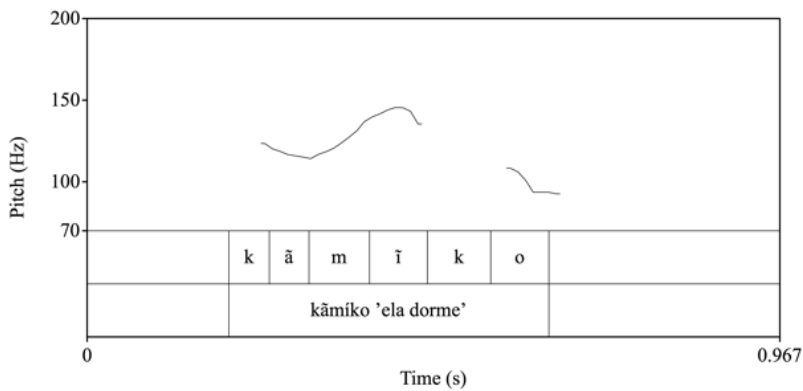
Tabela Lista de Línguas Indígenas de Sinais

<https://www.dropbox.com/scl/fi/4cxx3bk636m7h4mmqpn9j/>

Diversidade Tipológica

3.1.3 Tons

Figura do @Site 12: tons em Kubeo medidos foneticamente pelas curvas de F0 (frequência fundamental) extraídas para as palavras *kāmiko* [kã'míkò] 'ela dorme' e *kāmiko* [kã'míkó] 'ela carrega na cintura'



Em um total de 288 línguas distribuídas em 20 famílias linguísticas das Américas, encontramos seis famílias com mais de 50% de línguas tonais. Cinco famílias não apresentam línguas tonais, enquanto as demais famílias têm apenas algumas poucas línguas tonais. A Tabela 1 nos mostra uma amostra dos dados.

Tabela 1: Famílias Linguísticas, número e proporção de línguas tonais e não-tonais na amostra de Maddieson (2013) e Chacon e Carvalho (2020)

Família	Total de línguas na amostra	Línguas não-Tonais	Línguas Tonais	Línguas Tonais/ Total de Línguas
Otomangue	10	0	10	100%
Tikuna	1	0	1	100%
Tukano	18	2	16	89%
Nambikwara	5	1	4	80%
Naduhup	4	1	3	75%
Iroquês	3	1	2	67%
Na-Denê	7	3	4	57%
Chibcha	8	4	4	50%
Pano-Takana	18	12	6	30%
Aruák	25	17	8	30%
Tupi	19	13	6	30%
Maya	4	3	1	25%
Uto-Azteca	8	6	2	25%
Álgica	5	4	1	20%
Karib, Macro-Jê, Yanomami, Quechua, Aymara	20, 7, 2, 5, 2	20, 7, 2, 5, 2	0	0%

Na América do Norte, a distribuição das línguas tonais segue, em grande parte, a localização das línguas da grande família Na-Denê, a mais consistentemente tonal nessa região, sendo tons reconstruíveis para o Proto-Atabasko (a maior subfamília Na-Denê; ver capítulo 4) (Krauss 2005). Temos ainda, na região do Golfo, a pequena família Muskogee, e, nas Planícies, as pequenas famílias Kiowa-Tano e Caddo como consistentemente línguas tonais. Outras famílias como Álgica, Iroquês, Sioux e Uto-Azteca são marginalmente tonais, ou seja, apresentam tons apenas para algumas línguas.

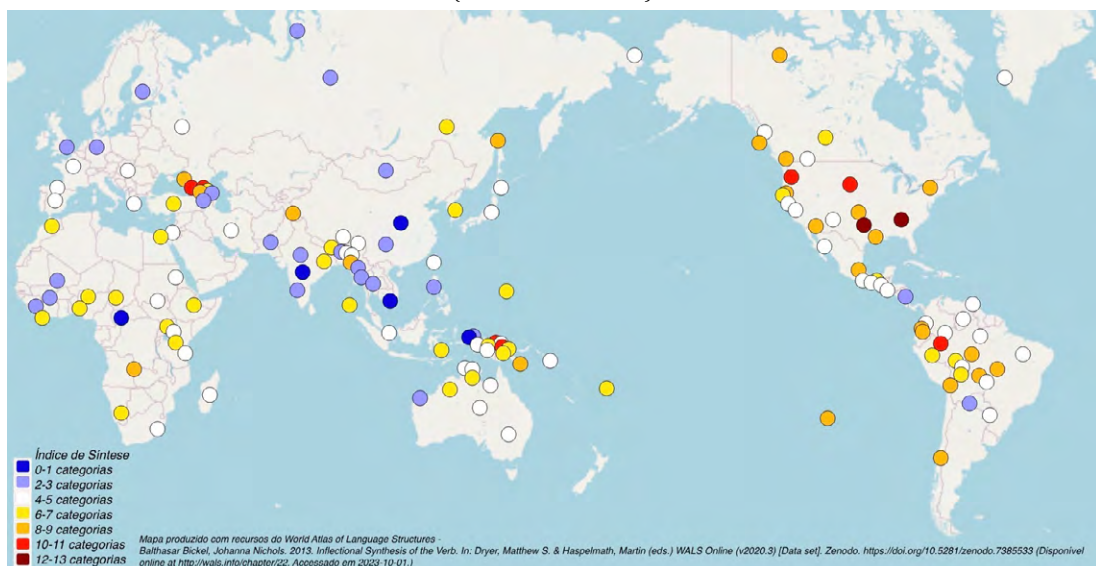
Na Mesoamérica, a família Otomangue é 100% tonal, além de apresentar alguns dos sistemas mais complexos do continente. Outras famílias que margi-

nalmente apresentam línguas tonais são: Maya (línguas Yukateko e Uspanteko), Uto-Azteca (Huichol, Hopi, etc.) e a pequena família Huave (Soarez, 1983: 51).

Na América do Sul, vê-se que as línguas tonais estão sobretudo concentradas no Oeste e Norte do continente, mais do que no Sul e Leste, e mais nas Terras Baixas do que nas Terras Altas. As famílias Chibcha (Norte), Nambikwara (Sudoeste Amazônico), Tukano e Naduhup (Noroeste Amazônico) são as mais consistentemente tonais, juntamente com um alto número de línguas isoladas e pequenas famílias (Aikanã, Bora, Witoto, Andoke etc.) que também se encontram nas mesmas regiões onde essas línguas são faladas. Famílias com distribuição mais ao Leste, como Karib e Macro-Jê, não registram línguas tonais em nossa amostra. A família Tupi tem um terço de línguas tonais, como Gavião, Karitiana, Karo, Munduruku, Xipaya e Suruí, mas nenhuma pertence à subfamília Tupi-Guarani. A maioria das línguas Aruák localizadas nas partes Oeste e Noroeste da Amazônia é tonal, incluindo a língua mais meridional, Terena, hoje falada na região do Pantanal. A família Pano-Takana registra 6 línguas tonais em nossa amostra, e todas pertencem à subfamília Pano (Ama-waka, Kaxinawa, Kashibo-Kakataibo, Chácobo, Kapanawa e Sharanawa (Marinawa ou Arara do Acre), não havendo tons nas línguas Takana.

3.2.3 Grau de Síntese

Figura do @Site 13: distribuição de línguas como diferentes índices de síntese de flexão verbal (Bickel e Nichols 2013)



Dryer (2013b) utilizou 10 categorias gramaticais de nomes e verbos para calcular um índice de afixação em mais de 969 línguas do mundo, determinando se a língua tem uma tendência a apresentar mais sufixos ou prefixos ou ainda se é uma língua exclusivamente sufixante ou prefixante. Caso determinada categoria fosse encontrada numa língua, seria atribuído 1 ponto ao índice de prefixação se a língua usasse prefixos ou 1 ponto ao índice de sufixação se a língua usasse sufixos para expressar as categorias acima. Somando os índices de sufixação e prefixação, teríamos o índice de afixação total de cada língua, a partir do qual se pode calcular a proporção de quão sufixante ou prefixante é uma língua. Por exemplo: uma língua que tenha 3 operações morfossintáticas realizadas por sufixos e 1 por prefixos tem um total de 4 no seu índice de afixação, sendo ainda predominantemente sufixante com 75% (3/4) de morfologia sufixante e 25% (1/4) de morfologia prefixante. Se o índice de afixação de uma língua for 1 ou 2, ela é considerada como um caso de língua com **pouca afixação** (ou mais tradicionalmente conhecida como isolante). As línguas com um índice igual ou maior que 3 são classificadas nas seguintes categorias, de acordo com a proporção de operações sufixantes ou prefixantes:

▪ Fortemente prefixante	81% das operações morfossintáticas
▪ Fortemente sufixante	81% das operações morfossintáticas
▪ Igualmente prefixante e sufixante	40% a 60% das operações morfossintáticas
▪ Levemente prefixante	40% a 60% das operações morfossintáticas
▪ Levemente sufixante	61% a 80% das operações morfossintáticas
▪ Pouca afixação	61% a 80% das operações morfossintáticas

Os resultados do trabalho de Dryer estão resumidos na Tabela do @Site 1. Repartimos sua amostra entre um recorte global e outro exclusivo para as Américas, como um total de 246 línguas, sendo 142 na América do Norte e 104 na América do Sul, distribuídas entre diferentes famílias e regiões. Vemos que apenas 13 línguas foram analisadas como tendo pouca afixação. Esse número corresponde a apenas 6% das línguas das Américas, levemente inferior à tendência global de 14%. O padrão mais frequente nas Américas é o de morfologia sufixante, ocorrendo em 124 línguas, cerca de 50% da amostragem de Dryer (somando as com morfologia fortemente e levemente sufixante). No mundo, são cerca de 55% das línguas com esse mesmo padrão. Vemos, assim, que as línguas das Américas se conformam com o padrão global de evitar uma morfologia mais predominantemente prefixante. Ao mesmo tempo, chama a atenção o fato de que cerca de um terço das línguas das Américas serem igualmente sufixantes e prefixantes, enquanto no mundo essa proporção cai para menos de 15%.

*Tabela do @Site 1: Tendências sufixantes e prefixantes nas línguas das Américas e no mundo
(calculado a partir de Dryer, 2013b)*

	Mundo		Américas	
	Contagem	Porcentagem	Contagem	Porcentagem
Fortemente prefixante	58	6%	12	5%
Fortemente sufixante	406	42%	88	35%
Igualmente prefixante e sufixante	147	15%	71	29%
Levemente prefixante	94	10%	26	10%
Levemente sufixante	123	13%	36	15%
Pouca afixação	141	14%	13	6%

Algumas famílias linguísticas com padrão fortemente sufixante estão espalhadas em todos os cantos das Américas: Eskimó-Aleúte na América do Norte; Barbacoa, Quechua e Aymara nos Andes; e Tukano e Pano-Takana no Noroeste e Oeste da Amazônia, respectivamente. Não existem famílias linguísticas fortemente prefixantes, mas algumas apresentam maior tendência à prefixação, como a família Iroquês, Na-Denê e metade das línguas Maya. As famílias Karib e Otomangue exibem línguas com morfologia igualmente prefixante e sufixante; em menor escala, Uto-Azteca e Aruák também mostram uma grande proporção de línguas igualmente prefixante e sufixante, ainda que nessas famílias cerca de 50% ou mais das línguas são mais sufixantes do que prefixantes. A família Tupi aparece dividida entre os principais tipos: entre as nove línguas na amostra de Dryer, três como igualmente prefixante e sufixante (Emerillon, Kamaíurá, Tapieté), duas são classificadas com pouca afixação (Ramarama e Tuparí, duas línguas não Tupi-Guarani), três como mais prefixantes (Guarani, Sirionó e Kaapor).

3.3.3 Gênero, Classes Nominais e Classificadores

@Site: Principais tipos de categorias semânticos de gênero nas Américas
Animacidade

Sistemas de gênero opondo animado versus inanimado ocorrem de forma prototípica na família Algonquiana, marcado pela expressão de número (singular e plural), demonstrativos e verbos. Na família Kiowa-Tano, gênero é expresso nos índices pessoais verbais, sufixos nominais de número, demonstrativos e adjetivos. Línguas da América do Norte com gênero marcado apenas em pronomes de terceira pessoa são o Paiute do Sul, língua da família Uto-Azteca. Gênero apenas marcado no plural ocorre nas línguas Na-Denê, Yuki, Karok, Yana, Miwok, Costano, e Hopi (Uto-Azteca) que além de animado ou inanima-

do também distingue a classe de vegetais. Na América Central, gêneros animado e inanimado estão presentes em algumas línguas Otomangue Tequislateko (Costenla-Umaña 1991: 117). Na América do Sul, vemos essa oposição nos demonstrativos das línguas Kariri (isolada) e Tariana (Aruák), bem como nos pronomes da língua Jarawara (Arawá), diversas línguas Karib (como Hyxkariana e Apalaí), Ocaina (Witoto) e Yagua (Peba-Yagua).

Sexo

Na América do Norte, línguas da família Chimaku e Salish distinguem os gêneros masculino e feminino. Na Califórnia, apenas as línguas Pomo, sendo isso restrito aos pronomes de 3ª pessoa singular. Na América do Sul, sistemas de gênero que contrastam apenas sexo são mais comuns em línguas da família Aruák, como Palikur, Apurinã, Achagua, Yukuna, Baniwa, Tariana, Baure. Línguas Macro-Jê apresentam sistemas menos prototípicos. Em Rikbatsa há dois clíticos nominalizadores que categorizam um nominal derivado em masculino e feminino (Silva 2011). Em Kaingang, encontramos marcas pessoais de terceira pessoa. O Kadiwéu (Guaikuru) marca gênero masculino e feminino em adjetivos e demonstrativos. Nos Andes, a língua isolada Mosestén marca gênero nos pronomes, modificadores e verbos. Em um sistema menos prototípico, a língua Chipaya (Uru-Chipaya) tem um clítico nominal que indexa o sujeito no sintagma que leva o foco da oração, como o predicado, mas também qualquer outro constituinte do SN.

Sexo e Animacidade

Na América do Sul, predominam sistemas de gênero que combinam sexo e animacidade, em que, em geral, sexo é uma categoria que distingue apenas nomes animados, enquanto nomes inanimados exibem marcas de gênero distintas, como nas línguas das famílias Guahibo, Tukano, Txapakura, Chon, as línguas Palikur e Lokono da família Aruák, e a língua isolada Movima. Na América do Norte, línguas da família Chinook opõem em seu sistema o masculino, o feminino e o neutro, essa última categoria sendo usada para referentes indefinidos. Na família Iroquesa, as línguas do ramo norte dispõem dos gêneros masculino e feminino para os humanos e o inanimado para os não humanos.

3.4.2 Ordem de Palavras na Oração

@Site Síntese Comparativa e bases de dados globais sobre a ordem básica de palavras

Em seu estudo clássico sobre ordem de palavras, Joseph Greenberg (1963) comparou cerca de 30 línguas ao redor do globo e atestou apenas três ordens

possíveis: SVO (como português), SOV (como o Latim) e VSO (como o Irlandês). Estudos mais recentes, como Dryer (2013) e Hammarström *et al.* (2016), com base numa amostragem imensamente maior do que a de Greenberg, não só mostram padrões não atestados anteriormente (OVS, OSV e VOS), mas são estatisticamente robustos para permitir analisar diferenças na frequência de cada ordem de palavras nas línguas do mundo. Conforme vemos na Tabela 2 , as ordens OVS, OSV e VOS têm uma distribuição bem mais limitada do que SVO, SOV e VSO.

Tabela do @Site 2: Ordens de palavras nas línguas do mundo de acordo com Dryer (2013) e Hammarström et al. (2016)

<i>Ordem de Palavras</i>	<i>Hammarström et al. (2016)</i>		<i>Dryer (2013)</i>	
SOV	2.275	43,3%	565	41%
SVO	2.117	40,3%	488	35%
VSO	503	9,5%	95	7%
VOS	174	3.3%	25	2%
OVS	40	0,7%	11	0,7%
OSV	19	0,3%	4	0,3%
sem ordem dominante	124	2,3%	189	14%
Totais	5.252		1.370	

Os dados de Dryer também nos permitem fazer uma análise comparativa entre as diferentes regiões das Américas, como resumido na Tabela do @Site 3.

Tabela do @Site 3: Ordens de palavras nas línguas da América (elaborado com base em Dryer 2013)

<i>Ordem</i>	<i>América do Norte</i>	<i>Mesoamérica</i>	<i>América do Sul</i>	<i>Total</i>	
SOV	56	2	71	129	42%
SVO	3	13	24	40	13%
VSO	15	21	6	42	13%
VOS	2	6	4	12	4%
OVS	-	-	7	7	2%
OSV	-	-	1	1	0,3%
Não dominante	50	7	21	78	25%
Totais	126	49	134	309	100%

As ordens OVS e OSV são igualmente raras nas Américas e no mundo. A ordem SOV ocorre em 42% das línguas ameríndias, próximo ao valor global. Por outro lado, SVO é pouco frequente nas Américas, ocorrendo em apenas 13% das línguas, contra 35% numa escala global. Nas Américas cerca de 25% das línguas se apresentam sem uma ordem dominante de palavras, proporção superior à de outras regiões do globo. A América do Norte se destaca com quase 40% de suas línguas apresentando esse padrão. A Mesoamérica se destaca pelo fato de mais da metade de suas línguas seguirem uma ordem VSO ou VOS, além de pouquíssimas línguas com ordem básica SOV.

Algumas famílias linguísticas podem ser caracterizadas pela alta recorrência de uma mesma ordem básica de palavras entre suas línguas. Famílias com grande número de línguas SOV são Macro-Jê, Tupi, Pano, Tukano, Chibcha, Uto-Azteca, Sioux, Na-Denê e Muskogoe. As famílias Aruák e Guaicuru são os únicos exemplos de famílias com maior número de línguas SVO. Otomangue e Salish são famílias com maior número de línguas VSO, enquanto as línguas Mayas são majoritariamente VSO, com algumas VOS. A ordem OVS é mais recorrente em línguas da família Karib do que nas demais famílias, ainda que seja igualmente recorrente línguas SOV e sem uma ordem dominante de palavras na família Karib. Na América do Norte, as famílias Iroquesa e Álgica possuem a grande maioria ou quicá todas as suas línguas sem uma ordem dominante de palavras. É interessante notar que os padrões mais raros como OVS e OSV não são predominantemente encontrados em nenhuma família linguística. Isso sugere que esses padrões são inovações recentes de certas línguas e/ou que são padrões instáveis e dificilmente transmitidos na diversificação das famílias linguísticas.

3.4.3 Alinhamento morfossintático

@Site: Marcação diferencial de sujeito

Como vimos, a língua Quechua de Imbabura apresenta um alinhamento Nominativo-Acusativo. Seus dados ficam mais interessantes quando notamos que um pequeno número de argumentos S é marcado pelo morfema acusativo *-ta*, como em (0.1). Argumentos S marcados pelo caso acusativo, os chamados “experenciadores acusativos” por Cole (1982: 107), são bastante restritos, ocorrendo apenas em combinação com predicados como “ter sono” e “ter calor”, ou seja, processos corporais que afetam o sujeito verbal. Fazem parte do que se conveniou chamar de *Marcação Diferencial de Sujeito*, ou seja, um sistema de marcação de caso em que alguns sujeitos são marcados de modo diferente dos demais.

(0.1) *Marcação Diferencial de Sujeito em Quechua de Imbabura (Cole 1982: 108)*

Husi-ta	puju-naja-n
José-AC	dormir-querer-3
'José está com sono'	

Cole mostra que os experienciadores acusativos se comportam de fato como qualquer outro sujeito com relação a outras construções sintáticas da língua. Ele fornece evidência a partir de padrões de *controle* de sujeitos anafóricos em orações subordinadas como vemos abaixo:

(0.2) *Mecanismos de controle mostrando alinhamento de A e S-acusativo em Quechua de Imbabura*

- | | | | | |
|----|--------------------------------|---------|-----------------------------|-------------------|
| a. | Marja kaɬari-n | [∅ | Juan-ta | riku-j-ta] |
| | Maria começar-3 | ANÁFORA | Juan-AC | ver-INFINITIVO-AC |
| | 'Maria começa [a ver Juan]' | | | |
| b. | Marja kaɬari-n | [∅ | puñu-naja-na-ta] | |
| | Maria começar-3 | ANÁFORA | dormir-querer-INFINITIVO-AC | |
| | 'Maria começa [a sentir sono]' | | | |

As orações subordinadas entre colchetes [] não têm um sujeito explícito dentro de seu sintagma, mas apresentam uma anáfora-zero "∅" que serve para retomar os mesmos sujeitos que estão expressos na oração principal. O fato de o sujeito dos verbos *riku* 'ver' e *puñu-naja* 'dormir' serem igualmente correferenciados ao argumento A da oração principal mostra que os experienciadores acusativos se comportam da mesma maneira que argumentos A e S. Assim, vemos que mesmo se morfologicamente um sujeito experienciador possa estar marcado pelo caso acusativo, sintaticamente ele se comporta como outros sujeitos da língua dentro de um alinhamento Nominativo-Acusativo.

@Site: *Marcação Diferencial de Objeto*

Nesses sistemas, em geral, o caso acusativo é reservado apenas para os argumentos O que sejam altos na hierarquia de animacidade, semanticamente definidos e específicos, enquanto os demais argumentos O não recebem marca de caso acusativo. Vejamos os exemplos abaixo do Kubeo.

(0.3) *Marcação Diferencial de Objeto em Kubeo*

O — acusativo: Humano, Definido, Específico

ãðã	kũ-ame	jì-kakì-re
cobra	morder-3M.PSD	meu-amigo-ACUSATIVO
'uma cobra mordeu meu amigo'		

O — acusativo: Inanimado, Definido, Específico

hapopo-ha-ki	mi	kuitotekahe-a-re
estender-IMP-M	2SG.POS	roupa-PL-ACUSATIVO
'estenda as tuas roupas'		

O — não-acusativo: Inanimado, Indefinido, Não-Específico

kuitotekahe-a	hoa-biko
roupa-PL	lavar-3FEM
'ela lavou roupas'	

@Site: Sistemas Hierárquicos e Inversos

Numa língua de marcação de núcleo, em que os argumentos são marcados como parte da morfologia verbal, a marcação morfológica de dois argumentos de um verbo transitivo não será possível caso o verbo nesta língua tenha apenas uma posição morfológica disponível para a indexação de argumentos. Muitas línguas indígenas encontram-se nessa situação. Um dos recursos utilizados é o que se chamou de *hierarquia referencial* em que os falantes devem escolher um dos argumentos como o mais relevante sob um ponto de vista informacional e gramatical para ser codificado.

Vejamos o caso da língua Apyãwa (Tapirapé, família Tupi-Guarani) (Praça 2007). Há somente uma posição argumental na morfologia verbal. Num verbo transitivo, quando os dois argumentos são de 3ª pessoa, o agente é marcado por *a-* '3'. Porém, quando a situação envolve a 1ª e a 3ª pessoa simultaneamente, o falante deve sempre marcar a 1ª pessoa no verbo. A função sintática da 1ª pessoa, no entanto, será assinalada de forma distinta, como *ã-* '1ª singular agente' ou *xe-* '1ª singular paciente':

(0.4) *Sistema hierárquico em Apyãwa (Praça, 2007)*

Argumento A e O são 3ª pessoa

a-mamin	rõ'õ	w-ã'ir-a
3.I-embrulhar	N.ASS	3.III-filho-REFER
'parece que ele embrulhou o filho dele'		

Argumento A é 1ª pessoa e O é 3ª pessoa

ã-nopĩ
1SG.AGENTE-bater
'eu bati nele'

Argumento A é 3ª pessoa e O é 1ª pessoa

pãfe	je=piter
pajé	1SG.PACIENTE=chupar
'o pajé me chupou'	

Quando as pessoas envolvidas são a 2ª e a 3ª, o falante deverá marcar sempre a 2ª pessoa. De fato, a terceira pessoa somente será marcada se não houver uma 1ª ou 2ª pessoa envolvida na situação. Mas como será que fica quando a 1ª e a 2ª pessoa estão ambas envolvidas na situação? Aqui, vemos que o verbo marca apenas a 1ª pessoa. Isso nos mostra que há uma hierarquia na marcação dos argumentos de um verbo transitivo que se traduz numa hierarquia de pessoa:

1 > 2 > 3

Nessa hierarquia, está previsto que quando houver dois argumentos e o verbos codificar apenas um, o argumento a ser marcado será o mais alto (ou à esquerda) na hierarquia.

Note ainda que a hierarquia não resolve tudo, pois tornaria homófonos os predicados em que a 1ª pessoa é o paciente e a 2ª ou 3ª pessoa é o agente. Ou seja, saberemos que a primeira pessoa sofre a ação, mas não quem seria o agente. Segundo Praça (2007: 103), haveria uma classe exclusiva de pronomes em posição final de sentença que identifica quando o sujeito é ou inclui o ouvinte, como *jefe* ‘2ª pessoa singular age sobre a 1ª pessoa singular’.

Áudios

3-1_mazatec_æ.wav

3-2_mazatec_æ.wav

3-3_ninam_ehehe.wav

3-4_ninam_umuu.wav

3-5_quechua_k.wav

3-6_quechua_k'.wav

3-7_baniwa_desvozeadas.wav

3-8_orowin_vibrante-bilabial.aiff

3-9_kubeo_kãmiko1.wav

3-10_kubeo_kãmiko2.wav

Famílias Linguísticas

4.2.1 Famílias Linguísticas da América do Sul

@Site: Notas sobre estudos comparativos e classificações internas de famílias médias e pequenas da América do Sul

Línguas **Arawá**, também ocasionalmente referidas como Madi, são faladas nas bacias dos rio Purús e Juruá, no oeste do estado do Amazonas. Essa família foi proposta como parte de um suposto Tronco Aruák, mas isso nunca foi comprovado. Os principais estudos comparativos são Dixon (2004) e Dienst (2009).

A família **Chicham** (ou Jívaro) está localizada no sopé andino do norte do Peru e sul do Equador. Ela é composta de quatro línguas — Aguaruna, Huambisa, Achuar (ou Achual) e Jívaro (ou Shuar). Todas as línguas estão intimamente relacionadas, enquanto Aguaruna é a mais divergente (Adelaar; Muysken 2004).

A família **Chocó** é constituída pelas línguas faladas no litoral do Pacífico colombiano e no Panamá, onde é falada a língua Waunana ou Woun Meu. Essa última é a língua mais divergente, enquanto as demais podem ser vistas como um continuum dialetal, com distintas variedades divididas pelos diferentes rios em que habitam seus falantes (Aguirre Licht, 2006)

A família **Guaicuru** está dividida entre um ramo norte, hoje representado apenas pelo Kadiwéu, falado no Mato Grosso do Sul, e um ramo sul com cerca de 4 línguas encontradas no Paraguai e Argentina (Viegas-Barros, 2013a; ver também Viegas Barros 2013b sobre uma relação genética entre as famílias Mataguayo e Guaicuru Viegas-Barros, 2013b).

As línguas **Guahibo** formam uma família de 4 ou talvez 5 línguas bastante próximas, faladas ao norte da América do Sul. Christian; Matteson (1972) propõem uma reconstrução do sistema fonêmico. Houve várias tentativas de agrupar as línguas Guahibo com Aruák, mas, como aponta Queixalós (1993), não há uma relação genética entre essas famílias, embora existam evidências de contato entre elas.

Línguas da família **Mataguayo**, também conhecida como Mataco-Mataguayo, são faladas na região do Chaco argentino, paraguaio e boliviano. As línguas Mataguayo são divididas em dois subgrupos, cada um com duas línguas, Chorote e Wichí, por um lado, e Nivaclé-Maká, por outro (Campbell 2024).

A família **Naduhup** é falada na região de interflúvios entre o rio Japurá e o Alto Rio Negro. Seu nome advém da junção entre os nomes de suas quatro línguas **Nadëb**, **Dâw**, **Hup** e **Yuhup**, e foi proposto como alternativa ao termo Makú, antigo nome da família que — além de ser depreciativo — abrigava num só grupo genético a família Naduhup e a família **Kakua-Nukak** (Martins, 2005) e quiçá também a língua isolada **Puinave** — a chamada hipótese **Makú-Puinave**. Mais recentemente, Epps; Bolaños (2017) assumiram uma posição mais cautelosa ao revisarem as evidências existentes à luz de novos dados e sugeriram que não haveria evidências convincentes para agrupar qualquer uma dessas três unidades, embora as semelhanças entre Puinave e Kakua-Nukak levantam uma possibilidade de relacionamento genético distante. Para se avançar nos estudos comparativos da família, faz-se necessário uma melhor documentação da língua Nadëb.

A família **Nambikwára** está distribuída no sudeste de Rondônia e noroeste do Mato Grosso, somando em torno de 6 a 3 línguas. As classificações mais recentes trazem a família dividida em três ramos, com a língua Sabanê sendo a mais divergente, e os ramos Nambikwara do Norte (e.g. Latundê, Lakondê, Mamaindê) e do Sul (diversos dialetos) sendo os mais próximos (Telles; Wetzels, 2011).

A família **Sáliba-Hodi** é uma proposta de agrupamento genético entre o que são consideradas por muitos especialistas como duas famílias distintas: a língua isolada Hodi (Hodĩ ou Jotĩ) e a família Sáliba-Piaroa (com as línguas Sáliba, Piaroa e Máko [não confundir com a hipótese “Makú” nem com a língua isolada Máko]). A língua Hodi foi objeto de hipóteses de relações genéticas com outras famílias, como “Makú-Puinave”, Yanomami e Karib (Labrada,

2019). Zamponi (2017) analisa uma possível relação entre Sáliba, Hodi e a língua isolada Betoï-Jarajara. Enquanto ele sugere que há correspondências sonoras e outras evidências para uma relação genética distante entre Sáliba e Betoï-Jarajara, Zamponi argumenta que as similaridades entre Hodi e Sáliba se devem ao fato de que Hodi esteve anteriormente em contato com as três línguas Sáliba e realizou diversos empréstimos lexicais e gramaticais de cada uma dessas línguas em separado. Já Labrada (2019) argumenta a favor do agrupamento genético entre Hodi e Sáliba, apresentando conjuntos de cognatos compartilhados, correspondências sonoras e um conjunto de semelhanças gramaticais compartilhadas pelas quatro línguas.

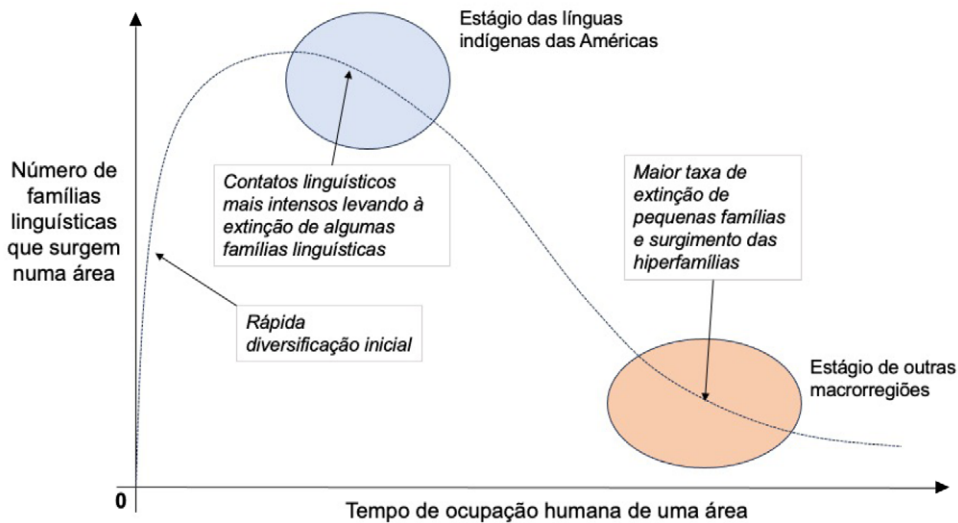
As línguas ***Txapakura*** são faladas desde o norte da Bolívia, Rondônia e Amazonas, ao longo da bacia do rio Madeira. Essa família é composta por 10 a 12 línguas, divididas em três ramos Txapakura, Moré e Wari', cada um com um grupo de variedades muito próximas. Birchall *et al.* (2016) encontram evidências para agrupar o ramo Moré e Wari' e, com base em métodos de análise filogenética computacional, sugerem que a diversificação inicial da família ocorreu não muito antes de mil anos atrás. Nenhuma proposta promissora de classificação das línguas Txapakura junto a outras famílias linguísticas pode ser levada em consideração no momento.

Falantes de línguas da família ***Witoto*** vivem no Noroeste Amazônico, entre os trechos médios dos rios Caquetá e Putumayo na Colômbia. A classificação de Wojtylak (2017) lista apenas três idiomas distintos, Nonuya, Ocaina e “Witoto”, este último sendo um continuum de dialetos composto por Murui, Mîka, Minîka e Nipode. Aschmann (1993) agrupou geneticamente a família Witoto e a família ***Bora***. No entanto, Seifart; Echeverri (2015) apontam que a maior parte das evidências usadas por Aschmann é baseada em correspondências irregular e empréstimos.

A família ***Yanomami*** — como exploramos na seção 4.1 — é tradicionalmente conhecida por quatro línguas principais: Ninam (Yanam), Sanumá (Sanöma), Yanomam e Yanomamî (Migliazza 1972). Mais recentemente, com acréscimo das línguas Yaroamë e Yänoma, a família foi atualizada para um total de 6, as quais estariam divididas em até 18 dialetos, formando enclaves bilíngues e continuum dialetais em zonas de maior interação entre os falantes (Ferreira *et al.* 2019: 31-33, 45, 57). Ernesto Migliazza (1982) cogitou uma possível relação genética entre a família Yanomami com as famílias Pano e Chibcha.

4.5.3 Ausência de hiperfamílias e o alto número de famílias pequenas e médias

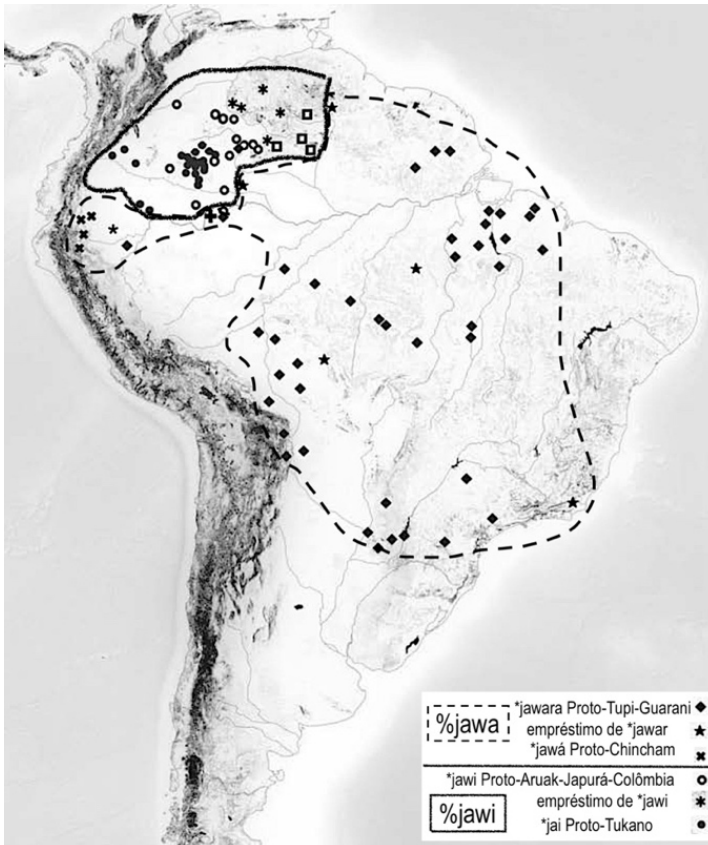
Figura do @Site 14: Esquema ilustrativo da teoria de Daniel Nettle (1999) sobre o surgimento e extinção de famílias linguísticas com destaque para o estágio das Américas em contraste com outras macrorregiões do globo



Contato entre línguas

5.1.1 Empréstimos

Figura do @Site 15: Distribuição de étimos de palavras andarilhas referentes a 'onça' segundo (Zamponi, 2020)



5.2.1 Línguas Pidgins, os *línguas* e outros letos mistos de contatos iniciais

@Site: *Letos de contato Yanomami-Português e Akuntsú-Kanoê nos postos da FUNAI e de atendimento à saúde*

Na Terra Indígena Yanomami, uma região de indígenas de recente contato, interações entre os Yanomami, funcionários da Funai, assistentes de saúde e garimpeiros fizeram surgir um leto de contato que traz palavras de diversas línguas, mas principalmente de uma língua Yanomami com ampla utilização (quicá o Yanomamĩ), como também do Nheengatu e formas vernaculares do português, somados a neologismos originais. Esses termos tendem a ser aprendidos e reempregados por indígenas e não indígenas em suas relações interétnicas, e incluem palavras como *patamona* ‘mulher idosa’ (do Yanomami *patamo* ‘envelhecer’), *xori* ‘cunhado, amigo, camarada’ (do Yanomamĩ), *xap xap* ‘caminhar’ (onomatopeia do barulho da sandalha batendo nos pés ao caminhar), *chinoca* ‘garota’ (com origem no português gaúcho para se referir a esposas de vaqueiros), *curumim* ‘garoto’ (com origem em Nheengatu).

Em uma situação bastante particular, encontramos um leto de contato surgido no contexto de posto indígena entre duas línguas indígenas: Akuntsu (Tupi) e Kanoê (isolado) em Rondônia. O chamado pidgin **Akuntsu-Kanoê** (Crevels; Voort, 2008: 156) é uma língua de contato usada pelos falantes sobreviventes de Akuntsu e Kanoê depois que ambos foram quase dizimados e forçados a viver dentro do mesmo território indígena no rio Omeré durante a década de 1980 (Aragon 2014:1-11). Akuntsú é um exônimo que significa “estrangeiro”, usado pelos Kanoê e emprestado de Kwaza, outro isolado linguístico da região (Aragon, 2014). Por estarem reduzidos a menos de 10 indivíduos, os falantes de Akuntsu são os que mais procuram a comunicação com os Kanoê e para isso utilizam a gramática da sua língua nativa com uma mistura de vocabulário que Kanoê e Akuntsu.

5.2.3 Línguas Mistas

@Site: *Coinés — a mistura de dialetos e línguas próximas*

Coinés são o resultado da reestruturação de um novo leto a partir do contato de línguas e dialetos geneticamente e estruturalmente muito semelhantes (Mufwene 2001: 6). A *coinetização* resulta na *mistura* ou *nivelamento* de ca-

racterísticas linguísticas de certas variantes pertencentes a dialetos diferentes. Michael (2008) menciona um leto usado por jovens Nanti e Matsigenka (Aruák) ao se comunicarem via rádio amador que envolve o nivelamento dialetal pela supressão de grande parte dos aspectos fonéticos relativos à pronúncia de /k/, /ts/ e /tʃ/ que na fala ordinária serve para diferenciar os dialetos dessa línguas.

Na Mesoamérica, as únicas duas línguas mistas que são reportadas na literatura pertencem a subgrupos muito próximos na família Maya. A língua conhecida como Kaqchikel-K'iche ou Cauqué é falada na comunidade Santa María Cauqué, na Guatemala. Ela é resultado da mistura entre duas línguas Maya muito próximas geneticamente: Kaqchikel e K'iche' (Stevenson, 1990). A outra língua Maya hipotetizada como língua mista é Tojolab'al, falada no estado de Chiapas, México, que combina elementos de outra língua relativamente próxima, o Tzeltal (Law, 2013).

Na formação de algumas línguas gerais sul-americanas, como a Língua Geral Amazônica ou o Guaraní Paraguaio, alguns autores fazem referência a um processo que poderia ser interpretado como coinetização. Isso teria sido o resultado dos aldeamentos religiosos que juntavam pessoas falantes de variedades de uma língua indígena. Esse processo de coinetização, no entanto, se ocorreu de fato, teria sido algo breve e inicial, pois muito cedo as línguas gerais passaram a ser usadas como línguas francas em aldeamentos contendo povos indígenas falantes de outras línguas, bem como por populações fora das missões religiosas.

5.2.5 Línguas Gerais

@Site Mudanças linguísticas na Língua Geral Amazônica por influência do português

Rodrigues (1996) aponta um rol de mudanças nas línguas gerais que atestariam como essas se tornaram paulatinamente mais semelhantes às línguas europeias, entre elas podemos destacar:

- (a) Mudanças de ordem de palavras SOV para SVO
- (b) Redução do sistema de casos morfológicos nos nomes e pronomes
- (c) Desenvolvimento de um verbo “ter” em substituição à construção sem verbo possessivo, como no Tupinambá *sje r-uʔuβ mōkōj* (eu duas flechas) ‘eu tenho duas flechas’

Os empréstimos lexicais do português à Língua Geral Amazônica documentados ao longo dos séculos sugerem que foi a partir do o século XVIII que se deu uma maior assimilação ao português. Vejamos alguns exemplos na Tabela do @Site 4 que compara o Tupinambá do século XVII com a Língua Geral Amazônica nos séculos XVIII e XX (ver também Santos; Cruz, 2021)

Tabela do @Site 4: Mudanças Lexicais do Tupinambá ao Nheengatu
(séculos XVII ao XX) (Rodrigues, 1986: 104)

<i>Tupinambá</i> século XVII	<i>Língua Geral Amazônica</i> século XVIII	<i>Nheengatu</i> século XX
<i>aóba</i>	<i>óba</i>	<i>xirúra</i> do port. ‘ceroula’
<i>akangaóba</i> [literalmente ‘veste da cabeça’]	<i>akangaóba</i>	<i>xapéwa</i> do port. ‘chapéu’
<i>sy</i>	<i>máia</i> do Port. ‘mãe’	<i>mãia</i>

(0.3) Orações representando fases da Língua Geral Amazônia através dos séculos XVII, XVIII e XX (Rodrigues, 2010)

Século XVII

abá pe erima'é Tupã o-i-monháng-ypý ybý-pór-amo?
quem INT antigamente Deus 3A-3O-fazer-primeiro terra-morador-come
‘Quem antigamente Deus criou primeiro como morador da terra?’

Século XVIII

abá pe erima'é Tupana o-monháng-ypý ybý-pór-a ráma?
quem INT antigamente Deus 3A-fazer-primeiro terra-morador para
‘Quem antigamente Deus criou primeiro como morador da terra?’

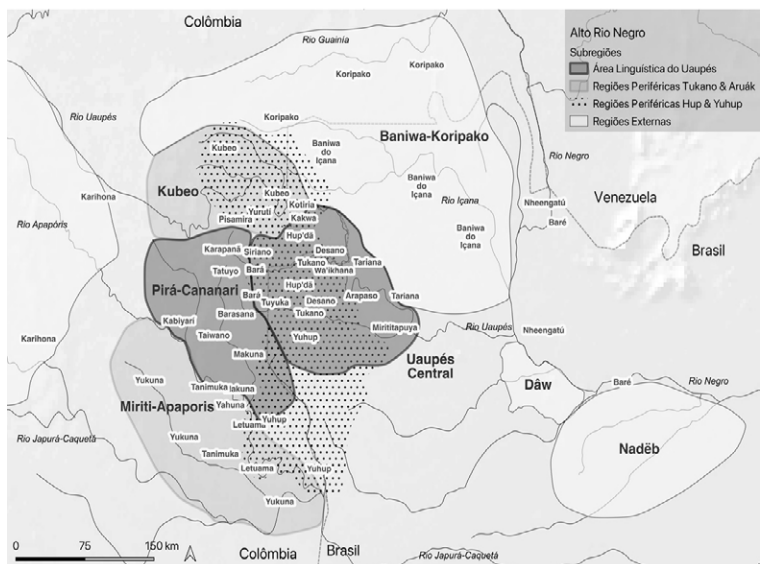
Século XX

awá ta'á Tupana u-munhã kuxí' íma iwí púra aráma?
quem INT Deus 3A-fazer antigamente terra morador para
‘Quem antigamente Deus criou primeiro como morador da terra?’

As principais diferenças notadas entre o século XVII e XVIII é a queda do prefixo de objeto *i-* na morfologia verbal (*o-i-monháng-ypý* > *o-monháng-ypý* ‘ele o fez primeiro’) e a mudança na morfologia nominal em que o caso “predicativo” deu lugar à posposição de finalidade *rama*, a qual requer o sufixo *-a* no tema nominal *ybý-pór* ‘morador da terra’ (Rodrigues, 2010: 42).

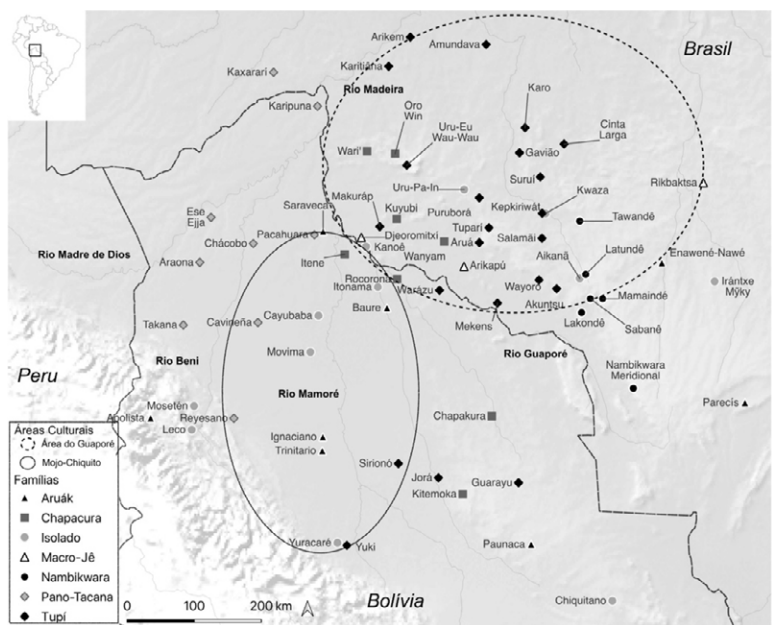
5.3.4 Uaupés: uma área linguística com centro, periferias e fronteiras difusas

Figura do @Site 16: Línguas e subáreas da região multilíngue do Alto Rio Negro



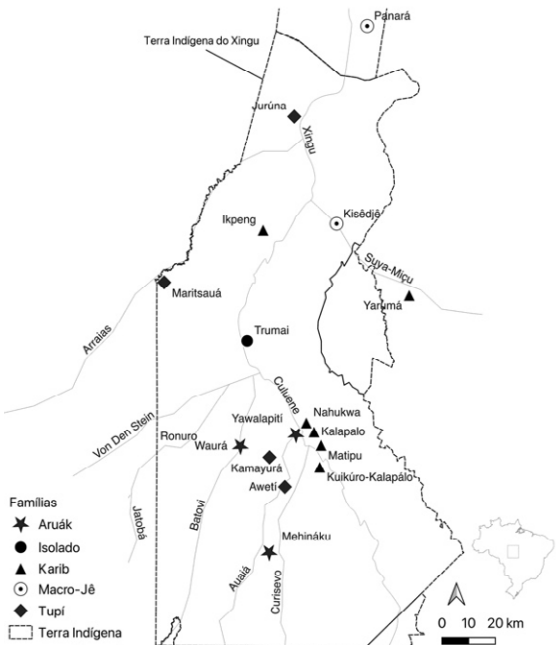
5.3.5 Sudoeste Amazônico: uma área de difusão multicêntrica

Figura do @Site 17: Línguas, famílias linguísticas e divisões culturais aproximadas no Sudoeste Amazônico



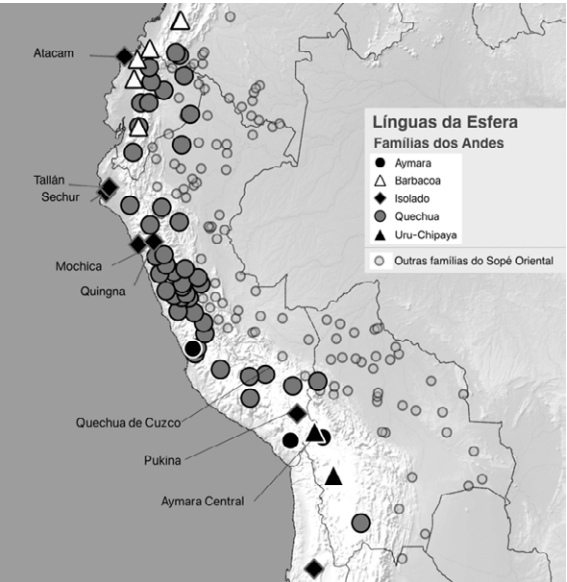
5.3.6 O Alto Xingu e as Áreas Discursivas

Figura do @Site 18: Línguas e famílias linguísticas do Alto Xingu



5.3.7 Os Andes e a "Esfera Inca"

Figura do @Site 19: Línguas e famílias linguísticas da "Esfera Inca"



@Site: Tipologia areal e as macrorregiões multilíngues da América do Sul

Ainda que os estudos mais recentes não confirmem os Andes e a Amazônia como áreas linguísticas propriamente, pode-se dizer que elas se diferenciam e se interconectam enquanto macrorregiões multilíngues, não havendo uma fronteira nítida entre elas (Dixon; Aikhenvald, 1999: 10).

As linhas difusas e tortuosas de características mais tipicamente andinas ou amazônicas formam uma espécie de zona de sobreposição ao longo de uma área conhecida como Sopé Oriental dos Andes. Por um lado, apesar de não haver muita assimilação cultural, há uma farta evidência de influências das línguas Quechua na região. Adelaar; Muysken (2004: 499-500) mencionam a existência de diversos empréstimos lexicais com origem em Quechua, como Shuar (Chicham) *faja* e Muniche (Isolada) *saʔa* do Quechua *sara* ‘milho’, e a difusão dos numerais Quechua para diversas línguas como o Shipibo-Konibo e o Takana (Pano-Takana), Yanesha (Aruák), Yameo (Peba-Yagua) e Urarina (isolada). Influências mais gramaticais envolvem a adoção de sufixos derivacionais e marcadores de caso em línguas como Yanesha, Shuar e Cholon.

Por outro lado, as línguas do Sopé Oriental parecem pertencer a dois tipos areais: aquelas com um perfil tipológico menos típico de línguas amazônicas e que apresentam maiores semelhanças com as línguas dos Andes Centrais e aquelas línguas com perfil mais próximo às demais línguas amazônicas, especialmente as línguas Aruák, o que talvez se deva ao fato de as línguas do primeiro tipo serem mais antigas na região e terem mais tempo de contato com línguas andinas do que as do segundo tipo (Van Gijn, 2014).

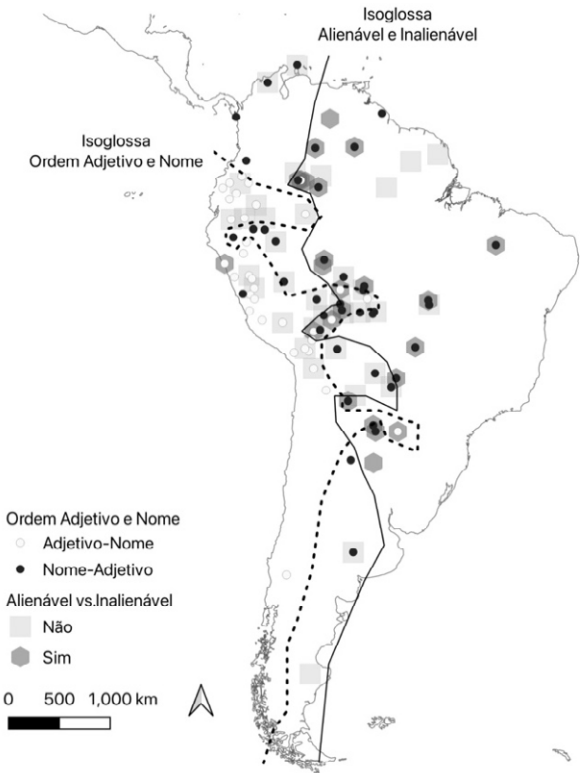
O que vemos no Sopé Oriental é que a grande divisão na América do Sul não se dá entre Terras Altas e Baixas, mas sim entre uma zona Ocidental e outra Oriental. Enquanto os Andes estão totalmente na zona Ocidental, a Amazônia e o Gran Chaco estão parcialmente cortados por essa divisão. A tipologia do Sintagma Nominal nas línguas indígenas da América do Sul ilustra bem esse padrão. A Tabela 2 resume dados que reforçam uma divisão Ocidental e Oriental na América do Sul, enquanto o mapa da Figura do @Site 20 ilustra a distribuição de dois traços tipológicos: presença e ausência da distinção alienável vs. inalienável e a ordem do nome e o modificador atributivo (“adjetivo”). Para melhor visualizar como sua distribuição reflete numa divisão do continente em seções Ocidental e outra Oriental, traçamos linhas de isoglossas para cada traço tipológico (ignorando o mínimo possível de casos mais discrepantes). Antes de seguir linhas

geográficas ou culturais claras, as isoglossas se aproximam e se distanciam em certas regiões, passando por áreas como o Noroeste Amazônico, a Amazônia Ocidental, Meridional e a Bacia do Rio Paraguai. De fato, alguns padrões orientais se encontram profundamente no ocidente e vice-versa.

Tabela 2: Distribuição de traços tipológicos do Sintagma Nominal que diferenciam as macrorregiões Ocidental e Oriental na América do Sul (Krasnoukhova, 2012)

Macrorregião Ocidental	Macrorregião Oriental
Modificadores pré-nominais	Modificadores atributivos pós-nominais
Ausência de gênero e classificadores	Presença de gênero e classificadores
Conceitos adjetivais expressos como nomes	Conceitos adjetivais expressos como verbos
Ausência de distinção alienável vs. inalienável	Presença de distinção alienável vs. inalienável

Figura do @Site 20: Distribuição tipológica de ‘ordem sintática entre adjetivo e nome’ e ‘presença ou ausência de distinção entre posse alienável vs. inalienável’ em línguas da América do Sul (a partir de dados de Krasnoukhova (2012))



As características de cada macrorregião são muito semelhantes aos perfis tipológicos das principais famílias em cada uma delas. Por exemplo,

as propriedades do sintagma nominal que caracterizam as duas macrorregiões (ver Tabela 2) são típicas de línguas Quechua (Oriental) e Aruák (Ocidental). Num estudo semelhante sobre padrões de marcação de pessoa nos verbos, vemos que a região ocidental é tipicamente Quechua e Aymara, enquanto a região oriental é, sobretudo, Tupi, Karib e Macro-Jê (Birchall, 2014), o que obviamente nos remete à hipótese de uma relação genética distante entre essas línguas (ver capítulo 4). Além dessas grandes famílias, há várias línguas isoladas e pequenas famílias que também compartilham muitas dessas características.

A explicação para como essas características teriam se difundido em regiões tão vastas é naturalmente complexa. Crevels; Muysken (2020) notam uma correlação entre a divisão genética das populações indígenas e padrões tipológicos das línguas da América do Sul, o que teria raízes na forma como se deu a ocupação inicial do continente, seguindo uma divisão entre rotas migratórias pelo Pacífico (Ocidental) e pelo Atlântico (Oriental). No entanto, apesar de terem marcadas diferenças genéticas desde há pelo menos uns 9 mil anos, uma clara separação entre as populações andinas e amazônicas teria ocorrido há menos de cinco mil anos (ver seção capítulo 1).

As redes mais localizadas de intercâmbios sociais também ajudam a explicar conexões entre Andes e Terras Baixas. Desde um ponto de vista sociolinguístico, os contatos entre línguas amazônicas são frequentemente associados a relações sociais relativamente igualitárias, simétricas e baseadas em relações de parentesco, como intercasamentos. Por outro lado, domínio militar, econômico, religioso e político recebem maior importância nas análises das ecologias linguísticas andinas. Segundo Emlen (2017), apesar de em parte verdadeira, essa visão obscureceu a importância de relações linguísticas mais localizadas, não hierarquizadas, e relativamente simétricas que também ocorrem entre povos vizinhos nos Andes, particularmente antes do período Inca e durante os tempos de desintegração política. Isso sugere que a divisão entre Andes e Amazônia pode ser mais bem pensada se olharmos para o oeste da Amazônia e o Sopé Oriental dos Andes como uma grande rede de contatos, interligando áreas mais ao leste e mais ao oeste no continente.

Tabela Línguas Pidgins, Mistas, Francas e Gerais

<https://www.dropbox.com/scl/fi/mqb4qllfgqlrp0hpg14ix/>

Diversidade linguística sob ameaça

6.1.2 Indicadores e escalas da vitalidade linguística

@Site: Escala de vitalidade linguística usada pelo Ethnologue (Simons; Fennig, 2018)

- **0 Internacional:** A língua é amplamente usada entre as nações no comércio, intercâmbio de conhecimento e política internacional.
- **1 Nacional:** A língua é usada na educação escolar, no trabalho, na comunicação de massa e no governo em nível nacional.
- **2 Provincial:** A língua é usada na educação escolar, no trabalho, na comunicação de massa e em subdivisões administrativas de uma nação.
- **3 Ampla Comunicação:** A língua é usada no trabalho e na comunicação de massa, porém não conta com status oficial.
- **4 Educacional:** A língua é usada vigorosamente, com padronização, literatura, um amplo sistema de educação apoiado oficialmente.
- **5 Desenvolvimento:** A língua é objeto de um uso vigoroso, com padronização, literatura sendo usada por alguns, embora isso ainda não seja difundido ou sustentável.
- **6a Vigorosa:** A língua é usada para comunicação face a face por todas as gerações e a situação é sustentável.
- **6b Ameaçada:** O idioma é usado para comunicação face a face em todas as gerações, mas está perdendo usuários.
- **7 Em deslocamento:** A geração dos pais pode usar a língua entre si, mas ela não está sendo transmitida às crianças.
- **8a Moribunda:** Os únicos usuários ativos remanescentes da língua são os membros da geração dos avós e mais velhos.

- **8b Quase Extinta:** Os únicos usuários restantes são membros da geração dos avós ou mais velhos com poucas oportunidades de usá-la
- **9 Dormente:** A língua serve como um emblema de identidade para um grupo social, mas ninguém apresenta algo além de uma “proficiência simbólica”.
- **10 Extinta:** A língua não é mais usada e ninguém mantém um senso de identidade étnica associado à língua.

Para mais informações sobre a escala EGIDS consulte o site do Ethnologue: <https://www.ethnologue.com/methodology/#language-status>

6.2.4 Competência

@Site: Critério de avaliação de Proficiência em Asuriní do Trocará e português (Aquino, 2010)

Níveis Proficiência em Assurini do Trocará						
1. Fala fluentemente a variedade mais conservadora da língua, e registra forte conhecimento da cultura tradicional 2. Fala uma variante menos conservadora, mas com conhecimento da cultura tradicional e grande conhecimento do léxico 3. Fala uma variante menos conservadora e têm um conhecimento relativamente mais restrito da cultura tradicional 4. Entende, mas fala muito pouco. Tem conhecimento limitado de aspectos da cultura tradicional e do léxico. 5. Entende, mas não fala, apenas faz uso de itens lexicais e de expressões fixas 6. Não entende e não fala a língua, exceto alguns itens lexicais presentes inclusive na fala em português 7. Crianças de 1 a 2 anos que podem até entender algumas palavras da língua, mas não fazem uso da língua.						
Níveis de Proficiência em português						
I. Fala fluentemente o português regional II. Fala uma variedade bastante marcada do português III. Entende pouco e fala pouco o português IV. Não entende e não fala o português						
Tabela 3: Níveis de proficiência em Assurini e português (Aquino, 2010: 90)						
Níveis de Proficiência		Português				Total Assurini
		I	II	III	IV	
Asuriní	1	19	3	6	3	31 (6%)
	2	9	0	0	0	9 (2%)
	3	55	6	0	3	64 (13%)

Asuriní	3	55	6	0	3	64 (13%)
	4	59	3	2	0	64 (13%)
	5	213	1	6	5	225 (46%)
	6	32	0	2	16	50 (10%)
	7	3	0	0	46	49 (10%)
Total Português		390 (79%)	13 (3%)	16 (3%)	73 (15%)	492 (100%)

@Site: As tarefas da linguística frente à crise da diversidade linguística

A urgência de se documentar línguas e culturas ameaçadas é patente, mas devemos entender que para que essa tarefa seja executada e tenha resultados verdadeiramente democráticos, as pesquisas sobre línguas indígenas precisam revisar seus paradigmas tradicionais. Primeiramente, podemos dizer que a ciência tem tentado se realizar dentro de um paradigma *ético* mínimo, em que respeitamos as pessoas, informando-as de um modo claro e lhes pedindo anuência para realizar a pesquisa. Outros tipos de pesquisas vão além do paradigma ético e desenvolvem estratégias *participativas*, em que a pesquisa é feita *com* os povos indígenas a partir da formação de pesquisadores comunitários. Conforme se expandem esses tipos de projetos e, sobretudo, os cursos de formação em linguística no país, aumentamos o número de linguistas indígenas e passamos a ter pesquisas linguísticas feitas *sobre, com e pelos* povos indígenas (Czaykowska-Higgins, 2009). Como resultado disso, as pesquisas podem ter dados mais ricos, com análise que somente pessoas de dentro de uma comunidade e falantes de sua língua podem fazer, bem como se desenvolverem e apresentarem resultados de forma mais coerente e tangível à realidade dos povos indígenas.

Os estudos sociolinguísticos e de linguística aplicada ao ensino têm também sido muito importantes nessas transformações e no estabelecimento de agendas para as tarefas da linguística atual. A sociolinguística — além de todo seu aporte teórico e metodológico para o estudo das relações entre língua, sociedade e cultura — a partir de estudos de caso, levantamentos, diagnósticos e censos nos traz análises fundamentais para desenvolvermos planejamentos, intervenções sociais e políticas linguísticas. Fica, portanto, claro que uma das tarefas para a sociolinguística é fornecer subsídios para pensarmos as línguas e as sociedades indígenas na sua contemporaneidade, e para que possamos, a partir daí, desenvolver políticas públicas efetivas.

Já a linguística aplicada às línguas indígenas tem um longo histórico de interface com a área da educação escolar intercultural e bilíngue, bem como com as estratégias de ensino de línguas indígenas como língua materna ou segunda língua. Com isso, essa área tem sido instrumental para a transformação das escolas em um ambiente que valoriza o ensino e uso das línguas indígenas, para a formação de professores indígenas que ensinam suas línguas nas escolas de suas comunidades e para o desenvolvimento de materiais didáticos. Os acadêmicos indígenas que hoje têm mestrado e doutorado em linguística são, na sua quase totalidade, egressos de cursos interculturais de formação de professores. Tais esforços parecem estar na linha correta, ainda que sejam necessárias mais ações de formação continuada de professores e produção de materiais didáticos.

Uma área que tem sido especialmente sensível a essas questões é a da *documentação linguística*. Desenvolvida a partir da tradição boasiana, que combinava trabalho de campo e descrição linguística para se produzir uma gramática, um dicionário e uma coleção de textos orais transcritos e traduzidos de uma língua, o campo da documentação linguística passou por uma redefinição na década de 1990 quando se atentou para a grande vulnerabilidade da diversidade linguística mundial. Em seu ímpeto do início do século XXI, a documentação linguística se pautou primariamente por garantir um registro rico, duradouro e multifuncional de uma língua. Isso requer seguir alguns procedimentos padrões como:

- registrar uma ampla gama de fenômenos linguísticos em situações comunicativas genuínas, espontâneas e diversificadas
- utilizar equipamentos de alta tecnologia capazes de fazer registros audiovisuais de alta qualidade
- fornecer para cada registro um conjunto de anotações básicas, contendo minimamente: transcrição e tradução de cada enunciado, bem como metadados com especificações como local, data, participantes, gênero discursivo, entre outros.
- arquivar os dados produzidos em instituições que forneçam garantias de mantê-los de forma segura, duradoura e acessível.

Os projetos de documentação têm a oportunidade de direcionar esforços para formar pesquisadores comunitários e futuros linguistas, bem como construir corpora que sirvam para produção de materiais mais diretamente do interesse das comunidades, como livros didáticos, gramáticas pedagógicas, dicionários multilíngues, coleções de textos, entre outros (Franchetto, 2007; Himmelmann, 2006; Moore *et al.*, 2008; Stenzel, 2008).

Apesar de estarmos constantemente ampliando os corpora sobre as línguas indígenas, precisamos fazer isso ainda mais, focando na produção de dados e no tratamento específico desses dados para que possam ser usados em ambientes digitais. O primeiro passo para isso é criarmos bancos de dados e corpora digitais para todas as línguas que pudermos. Arquivos digitais para as línguas indígenas existem em poucas instituições de pesquisa no Brasil, como o Museu do Índio e o Museu Paraense Emílio Goeldi; a nível internacional, os que dispõem de mais dados de línguas indígenas das Américas são o AILLA (Archive for the Indigenous Languages of Latin America) no Texas (EUA), e o ELAR (Endangered Language Archive) na Inglaterra. O Brasil precisa investir mais nessa área, com uma política de democratização dos arquivos digitais, formação de redes entre suas instituições de pesquisa e maior acesso das comunidades indígenas e o público em geral.

Além dos arquivos digitais, precisamos construir corpora específicos para a análise das línguas por diferentes recursos computacionais de modo a contribuir para ao avanço da linguística computacional, e colher resultados que se beneficiem de corpora digitais e da inteligência artificial, como traduções automáticas e análises de dados apoiadas por recursos informáticos e estatísticos.

Juntamente com a ampliação da infraestrutura digital, precisamos de mais projetos de inovação de modo a transformar dados em recursos digitais mais tangíveis para as comunidades que falam as línguas indígenas. Um exemplo nessa linha é a *Plataforma Japiim* criada pelo linguista Helder Peri Ferreira e apoiada pelo Museu do Índio/FUNAI e Unesco; ela reúne dicionários multimídias de várias línguas indígenas, disponibilizados para download e para aplicativos de celulares, sendo acompanhados de um teclado para a escrita das línguas em celulares e computadores.¹ Outro exemplo interessante é o *Web Indígena* que promove a inclusão das línguas indígenas e respectivas comunidades no mundo digital, realizando ações que vão desde curso de produção textual em línguas indígenas ao desenvolvimento e hospedagem de sites, e à formação de gestores indígenas para esses sites (D'Angelis; Costa, 2010)

O desenvolvimento de ações e políticas linguísticas efetivas em prol das línguas indígenas é a tarefa linguística mais urgente do século. Precisamos reverter de forma definitiva um conjunto de leis, práticas e ideologias sob controle de estados e sociedades monolíngues. No contexto brasileiro, o lugar que es-

¹ Para mais informações sobre os dicionários disponíveis, ver <https://japiim.museudoindio.gov.br/> (acessado em 8 de julho de 2024).

sas políticas têm historicamente avançado é a educação intercultural e bilíngue, uma vez que, desde a Constituição Federal de 1988, estão assegurados às comunidades indígenas o direito a usar suas línguas e aplicar processos próprios de aprendizagem. Há, inegavelmente, uma necessidade constante de melhorar os contextos educativos, mas, ao mesmo tempo, temos de ampliar as políticas linguísticas para além das escolas.

Nesse sentido, em 2010, foi instituído o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), que tem como meta mapear, caracterizar e diagnosticar as diferentes situações relacionadas à pluralidade linguística brasileira, sistematizando esses dados em formulário específico e com a promessa de que as línguas inventariadas farão jus a ações de valorização e promoção por parte do poder público (ver Decreto presidencial n.º 7387, de 9 de dezembro de 2010).

Outro instrumento que tem se mostrado importante é a cooficialização de línguas indígenas a nível municipal e estadual. Já são 13 línguas indígenas em 10 municípios. Muitas expectativas se voltam agora para o Projeto de Lei 3.074/19 do Congresso Nacional que propõe a cooficialização das línguas indígenas nos municípios brasileiros onde haja comunidades indígenas. Como a experiência de outros países nos mostra, essas leis podem colaborar de forma efetiva para o fortalecimento das línguas indígenas ao apoiar o seu uso em diferentes esferas públicas, como, por exemplo, ao estabelecer uma cota de tempo semanal para programas de rádio nas línguas, bem como a contratação de intérpretes comunitários para o atendimento público em hospitais, centros de assistência social, entre outros. Um exemplo recente disso no Brasil foi o trabalho da Defensoria Pública do Estado do Amazonas (DPAM) que desde 2021 tem usado intérpretes de línguas indígenas como parte fundamental do protocolo de seu atendimento.²

Para que de fato as políticas linguísticas sejam mais efetivas é fundamental que elas articulem diferentes ações, desde aquelas criadas de baixo para cima a partir da experiência das comunidades de falantes (políticas *in vivo*), até as formas de leis, programas, normas e ações que norteiam as ações do estado e da sociedade de cima para baixo (políticas *in vitro*) (Calvet, 2007). Um marco recente na trajetória de maior protagonismo dos falantes das línguas indígenas com relação ao cenário político foi a criação da Década Internacional das

² Para mais informações sobre legislações linguísticas no Brasil, ver a página na internet do *Instituto de Política Linguística* IPOL <http://ipol.org.br/direito-linguistico/> (acessado em 8 de julho de 2024); e para mais informações sobre línguas cooficializadas no Brasil, ver <http://ipol.org.br/lista-de-linguas-cooficiais-em-municipios-brasileiros/> (acessado em 8 de julho de 2024) (ver também).

Línguas Indígenas (2022-2032) pela Organização das Nações Unidas (ONU). Com o lema *Nada por nós sem nós*, a Década tem como meta valorizar o protagonismo indígena nos processos já em curso de fortalecimento e retomada de suas línguas, bem como elaboração de políticas linguísticas em prol das línguas indígenas no âmbito de cada país membro da ONU. Para a linguística, isso mostra o lugar que uma ciência humana e socialmente comprometida pode ocupar enquanto uma área que contribui com o avanço de nosso conhecimento sobre a linguagem e áreas correlatas, ao mesmo tempo em que se constrói de forma aliada à sustentabilidade da diversidade linguística e ao fortalecimento dos povos indígenas e suas línguas.

Vídeo

Documentário Patxohã – Língua Retomada produzido pelo coletivo Atxohã, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aN9JhkkuMpw>

Tabela Vitalidade das Línguas Indígenas das Américas

<https://www.dropbox.com/scl/fi/nsx4qeadmsbvs8hg7w947/>

Para saber mais

@Site: Bases de dados e fontes de informações digitais

O acesso à bibliografia recomendada e citada neste livro não é uma tarefa fácil para grande parte do público acadêmico. Nesse sentido, gostaríamos de recomendar alguns recursos que estão publicamente e legalmente disponíveis na internet, em que o leitor poderá encontrar referências a outras obras relevantes e, em alguns casos, poderá encontrar as obras disponibilizadas para serem baixadas ou lidas online.

Começamos pelo site *Etnolinguística* (www.etnolinguistica.org) que disponibiliza através da *Biblioteca Digital Curt Nimuendajú* uma coleção abrangente de livros, teses e artigos esgotados de línguas e culturas indígenas sul-americanas, bem como perfis de quase 300 pesquisadores, e uma lista de discussão e uma coletânea de links para informações atualizadas sobre periódicos, publicações na mídia e websites relevantes.

O site *Povos Indígenas do Brasil* (pib.socioambiental.org) reúne verbetes sobre cerca de 150 povos indígenas, muitos dos quais com informações sociolinguísticas de grande relevância. O site com o acervo digitalizado do Instituto Socioambiental (acervo.socioambiental.org) disponibiliza 2.44.419 itens, muitos dos quais com download livre, compreendendo diversos tipos de materiais arquivísticos, audiovisuais, bibliográficos (artigos, livros, dissertações e teses), e notícias de jornais.

Para ter acesso a dados de línguas indígenas brasileiras, um recurso rico e acessível é a Plataforma Japiim desenvolvida pelo Museu do Índio/Funai e Unesco. O site conseguiu reunir, até o ano de 2024, dicionários de ao menos

13 línguas indígenas, em que cada verbete é acompanhado por áudios com a pronúncia das palavras, frases ilustrativas, campos semânticos e muitos ainda dispõem de imagens e/ou vídeos. É um recurso recomendado tanto para se fazer pesquisa quanto para estudar ou ensinar sobre as línguas indígenas.

Muitos bancos de dados tipológicos e comparativos estão disponíveis livremente online. O site *Languages of hunter-gatherers and their neighbors* (<https://huntergatherer.la.utexas.edu/>) é um rico banco de dados comparativo, com informações lexicais, gramaticais e etnográficas para 45 famílias linguísticas e 300 línguas indígenas das Américas. O *South American Indigenous Language Structures* (SAILS, <https://sails.clld.org/>) é uma base de dados de propriedades gramaticais de línguas indígenas sul-americanas, reunindo quase 500 variáveis tipológicas compiladas a partir de uma ampla revisão de materiais descritivos. Para acesso a inventários fonológicos de línguas sul-americanas, o *South American Phonological Inventory Database* (SAPHON, <https://linguistics.berkeley.edu/saphon/pt/>) é um excelente recurso. Outras bases de dados com escopo global também trazem dados representativos da diversidade linguística nas Américas. Entre esses, destacamos para dados fonológicos o PHOIBLE (<http://phoible.org>) e o LAPSyD - *Lyon-Albuquerque Phonological Systems Database* (<https://lapsyd.huma-num.fr/lapsyd/>), e, para dados gramaticais, o *The World Atlas of Language Structures* (WALS, <https://wals.info/>) e o Grambank (<https://grambank.clld.org/>) com 195 variáveis tipológicas e o maior número de línguas e dialetos até agora (2.467).

Há quatro principais bancos de dados que trazem informações relativas à classificação em uma família linguística e à vitalidade linguística de milhares de línguas do mundo. Talvez o mais conhecido deles seja o *Atlas of the world's languages in Danger* da Unesco (Mosely, 2010). Outro bastante popular é o Ethnologue (www.ethnologue.com) que publica regularmente atualizações em seu site sobre dados demográficos e vitalidade linguística, porém é um recurso pago para a grande parte de seus serviços. O Endangered Language Catalogue (ELCat, <http://www.endangeredlanguages.com/>) é um recurso colaborativo para se estimar o grau de vitalidade das línguas. O site Glottolog (www.glottolog.org) é o mais completo de todos ao trazer informações como classificação linguística, localização geográfica, referências bibliográficas e vitalidade linguística. O *D-PLACE: A Global Database of Cultural, Linguistic and Environmental Diversity* (<https://d-place.org/>) é um site com uma base de dados etnológicos, linguísticos e ambientais relativos a diversos povos do mundo.

@Site: Mapas e dados georreferenciados

Para se produzirem mapas e analisar dados georreferenciados, partimos inicialmente dos dados do Glottolog. Eles foram manualmente corrigidos a partir de referências específicas para certas regiões ou famílias linguísticas. Para a produção dos mapas foi utilizado o aplicativo QGIS Geographic Information System (2022), que é de livre acesso e disponibiliza muitos tutoriais. As fontes de informações bibliográficas sobre classificação genética e distribuição espacial de línguas, famílias linguísticas e povos indígenas que mais utilizamos e recomendamos ao leitor são:

- O *Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes*, ou mais popularmente conhecido como *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú*, reúne todas línguas e famílias linguísticas conhecidas até a data de sua publicação nas Terras Baixas da América do Sul. As línguas são colocadas no mapa juntamente com as datas de suas localização em determinadas áreas. O mapa é ainda acompanhado de uma riquíssima bibliografia e, ainda que não seja a proposta mais atualizada de classificação genética, é um recurso imprescindível para o aluno interessado no estudo de línguas indígenas. O IPHAN publicou em 2017 uma nova versão digitalizada do mapa que fora originalmente produzido em na década de 1940.³
- O mapa de Čestmír Loukotka, *Ethno-Linguistic Distribution of South American Indians* é outra produção monumental que, apesar de problemas com a nomenclatura e subagrupamento de algumas línguas, representa quase fielmente as principais famílias e línguas isoladas a partir de uma extensa pesquisa arquivística (Loukotka; Thrower, 1967).
- Produzidos mais recentemente, os mapas do trabalho de Eriksen (2011) são valiosas contribuições para o mapeamento dos grupos linguísticos da Amazônia no passado pré-colonial.
- Para os Andes e áreas adjacentes, a principal fonte mais acessível é Adelaar; Muysken (2004).
- Suárez (1983) é a principal fonte sobre a Mesoamérica. Sichra (2009) traz mapas atualizados para vários países e regiões da América Latina.
- Mithun (2006) apresenta diversos mapas com a nomenclatura e distribuição das línguas indígenas, famílias linguísticas e áreas culturais nos EUA e Canadá.

³ Fonte *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú* - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/indl/pagina/detalhes/1563>> (acessado em: 17 agosto de 2024).

Para mapas com a distribuição das áreas culturais na América do Sul, ver Melatti (2007). Hoje em dia, há uma gama enorme de mapas disponíveis na internet e feitos com base em referências especializadas. O site Wikimedia (<https://www.wikimedia.org/>) fornece livre acesso a alguns dos melhores recursos nesse quesito.

@Site: Descrição, Tipologia, Teoria e Análise Linguística

Para uma introdução geral sobre descrição e tipologia linguística com foco em línguas indígenas, recomendamos o trabalho de Marcus M. Maia (2006) *Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem*. O livro *Linguística comparada e tipologia* (Bossaglia, 2019) é uma ótima introdução aos interessados nesse campo de estudo de uma maneira geral, mas também contém vários exemplos de línguas indígenas. Em inglês, os livros mais didáticos para se aprender sobre descrição e tipologia são *Describing morphosyntax: A guide for field linguists* (Payne, 1997) e *Language Universals and Linguistic Typology* (Comrie, 1989b). Para leitores mais avançados, recomendamos *Exploring Language Structure: A Student's Guide* (T. Payne, 2006), *Basic Linguistic Theory* (três volumes) (Dixon, 2010a, 2010b, 2012); *Syntax: an introduction* (Givón, 2001), e *Phonological typology* (Gordon, 2020), são boas referências sobre os fundamentos teóricos e metodológicos da descrição e tipologia, bem como são ricos em exemplos de línguas indígenas.

O livro *Línguas indígenas e gramática universal* (Maia et al., 2019) apresenta aspectos da gramática de cinco línguas: Guaraní Mbya e Tupinambá (Tupi-Guarani), Karajá (Macro-Jê), Kuikuro (Carib) e Paumari (Arawá). Os aspectos descritivos são contextualizados na perspectiva de problemas centrais para a Teoria Gerativa e a Linguística Geral, como recursividade, ordem de constituintes, estrutura da informação, morfologia, entre outros. O artigo de Salanova; Epps, (2012) *A linguística amazônica hoje* faz um panorama sobre algumas características tipológicas características de línguas da Amazônia, como Harmonia Nasal, Evidencialidade, Classificadores, Alinhamento, entre outros.

Com uma abordagem mais específica ao verbo, o livro *Sintaxe e Semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil* (Storto et al., 2015) traz estrutural argumental, valência e serialização verbal em 8 línguas indígenas. De forma complementar, o livro organizado por Queixalós; Gomes (2016) aborda os Sintagmas Nominais em Línguas Amazônicas, com análises de pelo menos 10 línguas. Também com um enfoque mais restrito a um fenômeno gramatical,

o livro *Ergatividade e Sistemas de Alinhamentos em Línguas Indígenas* (Duar-te, 2022) leva o leitor a um contato profundo com o tema da ergatividade, o que são línguas ergativas, de que maneira elas são diferentes das línguas nominativas, tudo fartamente ilustrado com dados de línguas Macro-Jê, Karib e Tupi-Guarani.

@Site: Sociolinguística, Linguística Antropológica, Ecologia Linguística

Uma abordagem que relaciona linguagem, cultura e história é tributária da tradição iniciada por Franz Boas, como delineado na introdução de seu trabalho clássico sobre as línguas indígenas *Handbook of American Indian languages* (Boas, 2014 [1911]) e no livro fundamental de Edward Sapir *A linguagem: introdução aos estudos da fala* (Sapir, 1980) com tradução de Mattoso Câmara Júnior. Essa linha vê na diversidade linguística um reflexo do relativismo cultural e do particularismo histórico — em que cada língua e cultura são manifestações autônomas das experiências particulares e dos encontros entre os povos ao longo da história.

A noção de que as sociedades humanas estão ancoradas na variação, heterogeneidade e mudança é crucial para este livro, e tem nos trabalhos de Dell Hymes e John Gumperz um de seus fundamentos. Ambos ajudaram a criar uma linha de estudos na tradição Americanista que ficou conhecida como linguística antropológica, centrada na relação entre língua, sociedade e cultura a partir de abordagens como a Etnografia da Fala, a abordagem Discurso-Centrada e a Etnopoética. Um texto que resume boa parte das ideias de Hymes é *Foundations in Sociolinguistics: an ethnographic approach* (Hymes, 1974). A obra *Language in social groups* (John J. Gumperz (1971)) reúne uma coletânea representativa de uma primeira fase das ideias do autor. O volume *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication* editado por Gumperz; Hymes (1989) mostra algumas linhas e temas que surgiram da interação do trabalho desses dois autores. O livro editado por Lucía L. A. Golluscio *et al.* (2019) traduz para o espanhol trabalhos importantes dessa linha de pesquisa, como textos de Keith Basso, Joel Sherzer, Richard Bauman, entre outros. A coletânea editada por Hymes (1964) *Language in Culture and Society: A Reader in Linguistics and Anthropology* é obra básica para os que se interessam pelos textos fundadores dessa área de pesquisa. Uma referência que traz de forma didática e bem ilustrada as principais questões para a análise linguísti-

co-antropológica é o *American Indian Languages: Cultural and Social Contexts* (Silver; Miller, 1997).

Para acesso a textos de línguas indígenas analisados por linguistas, recomendamos os artigos do volume especial *Línguas indígenas: artes da palavra* da revista *Linguística*, editado por Kristine Stenzel e Bruna Franchetto (2019). O volume traz contribuições de pesquisadores indígenas e não indígenas em doze textos transcritos e traduzidos a partir de performances orais originais em diferentes línguas indígenas, juntamente com uma reflexão sobre tradição e inovação nas artes das palavras. Na mesma linha, o leitor pode se interessar pela obra *On this and other worlds: Voices from Amazonia* (Stenzel et al., 2017) que reúne outros textos analisados com glosas interlineares.

Como referência inicial sobre o campo da ecologia linguística, sugerimos o trabalho *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas* de Hildo Honório do Couto (2009), bem como a coletânea *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos* (Couto et al., 2016) que traz trabalhos que são verdadeiros cânones de diferentes subáreas e enfoques da ecologia linguística. Outras obras que podem ser consultadas pelo leitor interessado na ecologia linguística são Mufwene (2001) que aborda a mudança linguística desde uma perspectiva evolutiva e ecológica, e *Language of environment, environment of language: A course in ecolinguistics* de Mühlhäusler (2003), que tanto introduz o campo da ecologia linguística quanto foca em uma perspectiva mais específica sobre a relação entre linguagem e meio ambiente.

Devemos a uma perspectiva macroecológica a compreensão de que a diversidade linguística pode ser mensurada a partir de diferentes unidades, escalas e dimensões. Trabalhos como *Linguistic diversity in space and time* de Nichols (1992) bem como os de Daniel Nettle (1998, 1999), Maffi (2005), Currie; Mace (2012), Gavin et al. (2013) e Bromham et al. (2021) procuram entender como a diversidade linguística a nível global ou macrorregional existe em relação a variáveis ambientais, sociais, culturais, políticas, econômicas etc.

@Site: Linguística Histórica, Contato entre línguas e multilinguismo

Existem excelentes manuais de linguística histórica para estudantes com um conhecimento básico em linguística. O livro de Rodrigues (1986) *Línguas Bra-*

sileiras traz uma introdução ao método histórico-comparativo em português e que lida diretamente com famílias de línguas indígenas no Brasil. O livro de Lyle Campbell (2013) *Historical Linguistics: an Introduction* está já em sua quarta edição e é o mais amplamente usado devido à cobertura e profundidade com que discute temas teóricos da linguística histórica de forma didática e com muitos exemplos e problemas relativos às línguas indígenas das Américas.

Dois principais trabalhos recentes se destacam nos estudos dos contatos linguísticos entre línguas indígenas e o português. São eles: *O Português e o tupi no Brasil* (Noll; Dietrich, 2010), que explora as influências mútuas entre o português e o Tupinambá (ou Tupi) na história do Brasil, desde os primeiros contatos na época da descoberta até a presença atual do Nheengatu na Amazônia. Com um enfoque mais particular sobre a Amazônia e o Nheengatu, o livro *Rio Babel. Histórias das Línguas na Amazônia* (Freire, 2011) foca na história interétnica da Amazônia sob o prisma da história da Língua Geral, do Nheengatu e suas relações de contato com o português e outras línguas indígenas.

As principais referências sobre o contato linguístico que recomendamos em língua portuguesa são *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas* (Couto, 2009) e *Os Contatos Linguísticos no Brasil* (Mello et al., 2011). Escrito em inglês, recomendamos *An Introduction to Contact Linguistics* de Donald Winford (2003) que apresenta o campo de estudo do contato linguístico por uma abordagem interdisciplinar que se baseia na linguística teórica, nas teorias de aquisição de segunda língua, e como essas teorias estão interligadas com fatores socioculturais. O *The Handbook of Language Contact* (Hickey, 2010) explora em trinta e sete capítulos uma ampla gama de tópicos e estudos de caso de contato ao redor do mundo, incluindo capítulos específicos sobre as línguas indígenas das Américas. Thompson; Kaufman (1992) *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics* é um livro com uma vasta gama de exemplos e uma teoria autêntica sobre o que é possível mudar nas línguas em situações de contato, sua relação com processos históricos e suas implicações para uma teoria de relações genéticas entre as línguas.

A análise das relações de contato não estuda apenas a maneira como as línguas mudam, mas também as escolhas linguísticas e as formas de interação discursiva que as pessoas praticam num ambiente multilíngue. Trabalhos de referência nessa linha são o *Diglossia* de Charles Ferguson (1972 [1959]) e *Who speaks what Language to Whom and When?* de Joshua Fishman (1965). O trabalho de Arthur Sorensen (1967) *Multilingualism in the Northwest Amazon* descreve a situação de exogamia linguística no rio Uaupés e é também um dos pioneiros nes-

sa linha de estudo. Para uma visão teórica mais atual, recomendamos o trabalho *Uncovering small scale multilingualism* de Friederike Lüpke (2016), *Comparing Rural Multilingualism in Lowland South America and Western Africa* (Lüpke et al., 2020), e *A typology of small-scale multilingualism* (Pakendorf et al., 2021).

@Site: Línguas ameaçadas, documentação e revitalização linguística

Devemos a Joshua Fishman os estudos sociolinguísticos mais sistemáticos sobre a ameaça à diversidade linguística. Na obra *Reversing Language Shift*, Fishman (1991) desenvolveu a primeira ferramenta concebida com o propósito de aferir a vitalidade linguística. Ele tomou o deslocamento linguístico como base para identificar a diminuição de vitalidade e ilustrou como a transmissão intergeracional pode ser um indicador-chave desse deslocamento.

Em 1992, foi publicado um conjunto de artigos na revista *Language* chamando a atenção dos linguistas sobre a gravidade do tema (Hale et al., 1992), em especial o trabalho de Michael Krauss *World's Language in Crisis* (Krauss, 1992). Também a partir da década de 1990, despontaram as principais referências que exploram a relação entre a diversidade linguística e biológica ou diversidade biocultural (Gorenflo et al., 2012b; Mace; Pagel, 1995; Maffi, 2005; Smith, 2001). Alguns trabalhos mais atuais trazem uma excelente síntese das diferentes problemáticas e perspectivas sobre a situação de ameaça à diversidade linguística, especialmente: *Sustaining Linguistic Diversity: Endangered and Minority Languages and Language Varieties* (King et al., 2008), *Dying words: endangered languages and what they have to tell us* (Evans, 2010), *The Oxford handbook of endangered languages* (Rehg; Campbell, 2018).

A crescente conscientização sobre a crise da diversidade linguística instigou o desenvolvimento de metodologias de documentação linguística que gerassem dados ricos, diversos e multifuncionais de usos de uma língua, com boa qualidade de gravação, preservados e disseminados em arquivos digitais de acesso público. Um manual abrangente sobre documentação linguística é o *Essentials of Language Documentation* (Gippert et al., 2006). Uma segunda edição foi traduzida para o espanhol sob o título *Bases de la documentación lingüística* (Haviland; Flores Farfán, 2007). Também em espanhol, a coletânea *Linguística de la documentación: textos fundacionales y proyecciones en América del Sur* (Golluscio et al., 2019) traz trabalhos basilares sobre a documentação linguística e um foco sobre a América do Sul. Stenzel (2008) é uma excelente apresentação

sucinta e abrangente escrita em português. Franchetto (2007) e Cruz (2020) mostram como a documentação linguística pode estar relacionada com parte de políticas de formação de docentes e pesquisadores indígenas. Para uma visão abrangente sobre como os produtos de documentação linguística devem ser preservados e arquivados, ver *Os acervos e a documentação linguística* (Brandão et al., 2023).

A publicação do IPHAN (2014) contextualiza a documentação e o diagnóstico sociolinguístico como partes de uma política pública do campo do patrimônio cultural. Sobre diagnósticos sociolinguísticos em geral, ver a tese de doutorado de Seiffert (2014) *Censo, diagnóstico, inventário e observatório linguísticos: aspectos metodológicos e papel político-linguístico*. O livro *Leis e línguas no Brasil: o processo de cooficialização e suas potencialidades* (Morello, 2015) é especialmente relevante para uma discussão dos processos políticos de cooficialização de línguas no Brasil. Para políticas linguísticas produzidas de baixo para cima, a partir das comunidades indígenas, o livro *Revitalização de línguas indígenas* (D'Angelis, 2019) e o artigo *Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira* (Amaral, 2020) são os principais recursos em língua portuguesa. Vêm surgindo muitos trabalhos que falam mais profundamente sobre processos de revitalização pertinentes a uma comunidade indígena em particular; três referências básicas nessa linha — e escritas por acadêmicas indígenas — são: *Patxohã: A retomada da língua do povo Pataxó* (Bonfim, 2017), *Kanhgág Vĩ Mré Ëg Jykre Pẽ Jagfe - ninho de língua e cultura Kaingang* (Nascimento, 2020), e *O reordenamento político e cultural do povo kokama : a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru* (Rubim, 2016).

@Site: Povos indígenas, diversidade cultural e história

O trabalho *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje* (Luciano, 2006), do antropólogo indígena Gersem Luciano Baniwa é um dos textos mais indicados para leitores que procuram ter uma introdução abrangente, didática e crítica sobre povos indígenas, suas sociedades, culturas e histórias, com uma abordagem que procura informar, desmistificar e valorizar a diversidade de povos indígenas. Um outro bom recurso para professores e outros leitores em geral que desejam obter conhecimento introdutório e abrangente sobre os povos indígenas é o trabalho *A Temática Indígena na Escola: Novos subsídios para professores de 1o e 2o graus* (Silva et al., 1995).

Dados sociais e culturais atuais sobre povos e línguas indígenas podem ser encontrados em diferentes fontes, mas principalmente no site *Povos Indígenas do Brasil* do Instituto Socioambiental (pib.socioambiental.org). Hoje essa é a principal enciclopédia sobre povos indígenas no Brasil, com dados culturais, sociais, demográficos e históricos sobre os povos indígenas, apresentados em verbetes assinados por pesquisadores que conhecem de perto a realidade sobre a qual escrevem.

Como referências adicionais no campo da etnologia, sugerimos Melatti (2004) por trazer um panorama histórico e etnológico didático e abrangente sobre os povos indígenas do Brasil. Para pensar a história e a atualidade dos povos indígenas, sobretudo desde um ponto de vista político, sugerimos a obra *Índio no Brasil: História, Direitos e Cidadania* de Manuela Carneiro da Cunha (2013). Alcida Ramos (1986) em *Sociedade Indígenas* aborda aspectos sociais e culturais de cerca de 40 povos indígenas na América do Sul para introduzir o leitor às relações dos povos indígenas com o mundo natural, social e sobrenatural. Para uma maior discussão sobre áreas culturais e etnográficas ver Galvão (1960) e Melatti (2004). Para o leitor que gostaria de compreender melhor o termo *etnia*, recomendamos consultar a obra *Identidade, etnia e estrutura social* de Roberto Cardoso de Oliveira (Oliveira, 1976).

O trabalho clássico sobre etnologia da América do Sul é o *Handbook of South American Indians* (HSAI), editado por Julien Steward em 7 volumes entre 1946 e 1956, obra fundamental da antropologia do século XX, mas com uma abordagem teórica vista como ultrapassada por muitos antropólogos e arqueólogos. Para a América do Norte, o igualmente monumental *Handbook of North American Indians* (HANI), com 20 volumes é a principal referência. Ambas as obras também contêm volumes e capítulos sobre as línguas indígenas: o volume 6 do HSAI contém um capítulo sobre as línguas da América do Sul (Mason, 1950b), e o volume 17 do HANI é inteiramente dedicado às línguas (Goddard, 1996).

Desde uma perspectiva histórica, o trabalho organizado por Manuela Carneiro da Cunha (1992) *História dos Índios no Brasil* segue como leitura fundamental sobre a história colonial e pré-colonial dos povos indígenas. Há trabalhos de divulgação científica que oferecem uma boa síntese interdisciplinar sobre a história indígena, trazendo informações e pontos de vista sobre um campo de estudos que tem evoluído rapidamente nos dias atuais e mudado os paradigmas que tínhamos sobre os povos indígenas. Um excelente livro de divulgação científica nessa linha é *1499: o Brasil antes de Cabral* (Lopes, 2017) e a obra *1491 - Novas revelações das Américas antes de Colombo* (Mann, 2006). Des-

de uma perspectiva interdisciplinar, o trabalho de Esteves (2023) *Admirável novo mundo: Uma história da ocupação humana nas Américas* é uma extensa revisão de diversas evidências arqueológicas, genéticas e linguísticas sobre a ocupação antiga das Américas, em especial a América do Sul, e sobre os intensos debates do campo científico sobre as teorias de como se deu a história das Américas antes da colonização europeia.

Essas obras sintetizam uma enorme quantidade de trabalhos científicos que refletem uma evolução nas técnicas, no acúmulo do conhecimento e na criação de novos paradigmas interpretativos nos campos da arqueologia, genética e linguística histórica. Como referências iniciais nessa temática sugerimos o livro de Carlos Fausto (2000) *Os Índios antes do Brasil* que combina arqueologia e etnohistória para nos mostrar evidências de uma história de longa duração e sociedades indígenas complexas antes do contato com os europeus. Para os Andes peruano, uma boa síntese dos estudos arqueológicos podem ser vistos no trabalho de Villacorta Ostolaza (2009). Uma síntese científica da evolução dos estudos arqueológicos sobre os povos da Amazônia é o livro *Sob os tempos do equinócio — Oito mil anos de história na Amazônia central* do arqueólogo Eduardo Góes Neves (2013). Sobre a história do povoamento inicial do Brasil e das Américas, sugerimos os diversos trabalhos do dossiê temático *Cenários e Processos das Primeiras Ocupações Humanas no Brasil: o Papel da Pesquisa Arqueológica Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Volume: 14, número 2, 2019*. Para uma visão dessa história desde uma perspectiva genética, ver Castro e Silva *et al.*, 2022; Ferraz; Hünemeier, 2022; Hünemeier, 2023; Posth *et al.*, 2018; Reich *et al.*, 2012; Skoglund *et al.*, 2015. A ecologia histórica tem também aportado importantíssimas contribuições para ampliar nossa compreensão sobre os povos indígenas amazônicos. Em especial, veja os trabalhos de Clement *et al.* (2010, 2015) e Balée (2013)

Para mais detalhes sobre a história dos contatos entre povos polinésios e das Américas, ver Adelaar; Muysken, 2004; Denham, 2013; Ioannidis *et al.*, 2020. Para informações sobre a chegada dos últimos povos indígenas nas Américas, falantes de línguas Na-Denê e Inuit-Yupik-Unangan (Eskimó-Aleúte), ver Matson; Magne (2013) e 5 mil anos Fortescue (2013), respectivamente. Sobre a cultura do rio Mississippi e a cidade de Cahokia, Hays (2001) e Mann (2006).



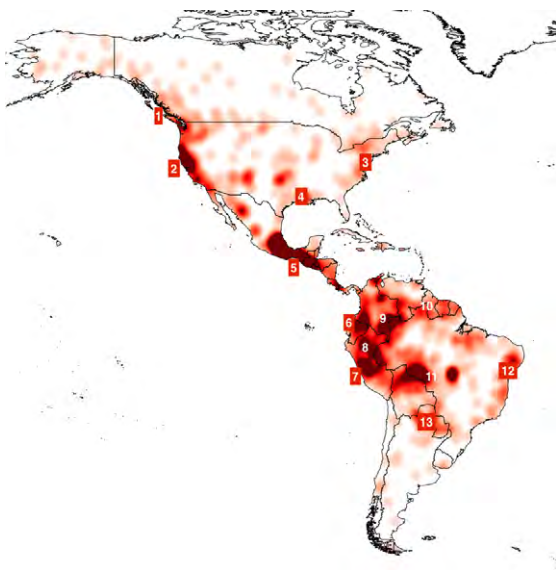
Exercícios

Capítulo 1

- 1) Com base na leitura da seção 1.1, resuma com suas palavras quem são os povos indígenas e como diferenciamos línguas indígenas das Américas de outras línguas faladas por populações indígenas?
- 2) Descreva como são as diferentes estratégias para se construírem os glossônimos de línguas indígenas.
- 3) Sobre o que foi apresentado na seção Panorama da diversidade linguística nas Américas, assinale as alternativas abaixo como verdadeiras ou falsas:
 - () As Américas são a macrorregião do mundo com maior número de línguas e famílias linguísticas.
 - () As Américas são a macrorregião do mundo com maior número de famílias linguísticas, mas com o menor número de línguas.
 - () As famílias linguísticas das Américas possuem, em geral, um maior número de línguas do que outras famílias no restante do globo.
 - () Entre as maiores famílias linguísticas do mundo, não há famílias de línguas indígenas das Américas.
 - () Comparativamente a outras regiões do mundo, as Américas possuem o maior número de línguas isoladas.
 - () Há proporcionalmente um maior número de línguas extintas nas Américas do que em outras macrorregiões do globo.
 - () Há proporcionalmente um menor número de línguas em perigo nas Américas do que na África.

4) Identifique as áreas com maior densidade linguística com seu número correspondente conforme indicado no mapa:

- () Amazônia Meridional
- () Amazônia Ocidental
- () Andes Setentrionais
- () Califórnia
- () Leste Sul-Americano
- () Costa Noroeste do Pacífico
- () Nordeste da Amazônia
- () Mesoamérica
- () Noroeste Amazônico
- () Andes Centrais
- () Nordeste Norte-Americano
- () Golfo (Sudeste dos EUA)
- () Gran-Chaco



5) Sobre a população de falantes de línguas indígenas, marque as afirmações abaixo como falsas ou verdadeiras:

- () A população indígena voltou a crescer rapidamente depois da década de 1980 e o número de falantes de línguas indígenas acompanhou esse crescimento na mesma proporção.
- () Segundo as principais estimativas, mais de 40% das línguas indígenas nas Américas possuem menos do que mil falantes.
- () A população de falantes de línguas indígenas é maior em áreas que permaneceram isoladas durante o período de colonização.
- () As línguas com maior número de falantes estão localizadas unicamente nos Andes e na Mesoamérica.
- () Comparando os Andes com a Amazônia, podemos generalizar que quanto maior for a população de uma área, maior será o número de línguas indígenas.

6) Discuta como fatores sociais e ambientais interagem para criar maior diversidade linguística.

7) Quais as diferenças entre monolinguismo e multilinguismo, e como ambos impactam a diversidade linguística?

8) Reflita sobre a sociedade colonial e as sociedades indígenas pré-coloniais e discuta como elas tiveram diferentes efeitos na diversidade linguística das Américas.

Capítulo 2

1) Leia o poema abaixo de Denilson Baniwa e, com base em seus conhecimentos e na leitura do capítulo 1 e 2, apresente os pontos do texto em que se faz uma crítica sobre a “imagem estereotipada” que fazemos dos povos indígenas, e discuta como o conhecimento sobre a diversidade linguística e cultural podem combater esse problema.

O dia do Índio nas Escolas

Denilson Baniwa

Pai Nosso que estás nos céus
Neste dia 19 de abril
Nos livre das professoras e professores que pintam seus alunos
com canetinhas hidrocor
Nos livre das escolas que colocam cocares de papel nas crianças
Pai Nosso, que estás nos céus
Não deixem as professoras ensinarem para as crianças
que o Dia do Índio é uma homenagem aos povos originários
Mantenha longe de Nós aqueles que repetem as palavras:
Índio, Oca, Tribo, Selvagem, Pureza e Exótico
Afastem de Nós os bu-bu-bu feito com a mão na boca
Senhor, perdoem aqueles que por desconhecimento
nos fazem uma imagem estereotipada
Mas livre-os do desconhecimento e do preconceito que os fazem
acreditar que ainda somos os indígenas de 1500
Amém!

2) Discuta, com suas próprias palavras, como a diversidade linguística é interpretada de forma diferente a partir dos mitos Desano, Yanomami e da Torre de Babel.

3) Reflita sobre as noções de língua, dialeto e as línguas indígenas e então discuta como as proposições abaixo são problemáticas:

- “O Brasil tem muitos povos indígenas que falam vários dialetos e gírias”.
- “Uma língua é um dialeto com exército e marinha”.

- 4) Assinale as alternativas abaixo como V ‘verdadeiras’ ou F ‘falsas’:
- () O termo dialeto, desde um ponto de vista científico, se refere a variedades linguísticas desde um ponto de vista geográfica, enquanto o termo socioleto se refere a variedades faladas por grupos sociais específicos.
 - () Os gênero-letos apresentam diferenças graduais ou categóricas na fala de homens e mulheres com base em palavras, fonemas e outros tipos de aspectos linguísticos, o que remonta a diferenças sociais e culturais entre os diferentes gêneros sociais nas sociedades humanas.
 - () Os letos especiais de povos indígenas se diferem dos demais letos por características das situações ou contextos em que são falados, mas pouco diferem em aspectos formais ou estruturais dos letos usados cotidianamente.
 - () Algumas comunidades indígenas criaram letos silvados e percussivos, que são formas alternativas de canais comunicativos que pouco tem de relação com a linguagem verbal.
 - () Pode-se dizer que a escrita alfabética foi um dos resultados positivos do contato com o europeu, pois antes não havia sistemas gráficos para a expressão de sons e palavras nas sociedades indígenas.
- 5) Quais as características sociolinguísticas das línguas de sinais das Planícies e dos Ka’apor que as diferenciam da LIBRAS?

Capítulo 3

- 1) Liste sons que são mais raros nas línguas do mundo, mas mais frequentes nas Américas.
- 2) Discuta como as abordagens sobre o Grau de Síntese Morfológica procuram sanar problemas da tipologia morfológica holística que diferencia as línguas em tipos como isolantes, aglutinantes, fusionais e polissintética.
- 3) Assinale as alternativas abaixo como V ‘verdadeiras’ ou F ‘falsas’:
- () Os sistemas pronominais e de marcação de pessoa em línguas indígenas distinguem, minimamente, 1ª, 2ª e 3ª pessoa, além de pelo menos uma categoria a mais como gênero, número, etc.
 - () A Hierarquia de Número apresentada na seção 3.3.2 expressa todos os tipos de valores de número, a saber: singular, dual, trial/quadrado, paucal, plural.
 - () Todos os sistemas de classificação nominal apresentam um sistema de concordância de gênero com base no sexo (masculino vs. feminino) ou forma física de um sujeito verbal.

- () Algumas línguas indígenas possuem sistemas de classificação nominal que apresentam ambiguidades com relação a sua classificação em tipos tradicionais como Gênero, Classes Nominais e Classificadores.
- () A análise tipológica nos mostra que, ainda que todas as línguas possam expressar certas noções ou funções como a referência temporal e a fonte de informação, categorias gramaticais, como tempo e evidencialidade, não são universais às gramáticas de todas as línguas.

4) Descreva e apresente exemplos sobre a diferença entre posse alienável e inalienável.

5) Cite as ordens básicas de palavras da oração que estão entre as três ordens menos frequentes entre as línguas do mundo. Dê exemplos concretos de orações com essas ordenas e cite as línguas indígenas das Américas que possuem tais ordenas. Você pode consultar a seção do @Site Síntese Comparativa e bases de dados globais sobre a ordem básica de palavras.

6) Escolha exemplos que apresentamos como ilustração de alinhamentos Ergativo-Abosultivo ou Ativo-Estativo. Discuta, com suas palavras, quais elementos das construções nesses exemplos evidenciam o alinhamento em questão. Especifique como tal padrão de alinhamento é diferente do padrão Nominativo-Acusativo.

Capítulo 4

1) Defina o que é o Método Histórico-Comparativo em Linguística Histórica. Explique com suas palavras suas etapas e procedimentos, e como podemos aplicá-lo em pesquisas interdisciplinares sobre a (pré-)história.

2) Como a Léxico-Estatística de Morris Swadesh se difere do Método Histórico-Comparativo em Linguística Histórica com relação à classificação interna de uma família linguística?

3) Para quais famílias linguísticas grandes da América do Sul tivemos trabalhos de reconstrução e classificação que usaram o método-histórico comparativo?

4) Qual a diferença entre uma língua isolada, uma língua não-atestada e uma língua inclassificável?

5) Sobre as hipóteses de relações genéticas distantes, resuma as evidências em favor da hipótese Tupí-Karib-Macro-Jê e os problemas com a hipótese sobre a suposta família Ameríndia.

6) Segundo Daniel Nettle, por que não teriam se desenvolvido hiperfamílias nas Américas como em outras áreas do globo?

7) Segundo o modelo da seção 4.5.4, qual seria a explicação para um alto número de línguas isoladas e pequenas famílias nas Américas?

Capítulo 5

1) Analise as três palavras abaixo que foram emprestadas do Tupinambá para o português. Considerando apenas a necessidade e o prestígio como motivações para os empréstimos, determine quais palavras teriam sido emprestadas por necessidade ou por prestígio.

Tupinambá	Empréstimo ao Português	Palavra equivalente de origem românica
kuimbuka	cumbuca	tigela
ycypo	cipó	liana
kapi'i	capim	erva, relva, grama, pasto
mbiriti	buriti	não havia

2) Discuta a diferença entre empréstimo e interferência como formas de mudanças por contato linguístico.

4) Cite exemplos de línguas gerais na América portuguesa e espanhola. Discuta o que são as línguas gerais e sua função no sistema colonial Espanhol e Português e responda por que, segundo o livro, elas não devem ser consideradas como línguas crioulas?

5) Como você poderia demonstrar que a seguinte afirmação é falsa:
"Toda área cultural é uma área linguística"

6) Assinale as alternativas abaixo como V 'verdadeiras' ou F 'falsas':

() Podemos considerar a Mesoamérica como uma área linguística forte porque ela possui um conjunto de cinco características que aparecem em várias línguas da área, embora não necessariamente em todas, e que são en-

contradas também em línguas adjacentes fora dos limites propostos para a Mesoamérica.

- () A Amazônia, como um todo, apresenta diversos fenômenos de contato entre línguas que nos permite identificar difusão em uma área linguística forte
- () Pode-se dizer que a área linguística do Uaupés tem uma história de contatos linguísticos que remonta a períodos anteriores e a regiões fora da área do Uaupés, o que a torna uma área linguística com fronteiras difusas com relação a regiões adjacentes
- () A região do Guaporé-Mamoré compreende duas áreas culturais diferentes, mas uma única área linguística forte
- () O Alto Xingu nos prova que uma área cultural se constrói, entre outras coisas, pelo compartilhamento de práticas discursivas, ainda que isso não pressuponha a existência de uma área linguística
- () Os fatores que levaram à expansão da língua Quechua nos Andes foi seu provável uso no comércio, sua adoção pelo Império Inca e pelo poder colonial espanhol, que a levou para regiões onde os Incas nunca estiveram.

7) Como uma relação de contato entre línguas pode levar à divergência em vez da convergência entre elas? Dê exemplos.

Capítulo 6

1) Defina o que são escalas de vitalidade linguística e explique três dos principais indicadores usados em diferentes escalas.

2) Assinale as alternativas abaixo como V 'verdadeiras' ou F 'falsas':

- () Mais de 95% das línguas indígenas encontram-se com algum grau de risco, ameaça, perigo ou já passaram por processos de extinção, silenciamento ou retomada
- () Nas Américas, há mais línguas extintas, silenciadas ou em retomada do que seguras ou mesmo vulneráveis
- () Há mais línguas em retomada na América do Norte do que em outras regiões das Américas
- () No México e na América Central, há um número proporcional maior de línguas com algum grau de risco, ameaça ou perigo do que em outras regiões das Américas
- () Na América do Sul, a maioria das línguas encontra-se em níveis de ameaça, perigo ou grave perigo

3) Sabendo que a transmissão intergeracional é um dos fatores mais centrais para avaliar a vitalidade linguística, explique como fatores como usos linguísticos, identidades e atitudes dos falantes podem afetar a transmissão intergeracional.

4) Por que as noções de “língua extinta” e “último falante” podem ser problemáticas?

5) Descreva como se dão os processos de silenciamento de línguas. Indague-se e responda: esses processos poderiam ser evitáveis? De que maneira? E por que deveríamos evitá-los?

Gabarito dos exercícios

<https://www.dropbox.com/scl/fi/qn8gwdoaz149zthbta77x/>

Referências bibliográficas (Livro + @Site)

- Adelaar, W. (1987). Review of Language in the Americas, Joseph Greenberg. *Lingua*, 78, 249-255.
- Adelaar, W. F. H. (2008a). Relações externas do Macro-Jê: O caso do Chiquitano. Em *Topicalizando Macro-Jê* (p. 9-27). Nectar.
- ADELAAR, W. F. H. (2008b). Toward a typological profile of the Andean languages. Em *Evidence and counter-evidence: Essays in honour of Frederik Kortlandt*. New York: Editions Rodopi, B.V.
- ADELAAR, W. F. H. (2012). Languages of the Middle Andes in areal-typological perspective: Emphasis on Quechuan and Aymaran. *The Indigenous Languages of South America*, 575-624. <https://doi.org/10.1515/9783110258035.575>
- ADELAAR, W. F. H., Muysken, P. (2004). *The languages of the Andes*. Cambridge University Press.
- ADELAAR, W. F. H., Pache, M. (2022). Are All Language Isolates Equal? The Case of Mapudungun. Em T. C. Chacon (Org.), *Language Change and Linguistic Diversity* (p. 164-186). Edinburgh University Press. <https://doi.org/10.1515/9781474488143-012>
- AGUIRRE LICHT, D. (2006). Choco Languages. In *Encyclopedia of Language and Linguistics* (2nd ed., Vol. 2, pp. 367-381). Elsevier.
- AIKHENVALD, A. Y. (1999). Arawak languages. Em R. M. W. Dixon; A. Y. Aikhenvald (org.), *Amazonian languages* (p. 65-106). CUP.
- AIKHENVALD, A. Y. (2002). *Language contact in Amazonia*. Oxford University Press.
- AIKHENVALD, A. Y. (2003a). *Classifiers: A Typology of Noun Categorization Devices*. Oxford University Press.
- AIKHENVALD, A. Y. (2003b). *Evidentiality*. Oxford University Press.
- AIKHENVALD, A. Y. (2007). Languages of the Pacific Coast of South America. Em *The Vanishing Languages of the Pacific Rim* (p. 183-205). Oxford University Press.
- AIKHENVALD, A. Y. (2011). Areal features and linguistic areas: Contact-induced change and geographical typology. Em *Geographical Typology and Linguistic Areas: With Special Reference to Africa* (p. 13-39). Amsterdam: John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/tufs.2.05aik>
- AIKHENVALD, A. Y. (2012). *Languages of the Amazon*. Oxford University Press.
- ALMEIDA, F. O. de, Neves, E. G., Almeida, F. O. de, Neves, E. G. (2015). Evidências Arqueológicas para a origem dos Tupi-Guarani no Leste da Amazônia. *Mana*, 21(3), 499-525. <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p499>
- AMARAL, A. (2020). *O dialeto caipira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2020.
- AMARAL, L. (2020). Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. *Cadernos de Linguística*, 1(3), 1-44. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id251>
- AQUINO, L. DE S. (2010). *Pesquisas sociolinguísticas entre os Asuriní do Tocantins*. Universidade de Brasília.

- ARAGON, C. C. (2014). *A grammar of Akuntsú, a Tupían language*. University of Hawai'i at Mānoa.
- Argolo, W. (2016). As línguas gerais na história social-linguística do Brasil. *PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico*, 26(1), 7-52. <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2571>
- ASCHMANN, R. P. (1993). *Proto Witotoan* (Issue publication 114). Summer Institute of Linguistics.
- BAKKER, P., PAPEN, R. A. (1997). Michif: A mixed Language Based on Cree and French. Em S. G. Thomason (Org.), *Creole Language Library* (Vol. 17, p. 295). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/cll.17.12bak>
- BALYKOVA, K., GODOY, G. (2020). A perda e a retomada do Guató. *Cadernos de Linguística*, 1(3), 1-15. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id230>
- BARNES, J. (1999). Tucano. Em R. M. W. Dixon; A. Aikhenvald (org.), *The Amazonian Languages* (p. 207-226). Cambridge University Press.
- BARROS, C. (2010). O uso do Tupi na capitânia de São Paulo no século XVII. In V. Noll; W. Dietrich (org.), *O Português e o Tupi no Brasil* (1st ed., pp. 141-154). Editora Contexto.
- BARROS, J. P. V. (2013). *Proto-Guaicurú: Una reconstrucción fonológica, léxica y morfológica*. LINCOM.
- BASSO, E. B. (1981). A "Musical View of the Universe" Kalapalo Myth and Ritual as Religious Performance. *The Journal of American Folklore*, 94(373), 273-291. <https://doi.org/10.2307/540153>
- BEIER, C., MICHAEL, L., SHERZER, J. (2002). Discourse Forms and Processes in Indigenous Lowland South America: An Areal-Typological Perspective. *Annual Review of Anthropology*, 31, 121-145. <http://www.jstor.org/stable/4132874>
- BELLWOOD, P., RENFREW, A. C. (2003). *Examining the Farming/Language Dispersal Hypothesis*. McDonald Institute for Archaeological Research.
- BERGSLAND, K. (1967). The Eskimo Shibboleth Inuk/Yuk. Em *To honor Roman Jakobson: essays on the occasion of his 70. birthday*, 11. October 1966 (p. 203-221). De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783111604763-019>
- BERTET, D. (2020). *Aspects of Tikuna grammar (San Martín de Amacayacu variety, Colombia): Phonology, nominal phrase, predicative phrase*. Université Lumière Lyon 2.
- BICKEL, B., NICHOLS, J. (2013). Inflectional Synthesis of the Verb (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>
- BIONDO, F., ROCHA, P. G. (2020). Multilinguismo e atitudes linguísticas de estudantes de Miranda-MS. *Revista Diadorim*, 22(1), 93-113. <https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v22n1a32001>
- BIRCHALL, J. (2014). *Argument marking patterns in South American languages*. <https://www.lotpublications.nl/argument-marking-patterns-in-south-american-languages-argument-marking-patterns-in-south-american-languages>
- BIRCHALL, J., DUNN, M., GREENHILL, S. (2016). A combined comparative and phylogenetic analysis of the Chapacuran language family. *International Journal of American Linguistics*, 82(3), 255-284. <http://dx.doi.org/10.1086/687383>
- BOAS, F. (1911a). *Handbook of American Indian languages* (Vol. 1). Government Printing Office.
- BOMFIM, A. B. (2017). Patxohã: a retomada da língua do povo Pataxó. *Revista Linguística*, 13(1), 303-327. <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/10433>
- BONFIM, E. DE S., DURAZZO, L., AGUIAR, M. S. (2021). O "Levante Linguístico Indígena" no Nordeste, Espírito Santo e Minas Gerais: Aspectos Teóricos, Políticos e Etnográficos. *Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, 6(2), 23.
- BOSSAGLIA, G. (2019). *Linguística comparada e tipologia* (1. ed, Issue 9). Parábola.
- BRAARVIG, J. E. (2018). *Multilingualism, Lingua Franca and Lingua Sacra* (M. J. Geller; E. O. Access, Orgs.; First published, Número 10). Edition Open Access, Max Planck Institute for the History of Science.
- BRANDÃO, A. P., EPPS, P., KUNG, S. S., MOORE, D., O'HAGAN, Z., LABRADA, J. R. (2023). Os acervos e a documentação linguística. *Cadernos de Linguística*, 4(1). <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2023.v4.n1.id666>

- BRASIL. (1998). Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Em *Ministério da Educação*.
- BRIGGS, L. T. (1976). *Dialectal Variation in the Aymara Language of Bolivia and Peru*. University of Florida: Center for Latin American Studies.
- BRITO, L. F. (1984). Similarities and Differences in Two Brazilian Sign Languages. *Sign Language Studies*, 1042(1), 45-56. <https://doi.org/10.1353/sls.1984.0003>
- BROCHADO, J. P. (1984a). *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America*. http://gateway.proquest.com/openurl?url_ver=Z39.88-2004&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:dissertation&res_dat=xri:pqm&rft_dat=xri:pqdiss:8502084
- BROCHADO, J. P. (1984b). *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America*. http://gateway.proquest.com/openurl?url_ver=Z39.88-2004&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:dissertation&res_dat=xri:pqm&rft_dat=xri:pqdiss:8502084
- BROCHADO, J. P. (1989). A Expansão dos Tupi e da Tradição Policrômica Amazônica. *Dédalo*, 27, 65-82.
- BROMHAM, L., DINNAGE, R., SKIRGÅRD, H., RITCHIE, A., CARDILLO, M., MEAKINS, F., GREENHILL, S., HUA, X. (2021). Global predictors of language endangerment and the future of linguistic diversity. *Nature Ecology; Evolution*, 1-11. <https://doi.org/10.1038/s41559-021-01604-y>
- CABRAL, A. S. A. C. (2007). New observations on the structure of Kokáma/Omágwa. Em *Language Endangerment and Endangered Languages: Linguistic and Anthropological Studies with Special Emphasis on the Languages and Cultures of the Andean-Amazonian Border Area* (Vol. 5, p. 365-379). Research School of Asian, African and Amerindian Studies (CNWS), Universiteit Leiden.
- CABRAL, A. S. A. C. (2011). Different histories, different results: the origin and development of two Amazonian languages. *Papia*, 21(1), 9-22.
- CABRAL, A. S. de A. C. (1997). Evidências morfológicas para a não-classificação genética do Kokama. *Boletim da ABRALIN*, 21.
- CÁCERES, N. (2007). *Introduction a la langue des Ye'kwana: Profil sociolinguistique et esquisse phonologique*. Université Lumière Lyon.
- CALVET, J. L. (2007). *As políticas linguísticas*. Parábola.
- CAMARGO, E. (2002). Manifestações da ergatividade em caxinauá (pano). Em F. Queixalós (Org.), *Ergatividade na Amazônia*, I (p. 47-64). Laboratório de Línguas Indígenas, UnB.
- CAMPBELL, L. (1972). Mayan Loan Words in Xinca. *International Journal of American Linguistics*, 38(3), 187-190. <https://doi.org/10.1086/465204>
- CAMPBELL, L. (1988). Language in the Americas. *Language*, 64(3), 591. <https://doi.org/10.2307/414535>
- CAMPBELL, L. (1995). The Quechumaran Hypothesis and Lessons for Distant Genetic Comparison. *Diachronica. International Journal for Historical Linguistics. Founded by E.F.K. Koerner, General Editor*, 1984-2001, 12(2), 157-200. <https://doi.org/10.1075/dia.12.2.02cam>
- CAMPBELL, L. (1997). *American Indian languages: the historical linguistics of Native America* (Número 4). Oxford University Press.
- CAMPBELL, L. (2012). *Typological characteristics of South American indigenous languages*. De Gruyter Mouton. <https://www.degruyter.com/view/book/9783110258035/10.1515/9783110258035.259.xml>
- CAMPBELL, L. (2013). *Historical linguistics: An introduction*. Edinburgh University Press.
- CAMPBELL, L. (2016). Comparative linguistics of Mesoamerican languages today. *VELEIA*, 33, 113-134.
- CAMPBELL, L. (2017a). *Language Isolates*. Routledge.
- CAMPBELL, L. (2017b). Why is it so Hard to Define a Linguistic Area? Em *Handbook of Areal Linguistics* (p. 17-39). Cambridge University Press.
- CAMPBELL, L. (2024). *The Indigenous Languages of the Americas: History and Classification*. Oxford University Press.
- CAMPBELL, L., GRONDONA, V. (2012a). Linguistic Acculturation in Nivacle and Chorote. *International Journal of American Linguistics*, 78(3), 335-367. <https://doi.org/10.1086/665672>
- CAMPBELL, L., GRONDONA, V. (org.). (2012b). *The Indigenous Languages of South America: A Comprehensive Guide*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110258035>

- CAMPBELL, L., REHG, K. L. (2018). Introduction: Endangered Languages. Em K. L. Rehg; L. Campbell (org.), *The Oxford Handbook of Endangered Languages* (p. xxviii-18). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190610029.013.3>
- CAMPBELL, L., CHACON, T., ELLIOTT, J. (2020). Contact and South American Languages. Em R. Hickey (Org.), *The Handbook of Language Contact* (1o ed, p. 625-648). Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781119485094.ch32>
- CAMPBELL, L., DÍAZ, L., ÁNGEL, F. (2020). *Nivacle grammar*. University of Utah Press.
- CAMPBELL, L., KAUFMAN, T., SMITH-STARK, T. C. (1986). Meso-America as a Linguistic Area. *Language*, 62(3), 530-570.
- Campbell, L., Poser, W. J., Poser, W. J. (2008). *Language classification: history and method* (1. publ). Cambridge University Press.
- CARLIN, E. B. (2007). The Borrowing of Cariban Functional Categories into Mawayana (Arawak). Em *Grammars in Contact* (p. 20).
- CARLSON, R., PAYNE, D. L. (1989). Genitive classifiers. Em *Proceedings of the Fourth Annual Pacific Lin-guistics Conference* (Vols. 87-119, p. 89-119). University of Oregon.
- CASTRO E SILVA, M. A., FERRAZ, T., COUTO-SILVA, C. M., LEMES, R. B., NUNES, K., COMAS, D., HÜNEMEIER, T. (2022). Population Histories and Genomic Diversity of South American Natives. *Molecular Biology and Evolution*, 39(1). <https://doi.org/10.1093/molbev/msab339>
- CASTRO, E. B. V. DE. (2015). *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. Co-sac Naify.
- CAYÓN, L., CHACON, T. (2022). Diversity, multilingualism and inter-ethnic relations in the long-term history of the Upper Rio Negro region of the Amazon. *Interface Focus*, 13(1), 20220050. <https://doi.org/10.1098/rsfs.2022.0050>
- CERRÓN-PALOMINO, R. (1987). Unidad y diferenciación lingüística en el mundo andino. *Lexis*, 11(1), 71-104.
- CERRÓN-PALOMINO, R. (2008). *Quechumara: estructuras paralelas de las lenguas quechua y aymara*. Plural.
- CHACON, T. (2014). A Revised Proposal of Proto-Tukanoan Consonants and Tukanoan Family Classification. *International Journal of American Linguistics*, 80(3), 275-322. <https://doi.org/10.1086/676393>
- CHACON, T. C. (2007). O sistema de classificação nominal do Tukáno. *Revista de Estudos e Pesquisas (funai)*, 4(2), 147-197.
- CHACON, T. C. (2012). *The Phonology and Morphology of Kubeo: The Documentation, Theory, and Description of an Amazonian Language*. ProQuest LLC.
- CHACON, T. C. (2023). O português em adição ao multilinguismo do Alto rio Negro (Amazônia). Em *I Seminário Viagens da Língua: Multilinguismo no Mundo Lusófono* (p. 101-111). Museu da Língua Portuguesa.
- CHACON, T. C., MICHAEL, L. (2018). The evolution of subject-verb agreement in Eastern Tukanoan. *Journal of Historical Linguistics*, 8(1), 59-94. <https://doi.org/10.1075/jhl.16024.cha>
- CHACON, T. C., GARCIA GONÇALVES, A., DA SILVA, L. (2019). A diversidade linguística Aruák no Alto Rio Negro em gravações da década de 1950. *Forma y Función*, 32(2), 41-67. <https://doi.org/10.15446/fyf.v32n2.80814>
- CHAFE, W., NICHOLS, J. (1986). *Evidentiality: the Linguistic Coding of Epistemology* (W. L. Chafe; J. Nichols, Orgs.). Ablex.
- CHAUMEIL, J.-P. (2005). *Mémoire nouée: les cordelettes à noeuds en Amazonie*. 295. <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00539983>
- CHRISTIAN, D. R., MATTESON, E. (1972). Proto Guahiban. In *Comparative Studies in Amerindian Languages* (Vol. 127, pp. 150-159). Mouton de Gruyter.
- CLAIRIS, C. (1985). Indigenous Languages of Tierra del Fuego. Em H. E. M. Klein; L. Stark (org.), *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect* (p. 753-783). Texas University Press.
- CLASTRES, P. (1974). *La société contre l'État: recherches d'anthropologie politique*. Éditions de minuit.

- CLEMENT, C. R., DENEVAN, W. M., HECKENBERGER, M. J., JUNQUEIRA, A. B., NEVES, E. G., TEIXEIRA, W. G., WOODS, W. I. (2015). The domestication of Amazonia before European conquest. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, 282(1812), 20150813. <https://doi.org/10.1098/rspb.2015.0813>
- CLEMENT, C., DE CRISTO-ARAÚJO, M., COPPENS D'ECKENBRUGGE, G., ALVES PEREIRA, A., PICANÇO-RODRIGUES, D. (2010). Origin and Domestication of Native Amazonian Crops. *Diversity*, 2(1), 72-106. <https://doi.org/10.3390/d2010072>
- COLE, P. (1982). *Imbabura Quechua: A Descriptive Grammar* (Número 5). North-Holland Publishing Company.
- COMRIE, B. (1985). *Tense*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139165815>
- COMRIE, B. (1989). *Language Universals and Linguistic Typology* (2a edição). Wiley-Blackwell.
- COMRIE, B. (2013). Alignment of Case Marking of Full Noun Phrases (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>
- CONSTENLA UMAÑA, A. (2012). Chibchan languages. Em *The Indigenous Languages of South America. A Comprehensive Guide* (p. 391-440). De Gruyter. <http://www.degruyter.com/view/books/9783110258035/9783110258035.391/9783110258035.391.xml>
- CORBETT, G. G. (1991). *Gender*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781139166119>
- CORBETT, G. G. (2000). *Number*. Cambridge University Press.
- CORVALÁN, G. (2007). La vitalidad de la lengua guaraní en el Paraguay. *POBLACIÓN Y DESARROLLO*, 30, 1-17.
- COSTA CHACON, T., DE CARVALHO, F. O. (2020). South America. Em C. Gussenhoven; A. Chen (org.), *The Oxford Handbook of Language Prosody* (p. 427-440). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198832232.013.26>
- COUTO, H. H. DO, COUTO, E. K. N. N. DO, ARAÚJO, G. P. DE, ALBUQUERQUE, D. B. DE (org.). (2016). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: Ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos* (v. 1). Editora UFG.
- COUTO, H. H. DO. (2009). *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*.
- CREVELS, M., MUYSKEN, P. (2020). Patterns of diversification and contact: Re-examining dispersal hypotheses. In *Language Dispersal, Diversification and Contact: A Global Perspective* (pp. 3-24). Oxford University Press.
- CREVELS, M., VOORT, H. VAN DER. (2008). The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. In *From linguistic areas to areal linguistics* (Vol. 90, pp. 151-179). John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/slcs.90.04cre>
- CRUZ, A. da. (2020). Documentação linguística como parte das políticas de formação intercultural de docentes indígenas. *Articulando e Construindo Saberes*, 5. <https://doi.org/10.5216/racs.v5i.63405>
- D'ANGELIS, W. (2019). *Revitalização de línguas indígenas: O que é? Como fazemos*. Ed. Curt Nimuendajá, Kamuri.
- D'ANGELIS, W., COSTA, T. (2010, September). *Projeto Web Indígena: inclusão digital pró-ativa dos Kaingang*.
- DAGOSTINO, C., MITHUN, M., RICE, K. (org.). (2023). *The languages and linguistics of Indigenous North America*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110600926>
- DAGOSTINO, C., MITHUN, M., RICE, K. (org.). (2023). *The Languages and Linguistics of Indigenous North America*. De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110600926>
- DAHL, Ö., VELUPILLAI, V. (2013). Perfective/Imperfective Aspect (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>
- DAKIN, K. (2003). Uto-Aztecán in the linguistic stratigraphy of Mesoamerican prehistory. Em H. Andersen (Org.), *Current Issues in Linguistic Theory* (Vol. 239, p. 259-288). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/cilt.239.20dak>

- DALL'IGNA RODRIGUES, A., CÂMARA CABRAL, A. S. (2012). Tupían. Em *The Indigenous Languages of South America. A Comprehensive Guide* (p. 495-574). De Gruyter. <http://www.degruyter.com/view/books/9783110258035/9783110258035.495/9783110258035.495.xml>
- DANIELSEN, S. (2007). *Baure: An Arawak Language of Bolivia*. Leiden University Press.
- DAVIS, J. (2017). *Native American Signed Languages* (Vol. 1). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199935345.013.42>
- DE CASTRO ALVES, F. (2004). *O Timbira Falado Pelos Canela Apãniekrá: Uma Contribuição aos Estudos da Morfossintaxe de uma Língua Jê*. Universidade Estadual de Campinas.
- DE HOLLANDA, S. (2011). *Raizes do Brasil*. Companhia das Letras.
- DE OLIVEIRA, S. C. S. (2014). *Contribuições para a reconstrução do Protopáno*. Universidade de Brasília.
- DENHAM, T. (2013). Ancient and historic dispersals of sweet potato in Oceania. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 110(6), 1982-1983. <https://doi.org/10.1073/pnas.1221569110>
- DERBYSHIRE, D. (1999). Carib. Em *The Amazonian Languages* (p. 23-64). Cambridge University Press.
- DERBYSHIRE, D. C. (1977). Word Order Universals and the Existence of OVS Languages. *Linguistic Inquiry*, 8(3), 590-599. <https://www.jstor.org/stable/4178003>
- DERBYSHIRE, D. C. (1985). *Hixkaryana and linguistic typology* (Número publication no. 76). Summer Institute of Linguistics ; University of Texas at Arlington.
- DIAKURU, A. C. F., Kisibi, D. M. F. (2006). *Bueri kãdiri marĩriye: os ensinamentos que não se esquecem*. UNIRT : FOIRN.
- DIAS, A. S. (2019). Um réquiem para Clovis. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 14(2), 459-476. <https://doi.org/10.1590/1981.81222019000200010>
- DICANIO, C. T. (2008). *The Phonetics and Phonology of San Martín Itunyoso Trique* [University of California at Berkeley]. <http://hdl.handle.net/11858/00-001M-0000-0012-9618-8>
- DIENST, S. (2009). The internal classifications of the Arawan languages. *LIAMES*, 8, 61-67.
- DIETRICH, W. (1986). *El Idioma Chiriguano: Gramática, textos, vocabulario*. Ediciones Cultura Hispánica, Instituto de Cooperación Iberoamericana.
- DIETRICH, W. (2010). Lexical evidence for a redefinition of Paraguayan "Jopara". *Language Typology and Universals*, 63(1), 39-51. <https://doi.org/10.1524/stuf.2010.0004>
- DIXON, R. B., Kroeber, A. L. (1913). New Linguistic Families in California. *American Anthropologist*, 15(4), 647-655.
- DIXON, R. M. W. (1986). Noun Classes and Noun Classification in Typological Perspective. Em C. G. Craig (Org.), *Typological Studies in Language* (Vol. 7, p. 105). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tsl.7.09dix>
- DIXON, R. M. W. (1994). *Ergativity* (Número 70). Cambridge University Press.
- DIXON, R. M. W. (2004). Proto-Arawá Phonology. *Anthropological Linguistics*, 46(1), 1-83.
- DIXON, R. M. W. (2010). *Basic linguistic theory. Vol. 2: Grammatical topics*. Oxford Univ. Press.
- DIXON, R. M. W. (2010a). *Basic linguistic theory. Vol. 1: Methodology*. Oxford Univ. Press.
- DIXON, R. M. W. (2010b). *Basic linguistic theory. Vol. 2: Grammatical topics*. Oxford Univ. Press.
- DIXON, R. M. W. (2012). *Basic Linguistic Theory Volume 3: Further Grammatical Topics* (1 edition). Oxford University Press.
- DIXON, R. M. W., Aikhenvald, A. (1999). Introduction. In *The Amazonian languages* (pp. 1-22). Cambridge University Press.
- DORIAN, N. C. (1994). Purism vs. compromise in language revitalization and language revival. *Language in Society*, 23(4), 479-494. <https://doi.org/10.1017/S0047404500018169>
- DRECHSEL, E. J. (1997). *Mobilian Jargon: Linguistic and Sociohistorical Aspects of a Native American Pidgin*. Clarendon Press.
- DRYER, M. S. (1992). The Greenbergian Word Order Correlations. *Language*, 68(1), 81-138.
- DRYER, M. S. (2013a). Order of Subject, Object and Verb (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>

- DRYER, M. S. (2013b). Prefixing vs. Suffixing in Inflectional Morphology (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>
- DRYER, M. S., HASPELMATH, M. (org.). (2013). *WALS Online*. Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. <https://wals.info/>
- DUARTE, F. B. (2022). *Ergatividade e sistemas de alinhamentos em línguas indígenas* (1a. edição). Mercado de Letras.
- ELCat, Catalogue of Endangered Languages. (2024). University of Hawaii at Manoa. <http://www.endangeredlanguages.com> www.endangeredlanguages.com. Acessado em 29 de Junho de 2024.
- EMLÉN, N. Q. (2017). Multilingualism in the Andes and Amazonia: A View from In-between. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, 22(3), 556-577. <https://doi.org/10.1111/jlca.12250>
- EMMERICH, C. (1992). O português de contato no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil central. *Estudos Linguísticos e Literários*, 13, 57-90.
- ENGLAND, N. C. (1991). Changes in Basic Word Order in Mayan Languages. *International Journal of American Linguistics*, 57(4), 446-486. <https://www.jstor.org/stable/3519735>
- EPPS, P. (2006). The Vaupés Melting Pot: Tucanoan Influence on Hup. Em A. Y. Aikhenvald; R. M. W. Dixon (org.), *Grammars in Contact: A Cross-Linguistic Typology* (Número 4, p. 267-289). Oxford University Press. http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=F6luA5_3H28C&oi=fnd&pg=PA267&dq=patience+epps&ots=5dJY4e6CF&sig=WNy3XnhGerIXi1FhgLvVpmoGbkh
- EPPS, P. (2007). Birth of a noun classification system: The case of Hup. *Language endangerment and endangered languages: Linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area*, 107-128.
- EPPS, P. (2008). *A grammar of Hup* (Número 43). Mouton de Gruyter.
- EPPS, P. (2018). Contrasting linguistic ecologies: Indigenous and colonially mediated language contact in northwest Amazonia. *Language; Communication*, 62, 156-169. <https://doi.org/10.1016/j.langcom.2018.04.010>
- EPPS, P. (2020). *Amazonian linguistic diversity and its sociocultural correlates*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198723813.003.0016>
- EPPS, P. (2021). Diversifying multilingualism: Languages and lects in Amazonia. *International Journal of Bilingualism*, 25(4), 901-920. <https://doi.org/10.1177/13670069211023131>
- EPPS, P., BOLAÑOS, K. (2017). Reconsidering the “Makú” Language Family of Northwest Amazonia. *International Journal of American Linguistics*, 83(3), 467-507. <https://doi.org/10.1086/691586>
- EPPS, P., MICHAEL, L. (org.). (2023a). *Amazonian languages. Volume 1: Language Isolates I: Aikanã to Kandozi-Shapra: An international handbook*. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110419405>
- EPPS, P., MICHAEL, L. (org.). (2023b). *Amazonian languages. Volume 2: Language Isolates II: Kanoé to Yurakaré: An international handbook*. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110432732>
- EPPS, P., MICHAEL, L. (org.). (2023a). *Amazonian languages. Volume 1 Language Isolates I: Aikanã to Kandozi-Shapra: An International Handbook*. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110419405>
- EPPS, P., MICHAEL, L. (org.). (2023b). *Amazonian languages. Volume 2 Language Isolates II: Kanoé to Yurakaré: An International Handbook*. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110432732>
- ESCOBAR, A. M. (2011). Spanish in Contact with Quechua. Em *The Handbook of Hispanic Sociolinguistics* (p. 321-352). Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781444393446.ch16>
- ESTEVEZ, B. (2023). *Admirável Novo Mundo: Uma história da ocupação humana nas Américas*. Companhia das Letras.
- EVANS, N. (2010). *Dying words: endangered languages and what they have to tell us*. Wiley-Blackwell.
- EVANS, N. (2017). Did language evolve in multilingual settings? *Biology; Philosophy*, 32(6), 905-933. <https://doi.org/10.1007/s10539-018-9609-3>
- EVERETT, D. L. (1979). *Aspectos da fonologia do Pirahã*. Universidade Estadual de Campinas.

- EVERETT, D. L. (1983). *A língua pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectiva e teoria* [Universidade Estadual de Campinas]. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1983.47139>
- EVERETT, D. L. (2005). Cultural Constraints on Grammar and Cognition in Pirahã. <https://doi.org/10.1086/431525>, 46(4), 621-646. <https://doi.org/10.1086/431525>
- FARMER, S. J. (2015). *Establishing reference in Máihiki*. University of California at Berkeley.
- FAUSTO, C. (2000). *Os índios antes do Brasil*. Zahar.
- FAUSTO, C., FRANCHETTO, B., HECKENBERGER, M. (2008). Language, ritual and historical reconstruction: Towards a linguistic, ethnographical and archaeological account of Upper Xingu Society. In *Lessons from Documented Endangered Languages* (p. 129-158). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tsl.78.06fau>
- FERGUSON, C. A. (1972). Diglossia. In *Language and social context: Selected readings* (pp. 232-251 [Reprint of Word 15: 325-340 (1959)]). Penguin Press.
- FERRAZ, T., HÜNEMEIER, T. (2022). A genomic perspective on South American human history. *Genetics and Molecular Biology*, 45, e20220078. <https://www.scielo.br/j/gmb/a/SSGnGN8cGXbLBx3vg-Z4GjmQ/?format=html>
- FERREIRA, H. P., MACHADO, A. M. A., SENA, E. (org.). (2019). *As Línguas Yanomami no Brasil: diversidade e vitalidade* (1a ed, Número 19). Instituto Socioambiental, Hutukara. https://www.academia.edu/43346965/As_L%C3%ADnguas_Yanomami_no_Brasil_diversidade_e_vitalidade
- FINBOW, T. (2020). Nheengatu Dâw: estudo preliminar dos aspectos fonético-fonológicos e morfosintáticos de um caso de contato Tupi-Guarani e Nadahup no Alto Rio Negro. *Cadernos de Linguística*, 1(3), 1-21. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id236>
- FISHMAN, J. A. (1965). Who Speaks What Language to Whom and When? *La Linguistique*, 1(2), 67-88. <https://www.jstor.org/stable/30248773>
- FISHMAN, J. A. (1991). *Reversing language shift*. Multilingual Matters. <https://doi.org/10.21832/9781800418097>
- FLECK, D. W. (2013). *Panoan languages and linguistics* (Vol. 99). American Museum of Natural History. <http://digitallibrary.amnh.org/dspace/bitstream/handle/2246/6448/AP99.pdf?sequence=1>
- FOIRN, F. DAS O. I. DO R. N., ISA, I. S. (2005). *Povos Indígenas do Alto Rio Negro: Mapa-Livro* (3o ed). Instituto Socioambiental.
- FORTESCUE, M. (2013). 44 North America: Eskimo-Aleut linguistic history. In I. Ness (Ed.), *The Encyclopedia of Global Human Migration* (p. wbeghm844). Blackwell Publishing Ltd. <https://doi.org/10.1002/9781444351071.wbeghm844>
- FORTESCUE, M. D., JACOBSON, S. A., KAPLAN, L. D. (2010). *Comparative Eskimo dictionary: with Aleut cognates* (2nd ed). Alaska Native Language Center, University of Alaska Fairbanks.
- FRANCHETTO, B. (2007). A comunidade indígena como agente da documentação linguística. *Revista de Estudos e Pesquisas (FUNAI)*, 4, 11-32. <http://dspace.sistemas.mpba.mp.br/jspui/handle/123456789/337>
- FRANCHETTO, B. (2008). A guerra dos alfabetos: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. *Mana*, 14(1), 31-59. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000100002>
- FRANCHETTO, B. (2011). Evidências linguísticas para o entendimento de uma sociedade multilíngue: O Alto Xingu. In B. Franchetto (Ed.), *Alto Xingu, uma sociedade multilíngue* (pp. 3-38). Museu do Índio - FUNAI.
- FRANCHETTO, B., BALKOVA, K. (org.). (2020). *Índio não fala só tupi: Uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil*. 7 Letras.
- FRANCHETTO, B., BALKOVA, K. (org.). (2020). *Índio não fala só tupi: uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil*. 7Letras.
- FRANCHETTO, B., SANTOS, M. (2009). Tempo Nominal em Kuikuro (Karib Alto-Xinguano). *Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVEL. Edição especial no, 3*, 1-16.
- FRANCHETTO, B., STENZEL, K. (2019). Celebrando as línguas indígenas: diversidade, artes, memórias. *Revista Linguística*, 15(1), 6-17. <https://doi.org/10.31513/linguistica.2019.v15n1a25560>
- FREIRE, J. R. B. (2011). *Rio Babel: Histórias das línguas na Amazônia* (2ª edição). EdUERJ.

- GALÚCIO, A. V., MEIRA, S., BIRCHALL, J., MOORE, D., JÚNIOR, N. G., DRUDE, S., STORTO, L., PICANÇO, G., RODRIGUES, C. R. (2015). Genealogical relations and lexical distances within the Tupian linguistic family. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*, 10(2), 229-274. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222015000200229&nrm=iso
- GALVÃO, Eduardo. (1960). Áreas culturais indígenas do Brasil; 1900-1959. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Nova Série Antropologia*, 8, 1-41.
- GARCIA, U. F. (2011). *Karawara: a caça e o mundo dos Awá-Guajá* [Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/T8.2011.tde-26072011-145355>
- GAVIN, M. C., RANGEL, T. F., BOWERN, C., COLWELL, R. K., KIRBY, K. R., BOTERO, C. A., DUNN, M., DUNN, R. R., MCCARTER, J., COELHO, M. T. P., GRAY, R. D. (2017). Process-based modelling shows how climate and demography shape language diversity. *Global Ecology and Biogeography*, 26(5), 584-591. <https://doi.org/10.1111/geb.12563>
- GILDEA, S. (2012). Linguistic studies in the Cariban family. Em *The Indigenous Languages of South America: A Comprehensive Guide* (Vol. 2, p. 441-494). Berlin: Mouton. <http://www.degruyter.com/view/books/9783110258035/9783110258035.441/9783110258035.441.xml>
- GIPPERT, J., Himmelmann, N. P., Mosel, U. (org.). (2006). *Essentials of Language Documentation*. Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110197730>
- Girard, V. (1971). *Proto-Takanan Phonology* (Vol. 70). University of California Press.
- Goddard, I. (1996). *Handbook of North American Indians*, V. 17: *Languages*. HarperCollins.
- GODDARD, I. (1997). Pidgin Delaware. Em S. G. Thomason (Org.), *Creole Language Library* (Vol. 17, p. 43). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/cll.17.06god>
- GODDARD, I., CAMPBELL, L. (1994). The history and classification of American Indian Languages. What are the implications for the peopling of the Americas. Em *Method and theory for investigating the peopling of the Americas: 189-207*. Peopling of the Americas Publications. Center for the Study of the First Americans. Oregon State University.
- GOLLUSCIO, L. A., CICCONE, F., COURTIS, C., KRASAN, M., PACOR, P. (2019). *Etnografía del habla: textos fundacionales*. <https://elibro.net/ereader/elibrodemo/153593>
- GOLLUSCIO, L., Ciccione, F., Krasan, M., Pacor, P. (2019). *Linguística de la documentación: textos fundacionales y proyecciones en América del Sur*. <https://elibro.net/ereader/elibrodemo/153592>
- GOMEZ-IMBERT, E. (1991). Force des langues vernaculaires en situation d'exogamie linguistique. *Cahiers de Sciences Humaines*, 27(3-4), 535-559.
- GOMEZ-IMBERT, E., JONES, S. H. (2000). Introducción al estudio de las lenguas del Piraparaná. Em M. S. de Pérez; M. L. de Montes (org.), *Lenguas indígenas de Colombia: una visión descriptiva* (p. 321-356). Instituto Caro y Cuervo.
- GÓMEZ, G. G. (2009). Empréstimos do português e neologismos em Yanomae. *Signótica*, 14(1), 61-74. <https://doi.org/10.5216/sig.v14i1.7301>
- GOÑÇALVES, A. G. (2018). *Para uma dialetologia baniwa-koripako do rio Içana* [Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32195>
- GORENFLO, L. J., ROMAINE, S., MITTERMEIER, R. A., WALKER-PAINEMILLA, K. (2012). Co-occurrence of linguistic and biological diversity in biodiversity hotspots and high biodiversity wilderness areas. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 109(21), 8032-8037. <https://doi.org/10.1073/pnas.1117511109>
- GRANBERRY, J., Vescelius, G. S. (2004). *Languages of the Pre-Columbian Antilles*. The University of Alabama Press.
- GREENBERG, J. H. (1987). *Language in the Americas*. Stanford University Press.
- GREENBERG, J. H. (1996). In Defense of Amerind. *International Journal of American Linguistics*, 62(2), 131-164.
- GREENBERG, J. H., RUHLEN, M. (2007). *An Amerind Etymological Dictionary*. Stanford Univ. http://starling.rinet.ru/Texts/Ruhlen_AED5.pdf
- GREENHILL, S. J., HAYNIE, H. J., ROSS, R. M., CHIRA, A. M., LIST, J.-M., CAMPBELL, L., BOTERO, C. A., GRAY, R. D. (2023). A recent northern origin for the Uto-Aztecan family: Supplementary Material. *Language*, 99(1). <https://doi.org/10.1353/lan.2023.0011>

- GREGORES, E., SUÁREZ, J. A. (1967). *A Description of Colloquial Guaraní* (Vol. 27). Berlin: Mouton de Gruyter.
- GRINEVALD, C. (2000). A morphosyntactic typology of classifiers. Em *Systems of nominal classification* (Gunter Senft, p. 50-92). Cambridge University Press.
- GRINEVALD, C., BERT, M. (2011). Speakers and communities. Em J. Sallabank; P. K. Austin (org.), *The Cambridge Handbook of Endangered Languages* (p. 45-65). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975981.003>
- GUERRA-MEJÍA, R. (2020). Evaluación del estado de desplazamiento del zapoteco en Juchitán de Zaragoza, México. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, 20, e020006. <https://doi.org/10.20396/liames.v20i0.8656822>
- GUILHERME, J. C. (2021). *As palavras (em) canto: Formas e intenções de uso da palavra Kaiowá e Guaraní no rap dos Brô Mc's*. 21.
- GUILLAUME, A. (2008). *A grammar of Cavineña* (Vol. 44, Número 44). Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110211771>
- GUIARDELLO, R. (1999). *A Reference Grammar of Trumai* [Cambridge University Press]. <http://scholarship.rice.edu/handle/1911/19387>
- GUMPERZ, J. J. (John J. (1971). *Language in social groups*; Stanford, Calif., Stanford University Press. <http://archive.org/details/languageinsocial0000gump>
- GUMPERZ, J. J., HYMES, D. (org.). (1989). *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication* (2nd ed.). Blackwell.
- GUNDERMAN, H., CANIHUÁN, J., CASTILLO, E., CALVERÍA, A. (2008). *Perfil sociolingüístico de comunidades mapuche de la VIII, IX y X Región. Informe de Resultados 2008*. <https://chiloe.omeka.net/items/show/93>
- HAAS, M. R. (1944). Men's and Women's Speech in Koasati. *Language*, 20(3), 142. <https://doi.org/10.2307/410153>
- HALE, K., KRAUSS, M., WATAHOMIGIE, L. J., YAMAMOTO, A. Y., CRAIG, C., JEANNE, L. M., ENGLAND, N. C. (1992). Endangered Languages. *Language*, 68(1), 1. <https://doi.org/10.2307/416368>
- HAMMARSTRÖM, H. (2016). Linguistic diversity and language evolution. *Journal of Language Evolution*, 1(1), 19-29. <https://doi.org/10.1093/jole/lzw002>
- HAMMARSTRÖM, H., FORKEL, R., HASPELMATH, M., BANK, S. (2022). *Glottolog* 4.6. <https://doi.org/10.5281/zenodo.6578297>
- HARDMAN, M. J. (1966). *Jaqaru: Outline of Phonological and Morphological Structure* (Vol. 22). Mouton de Gruyter.
- HAUDE, K. (2006). *A Grammar of Movima* [Radboud Universiteit Nijmegen]. <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00670611>
- HAVILAND, J. B., FLORES FARFÁN, J. A. (2007). *Bases de la documentación lingüística* (1a ed. en español). Instituto Nacional de Lenguas Indígenas.
- HAYNIE, H. J. (2012). *Studies in the History and Geography of California Languages*. ProQuest LLC.
- HAYNIE, H., BOWERN, C., EPPS, P., HILL, J., MCCONVELL, P. (2014). Wanderwörter in languages of the Americas and Australia. *Ampersand*, 1, 1-18. <https://doi.org/10.1016/j.amper.2014.10.001>
- HAYS, C. (2001). Adena. In *Encyclopedia of Prehistory* (pp. 1-13). Springer US. https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0523-5_1
- HEGGARTY, P. (2011). Enterrando el esqueleto Quechumara. Em *ARU, SIMI, TAQU, LENGUA: Estudios en homenaje a Rodolfo Cerrón-Palomino* (p. 147-179). Fondo Editorial, Pontificia Universidad Católica del Perú.
- HEGGARTY, P. (2014). Prehistory through language and archaeology. Em *The Routledge Handbook of Historical Linguistics* (p. 598-626). Routledge.
- HICKEY, R. (Ed.). (2010). *The Handbook of Language Contact*. Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781444318159>
- HIGUITA, J. M. G. (2008). *Una gramática del Wansöjöt (Puinave)* [University of Amsterdam]. <http://hdl.handle.net/11858/00-001M-0000-0012-91C5-E>

- HILL, J. D., SANTOS-GRANERO, F. (2002). *Comparative Arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. University of Illinois Press. <http://catdir.loc.gov/catdir/toc/fy036/2001007537.html>
- HIMMELMANN, N. P. (2006). Language documentation: What is it and what is it good for? In *Essentials of Language Documentation* (pp. 1-30). Mouton de Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110197730.1>
- HINTON, L. (2001). New Writing Systems. Em *The Green Book of Language Revitalization in Practice* (p. 237-254). BRILL. https://doi.org/10.1163/9789004261723_020
- HOFLING, C. A. (2017). Comparative Maya (Yucatec, Lacandon, Itzaj, and Mopan Maya). Em *The Mayan Languages* (p. 685-759). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315192345-24>
- HORNBORG, A., HILL, J. D. (2013a). *Ethnicity in ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory*.
- HORNBORG, A., HILL, J. D. (2013b). *Ethnicity in ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory*.
- HUA, X., GREENHILL, S. J., CARDILLO, M., SCHNEEMANN, H., BROMHAM, L. (2019). The ecological drivers of variation in global language diversity. *Nature Communications*, 10(1), 2047. <https://doi.org/10.1038/s41467-019-09842-2>
- HUGH-JONES, S. (2016). Escrita nas pedras, escrita no papel : (Noroeste da Amazônia). Em C. Fausto; C. Severi (org.), *Palavras em imagens : Escritas, corpos e memórias*. OpenEdition Press. <http://books.openedition.org/oepp/1274>
- HÜNEMEIER, T. (2023). As descobertas sobre origem e história dos povos indígenas da América do Sul reveladas pela genética [Depoimento]. *BBC News Brasil*. <https://repositorio.usp.br/item/003128117>
- HUTTAR, G. L., Velantie, F. J. (1997). Ndyuka-Trio Pidgin. Em *Contact languages: a wider perspective* (Vol. 17, p. 99-124). John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/cll.17.07hut>
- HYMES, D. H. (1964). *Language in culture and society; a reader in linguistics and anthropology*. New York, Harper; Row. <http://archive.org/details/languageincultur0000hyme>
- HYMES, D. H. (1974). *Foundations in sociolinguistics; an ethnographic approach*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press. <http://archive.org/details/foundationsinsoc0000hyme>
- INALI, I. N. de L. I. (2012). *México: lenguas indígenas nacionales en riesgo de desaparición* (A. Embriz Osorio, Ó. Zamora Alarcón, J. López Sánchez, Orgs.; 1. ed). Instituto Nacional de Lenguas Indígenas.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (2010). *Censo demográfico 2010: Características gerais dos indígenas: Resultados do universo*. IBGE.
- INSTITUTO NACIONAL DE LENGUAS INDÍGENAS (INALI). (2012). *México: Lenguas indígenas nacionales en riesgo de desaparición* (A. Embriz Osorio, Ó. Zamora Alarcón, J. López Sánchez, Eds.). Instituto Nacional de Lenguas Indígenas.
- IOANNIDIS, A. G., BLANCO-PORTILLO, J., SANDOVAL, K., HAGELBERG, E., MIQUEL-POBLETE, J. F., MORENO-MAYAR, J. V., RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, J. E., QUINTO-CORTÉS, C. D., AUCLAND, K., PARKS, T., ROBSON, K., HILL, A. V. S., AVILA-ARCOS, M. C., SOCKELL, A., HOMBURGER, J. R., WOJCIK, G. L., BARNES, K. C., HERRERA, L., BERRÍOS, S., MORENO-ESTRADA, A. (2020). Native American gene flow into Polynesia predating Easter Island settlement. *Nature*, 583(7817), 572-577. <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2487-2>
- IPHAN. (2014). *Guia de pesquisa e documentação para o INDL Inventário Nacional da Diversidade Linguística* (T. C. Chacon, A. P. Seiffert, F. de F. Berto, G. R. Pereira, M. Silvestrin, M. V. C. Garcia, Orgs.; 1o ed). IPHAN.
- JUNG, I. (2008a). *Gramática del páez o nasa yuwe: descripción de una lengua indígena de Colombia* (Vol. 469). Lincom Europe.
- JUNG, I. (2008b). *Gramática del páez o nasa yuwe: descripción de una lengua indígena de Colombia* (Vol. 469). Lincom Europe.
- KAKUMASU, J. Y. (1968). Urubú sign language. *International Journal of American Linguistics*, 34, 275-281.
- KAUFMAN, T., Justeson, J. (2009). Historical Linguistics and Pre-Columbian Mesoamerica. *Ancient Mesoamerica*, 20, 221-231.

- KEENAN, E. L. (1976). Towards a Universal Definition of 'Subject of'. Em L. N. Charles (Org.), *Subject and topic* (p. 303-333). Academic Press.
- KETTUNEN, H., Helmke, C. (2019). *Introduction to Maya Hieroglyphs: Sixteenth Revised Edition*. Wayeb. <https://www.wayeb.org/wp-content/uploads/2019/04/wh2019english.pdf>
- KEY, M. R. (1968). *Comparative Tacanan phonology: With Cavineña phonology and notes on Pano-Tacanan relationship* (Vol. 50). Mouton.
- KING, K. A., Estes, N. S., Fogle, L. W., Lou, J. J., Soukup, B. (2008). *Sustaining Linguistic Diversity: Endangered and Minority Languages and Language Varieties*. Georgetown University Press. <https://doi.org/10.1353/book.13067>
- KIRBY, K. R., GRAY, R. D., GREENHILL, S. J., JORDAN, F. M., GOMES-NG, S., BIBIKO, H.-J., BLASI, D. E., BOTE-RO, C. A., BOWERN, C., EMBER, C. R., LEEHR, D., LOW, B. S., MCCARTER, J., DIVALE, W., GAVIN, M. C. (2016). D-PLACE: A Global Database of Cultural, Linguistic and Environmental Diversity. *PLOS ONE*, 11(7), e0158391. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0158391>
- KOCH-GRÜNBERG, T. (2009). *Começos da arte na selva: desenhos manuais de indígenas colecionados por Dr. Theodor Koch-Grünberg em suas viagens pelo Brasil*. EDUA : Faculdades Dom Bosco.
- KRASNOUKHOVA, O. (2012). *The noun phrase in the languages of South America* (Número 301). LOT.
- KRAUSS, M. (1992). The world's languages in crisis. *Language*, 68(1), 4-10. <https://doi.org/10.1353/lan.1992.0075>
- KROEBER, A. L. ([s.d.]). *Cultural and Natural Areas of Native North America*. University of California Press.
- LABRADA, J. E. R. (2019). Jodí-Sáliban: A Linguistic Family of the Northwest Amazon. *International Journal of American Linguistics*, 85(3), 275-311. <https://doi.org/10.1086/703238>
- LADEFOGED, P. (2001). *A course in phonetics* (4th ed). Harcourt College Publishers.
- LADEFOGED, P., Everett, D. (1996). The Status of Phonetic Rarities. *Language*, 72(4), 794. <https://doi.org/10.2307/416103>
- LANDABURU, J. (2000). La Lengua Ika. Em M. S. de Pérez; M. L. de Montes (org.), *Lenguas indígenas de Colombia: una visión descriptiva* (p. 733-748). Instituto Caro y Cuervo.
- LARRAÍN, A. J. (2021). *Perfil sociolingüístico del yagán: hacia la reclamación lingüística: Lengua muy amenazada de la Patagonia chilena*. Universite Lumiere Lyon 2.
- LAW, D. (2013). Inherited similarity and contact-induced change in Mayan Languages. *Journal of Language Contact*, 6(2), 271-299. <https://doi.org/10.1163/19552629-00602004>
- LEE, N. H., VAN WAX, J. R. (2018). Assessing Degrees of Language Endangerment. Em K. L. Rehg; L. Campbell (org.), *The Oxford Handbook of Endangered Languages* (p. 47-65). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190610029.013.5>
- LEITE, Y. (1998). De homens, árvores e sapos: forma, espaço e tempo em Tapirapé. *Mana*, 4(2), 85-103. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000200004>
- LEONARD, W. (2008). When is an "extinct language" not extinct?: Miami, a formerly sleeping language. *Sustaining Linguistic Diversity: Endangered and Minority Languages and Language Varieties*, 23-33.
- LEVINSOHN, S. H., Tandioy J., F. (2000). Inga. Em M. S. G. de Pérez; M. L. R. de Montes (org.), *Lenguas indígenas de Colombia: una visión descriptiva* (p. 121-134). Instituto Caro y Cuervo.
- LOPES, R. J. (2017). *1499: O Brasil antes de Cabral* (1a edição). Harper Collins.
- LOUKOTKA, Č., Thrower, N. J. W. (1967). Annals Map Supplement Number Eight Ethno-Linguistic Distribution of South American Indians. *Annals of the Association of American Geographers*, 57(2), 437-438. <http://www.jstor.org/stable/2569488>
- LUCIANO, G. (2014). Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena. *Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística*, 1, 14-27.
- LUCIANO, G. dos S. (2006). *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje* (Número v. 12). Ministério de Educação, SECAD : Unesco.
- LÜPKE, F. (2016). Uncovering Small-Scale Multilingualism. *Critical Multilingualism Studies*, 4(2), 35-74. <https://cms.arizona.edu/index.php/multilingual/article/view/100>

- LÜPKE, F., STENZEL, K., CABALZAR, F. D., CHACON, T., DA CRUZ, A., FRANCHETTO, B., GUERREIRO, A., MEIRA, S., DA SILVA, G., SILVA, W., STORTO, L., VALENTINO, L., VAN DER VOORT, H., WATSON, R. (2020). Comparing Rural Multilingualism in Lowland South America and Western Africa. *Anthropological Linguistics*, 62(1), 3-57. <https://doi.org/10.1353/anl.2020.0002>
- LUSTIG, W. (1996). Mba'éichapa oiko la guarani? Guarani y jopara en el Paraguay. *Papia*, 4(2), 19-43.
- MACE, R., PAGEL, M. (1995). A latitudinal gradient in the density of human languages in North America. *Proceedings of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences*, 261(1360), 117-121. <https://doi.org/10.1098/rspb.1995.0125>
- MADDIESON, I. (2009). *Patterns of sounds*. Cambridge Univ. Press.
- MADDIESON, I. (2013a). Absence of Common Consonants (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>
- MADDIESON, I. (2013b). Syllable Structure (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>
- MADDIESON, I. (2013c). Tone (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>
- MADDIESON, I., FLAVIER, S., PELLEGRINO, F. (2016). LAPSyD: Lyon-Albuquerque Phonological Systems Databases. <https://lapsyd.huma-num.fr/index.php>
- MADDIESON, I., FLAVIER, S., PELLEGRINO, F. (2016). LAPSyD: Lyon-Albuquerque Phonological Systems Databases. <https://lapsyd.huma-num.fr/lapsyd/>
- MAFFI, L. (2005). Linguistic, Cultural, and Biological Diversity. *Annual Review of Anthropology*, 34(1), 599-617. <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.34.081804.120437>
- MAGALHÃES, M., GARCIA, U. (2023). A floresta vista de cima: a categorização do mundo na língua dos Awa Guajá e na “língua” dos karawara. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, 15(1), 263-295.
- MAIA, M. (2006). *Manual de lingüística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem* (Número 4). Ministério da Educação.
- MAIA, M. A. R., FRANCHETTO, B., LEMLE, M., VIEIRA, M. D. (2019). *Línguas indígenas e gramática universal*. Editora Contexto.
- MALOTKI, E. (2011). Hopi Time: A Linguistic Analysis of the Temporal Concepts in the Hopi Language. In *Hopi Time*. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110822816>
- MAMIANI, L. V. (1877). *Arte grammatika da lingua Brazilica da Nação Kiriri*. Typ. Central de Brown; Evaristo. <http://hdl.handle.net/11858/00-001M-0000-0012-8DBA-7>
- MANN, C. C. (2006). *1491: New Revelations of the Americas Before Columbus* (Illustrated edição). Vintage Books USA.
- MANNHEIM, B. (1992). The Inka language in the Colonial world. *Colonial Latin American Review*, 1(1-2), 77-108.
- MARTINS, V. (2005). *Reconstrução Fonológica do Protomaku Oriental* [Vrije Universiteit Amsterdam]. <http://hdl.handle.net/11858/00-001M-0000-0012-72E8-5>
- MASON, J. A. (1950). The languages of South American Indians. Em J. H. Steward (Org.), *Physical anthropology, linguistics and cultural geography of South American Indians* (Vol. 6, p. 157-317). Washington: Smithsonian Institution, Washington: Bureau of American Ethnology.
- MASON, J. A. (1950). The languages of South American Indians. In J. H. Steward (Ed.), *Physical anthropology, linguistics and cultural geography of South American Indians* (Vol. 6, pp. 157-317). Washington: Smithsonian Institution, Washington: Bureau of American Ethnology.
- MATSON, R. G., MAGNE, M. P. R. (2013). 43 North America: Na Dene/Athapaskan archaeology and linguistics. In I. Ness (Ed.), *The Encyclopedia of Global Human Migration* (p. 843). Blackwell Publishing Ltd. <https://doi.org/10.1002/9781444351071.wbeghm843>
- MCDONOUGH, J. M. (1999). Tone in Navajo. *Anthropological Linguistics*, 41(4), 503-540. <https://www.jstor.org/stable/30028725>
- MCLEOD, R., MITCHELL, V. (2003). *Aspectos da Língua Xavante* (4o ed). Sociedade Internacional de Lingüística.

- MEDRANO, M., URTON, G. (2018). Toward the Decipherment of a Set of Mid-Colonial Khipus from the Santa Valley, Coastal Peru. *Ethnohistory*, 65(1), 1-23. <https://doi.org/10.1215/00141801-4260638>
- MEHINAKU, M. (2010). *Tetsualü: pluralismo de línguas e pessoas no Alto Xingu*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MEIRA, S. (1999). *A Grammar of Tiriyó* [Houston: Rice University]. <http://scholarship.rice.edu/handle/1911/19417>
- MEIRA, S. (2006). A família lingüística Caribe (Karíb). *Revista de Estudos e Pesquisas*, 3(1/2), 157-174.
- MEIRA, S., Muysken, P. (2017). Cariban in contact: New perspectives on Trio-Ndyuka pidgin. Em *Boundaries and bridges: Language contact in multilingual ecologies* (p. 197-228). Mouton.
- MELATTI, J. C. (2007). *Índios do Brasil*. EDUSP.
- MELIÁ, B. (1982). Hacia una "tercera lengua" en el Paraguay. Em *Sociedad y lengua: bilingüismo en el Paraguay*, I. Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos.
- MELIÁ, B. (2010). *Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní* (Número v. 74). Centro de Estudios Antropológicos, Universidad Católica de Asunción : Instituto Superior de Estudios Humanísticos y Filosóficos.
- MELLO, A. A. de S. (2000). *Estudo histórico da família lingüística Tupí-Guaraní: aspectos fonológicos e lexicais* [Doutorado]. UFSC.
- MELLO, A. A. S. (2001). *Línguas indígenas Brasileiras. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Editora Universitaria da UFPA.
- MELLO, H., ALTENHOFEN, C. V., RASO, T. (org.). (2011). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Editora UFMG.
- MÉTRAUX, A. (1940). Los indios Manáo. *Anales Del Instituto de Etnografía Americana*, I, 235-244.
- MEYER, J. (2015). *Whistled Languages A Worldwide Inquiry on Human Whistled Speech*. <https://doi.org/10.1007/978-3-662-45837-2>
- MICHAEL, L. (2014). On the Pre-Columbian Origin of Proto-Omagua-Kokama. *Journal of Language Contact*, 7(2), 309-344. <https://doi.org/10.1163/19552629-00702004>
- MICHAEL, L. D. (2008). *Nanti evidential practice: Language, knowledge, and social action in an Amazonian society* [Univ. of Texas]. http://lev.d.michael.googlepages.com/ldm08_ut_thesis.pdf
- MICHAELIS, S. M., MAURER, P., HASPELMATH, M., HUBER, M. (org.). (2013). *APiCS Online*. Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. <https://apics-online.info/>
- MIGLIAZZA, E. C. (1982). Linguistic prehistory and the refuge model in Amazonia. In *Biological diversification in the Tropics* (pp. 479-519). Columbia University Press.
- MITHUN, M. (1984). The Evolution of Noun Incorporation. *Language*, 60(4), 847-894. <https://doi.org/10.2307/413800>
- MITHUN, M. (1991). Active/Agentive Case Marking and its Motivations. *Language*, 67(3), 510-546. <https://doi.org/10.2307/415036>
- MITHUN, M. (1992). Is basic word order universal? Em D. L. Payne (Org.), *Typological Studies in Language* (Vol. 22, p. 15). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tsl.22.02mit>
- MITHUN, M. (2006). *The languages of native North America* (terceira impressão 2006). Cambridge Univ. Press.
- MITHUN, M. (2006). *The languages of native North America* (Third printing 2006). Cambridge Univ. Press.
- MOORE, D. (1998). Tonal System of the Gavião Language of Rondônia, Brazil, in Tupian Perspective. Em S. Kaji (Org.), *Cross-Linguistic Studies of Tonal Phenomena Tonogenesis, Typology, and Related Topics* (p. 297-310).
- MOORE, D., GABAS, N. (2006). O Futuro das Línguas Indígenas Brasileiras. Em L. Forline, I. Vieira, R. Murrieta (org.), *Amazônia além dos 500 Anos* (p. 433-454). Museu Paraense Emílio Goeldi.
- MOORE, D., GALÚCIO, A. V., JÚNIOR, N. G. (2008). O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. *Scientific American (Brasil)*, 3, 36-43.
- MORA-MARÍN, D. F. (2016). Testing the Proto-Mayan-Mije-Sokean Hypothesis. *International Journal of American Linguistics*, 82(2), 125-180. <https://doi.org/10.1086/685900>

- MORELLO, R. (Ed.). (2015). *Leis e línguas no Brasil: o processo da cooficialização e suas potencialidades*. IPOL.
- MORELLO, R., SEIFFERT, A. P. (2011). *Inventário da língua Guarani Mbyá*. Garapuvu Editora. <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/GML00014.pdf>
- MORI, A. H. C., FERREIRA, J. DO C., FELIPE, P. H. DE (org.). (2023). *Introdução às Línguas Indígenas do Brasil: Agrupamentos e Famílias Linguísticas Maiores, Política e Educação Escolar Indígena* (1a edição). Editora Mercado de Letras.
- Mortensen, C. A. (1999). *A Reference Grammar of the Northern Embera Languages* (Número 7). Summer Institute of Linguistics.
- MOSELY, C., ALEXANDRE, N., UNESCO (2010). *Atlas of the world's languages in danger*. UNESCO.
- MUFWENE, S. S. (2001). *The Ecology of Language Evolution*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511612862>
- MÜHLHÄUSLER, P. (2003). *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. Battlebridge.
- MÜLLER, N. J. (2013). *Tense, aspect, modality, and evidentiality marking in South American Indigenous languages*. LOT.
- MUYSKEN, P. (1997a). Callahuaya. Em S. G. Thomason (Org.), *Creole Language Library* (Vol. 17, p. 427). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/cll.17.14muy>
- MUYSKEN, P. (1997b). Media Lengua. Em S. G. Thomason (Org.), *Creole Language Library* (Vol. 17, p. 365). John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/cll.17.13muy>
- MUYSKEN, P. (2013). Media Lengua. Em *Contact Languages Based on Languages from Africa, Asia, Australia, and the Americas* (Vol. 3, p. 143-148). Oxford University Press.
- NASCIMENTO, G. (2012). *Aspectos Gramaticais da Língua Terena*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- NASCIMENTO, M. (2020). Kanhgág Vĩ Mré Ëg Jykre Pê Jagfe - ninho de língua e cultura Kaingang. *Cardernos de Linguística*, 1(3), 1-17. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n3.id247>
- NEIVA PRAÇA, W. (2007). *Morfossintaxe da Língua Tapirapé (Família Tupí-Guaraní)* [Universidade de Brasília]. <http://hdl.handle.net/11858/00-001M-0000-0012-95AF-B>
- NETTLE, D. (1998). Explaining Global Patterns of Language Diversity. *Journal of Anthropological Archaeology*, 17(4), 354-374. <https://doi.org/10.1006/jaar.1998.0328>
- NETTLE, D. (1999). Linguistic diversity of the Americas can be reconciled with a recent colonization. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 96(6), 3325-3329. <https://doi.org/10.1073/pnas.96.6.3325>
- NEVES, E. G. (2013). *Sob os tempos do equinócio — Oito mil anos de história na Amazônia central*. Universidade de São Paulo.
- NICHOLS, J. (1986). Head-Marking and Dependent-Marking Grammar. *Language*, 62(1), 56-119. <https://doi.org/10.2307/415601>
- NICHOLS, J. (1992). *Linguistic diversity in space and time*. University of Chicago Press.
- NICHOLS, J. (1997). Modeling Ancient Population Structures and Movement in Linguistics. *Annual Review of Anthropology*, 26(1), 359-384. <https://doi.org/10.1146/annurev.anthro.26.1.359>
- NICHOLS, J. (2008). Language Spread Rates and Prehistoric American Migration Rates. *Current Anthropology*, 49(6), 1109-1117. <https://doi.org/10.1086/592436>
- NICHOLS, J., BICKEL, B. (2013a). Locus of Marking in Possessive Noun Phrases (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>
- NICHOLS, J., BICKEL, B. (2013b). Locus of Marking in the Clause (v2020.3). Em M. S. Dryer; M. Haspelmath (org.), *The World Atlas of Language Structures Online*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7385533>
- NIKULIN, A. (2020). *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo*. Universidade de Brasília.
- NIKULIN, A., DE CARVALHO, F. O. (2019). Estudos Diacrônicos de Línguas Indígenas Brasileiras: um Panorama. *Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli*, 8(2). <https://doi.org/10.47295/mren.v8i2.1910>

- NIMUENDAJÚ, C. (1926). Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn. Göteborgs kungliga vetenskapets vitterhets-samhälles handlingar, 4. *följde*, 31(2).
- NOBLE, G. K. (1965). *Proto-Arawakan and its descendants* (Vol. 38). Indiana University.
- NOELLI, F. S. (1998). The Tupi: explaining origin and expansions in terms of archaeology and of historical linguistics. *Antiquity*, 72(277), 648-663.
- NOLL, V. R., Dietrich, W. (2010). *O Português e o tupi no Brasil* (1a edição). Editora Contexto.
- NORDENSKIÖLD, E. (1922). *Deductions Suggested by the Geographical Distribution of Some Post-Columbian Words Used by the Indians of S. America*.
- NORRIS, M. J. (2007). Aboriginal languages in Canada: Emerging trends and perspectives on second language acquisition. *Canadian Social Trends*, 11, 9.
- O'CONNOR, L., MUYSKEN, P. (org.). (2014). *The Native Languages of South America* (1a ed). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107360105.017>
- O'HAGAN, Z. (2011). *Proto-Omagua-Kokama: Grammatical sketch and prehistory*. University of California at Berkeley.
- OLIVEIRA, C. C. (2005). *The language of the Apinajé people of central Brazil* [University of Eugene]. <http://hdl.handle.net/11858/00-001M-0000-0012-7AC8-9>
- OLIVEIRA, C. M. DE, COSTA, F. V. F. DA. (2021). Voos na sabedoria: o ensino do Patxôhã na Escola Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê. *Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, 6(2), 463-486. <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/46721>
- OLIVEIRA, L. R. C. de. (1976). *Identidade, etnia e estrutura social*. Pioneira Ed.
- OLIVEIRA, M. S. D. DE, ZANOLI, M. D. L. (2021). O /r/ retroflexo no Português caipira como resultado de “interferência” da Língua Geral de São Paulo – uma homenagem à obra de Amadeu Amaral. *Estudos Linguísticos (São Paulo)*, 50(3). <https://doi.org/10.21165/el.v50i3.3024>
- OVERMANN, K. A., CHACON, T., PAYNE, A. (2022). Desana numerical symbols: An indigenous creation narrated by Diakuru and Kisibi. *Written Language; Literacy*, 25(2), 133-158. <https://doi.org/10.1075/wll.00064.ove>
- PACHE, M. (2018). *Contributions to Chibchan Historical Linguistics*. Rijksuniversiteit te Leiden.
- PAKENDORF, B., DOBRUSHINA, N., KHANINA, O. (2021). A typology of small-scale multilingualism. *International Journal of Bilingualism*, 136700692110231. <https://doi.org/10.1177/13670069211023137>
- PALOMINO, R. C. (2012). *Las lenguas de los incas: el puquina, el aimara y el quechua: 13* (New edição). Peter Lang GmbH, Internationaler Verlag Der Wissenschaften.
- PAYNE, D. L. (1991). A Classification of Maipuran (Arawakan) Languages Based on Shared Lexical Retentions. Em D. C. Derbyshire; G. K. Pullum (org.), *Handbook of Amazonian Languages: Vol. III* (p. 355-500). Berlin: Mouton de Gruyter.
- PAYNE, T. (2006). *Exploring Language Structure: A Student's Guide*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511806483>
- PAYNE, T. E. (1997). *Describing morphosyntax: A guide for field linguists: A guide for field linguists*. Cambridge University Press.
- PÉREZ BÁEZ, G. (2009). *Endangerment of a transnational language: The case of San Lucas Quiavini Zapotec*. State University of New York at Buffalo.
- PERRI FERREIRA, H. (2017). *Yanomama Clause Structure*. Radboud Universiteit Nijmegen.
- PET, W. J. A. (2011). *A Grammar Sketch and Lexicon of Arawak (Lokono Dian)* (Vol. 30). SIL International.
- PIXABAJ, T. A. C. (2017). K'iche'. Em J. Aissen, N. C. England, R. Z. Maldonado (org.), *The Mayan Languages* (p. 461-499). Routledge.
- POSTH, C., NAKATSUKA, N., LAZARIDIS, I., SKOGLUND, P., MALLICK, S., LAMNIDIS, T. C., ROHLAND, N., NÄGELE, K., ADAMSKI, N., BERTOLINI, E., BROOMANDKHOSHBAHT, N., COOPER, A., CULLETON, B. J., FERRAZ, T., FERRY, M., FURTWÄNGLER, A., HAAK, W., HARKINS, K., HARPER, T. K., REICH, D. (2018). Reconstructing the Deep Population History of Central and South America. *Cell*, 175(5), 1185-1197.e22. <https://doi.org/10.1016/j.cell.2018.10.027>

- PRAÇA, W. N. (2013). Aspectos da modalidade epistêmica em Tapirapé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 8(2), 343-357. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222013000200008>
- QGIS Geographic Information System. (2022). QGIS Association. <http://www.qgis.org>
- QUEIXALÓS, F. (1993). Linguas y dialectos de la familia lingüística guahibo. In *Estado Actual de la Clasificación de las Lenguas Indígenas de Colombia* (Vol. 11, pp. 189-217). Santafé de Bogotá: Instituto de Caro y Cuervo.
- QUEIXALÓS, F., GOMES, D. M. (org.). (2016). *O sintagma nominal em línguas amazônicas*. Editora Pontes.
- QUEIXALÓS, F., RENAULT-LESCURE, O. (org.). (2000). *As línguas amazônicas hoje = Las lenguas amazónicas hoy = Les langues d'Amazonie aujourd'hui = The Amazonian languages today* (1a ed). Instituto Socioambiental; Museu Paraense Emílio Goeldi; Institut de recherche pour le développement (IRD).
- RAMIREZ, H. (2001). *Uma gramática do Baniwa do Içana*. Universidade Federal do Amazonas.
- RAMIREZ, H. (2019). *A Fala Tukano dos Ye'pã-Masa* (2a ed). Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia, CEDEM.
- RAMIREZ, H. (2020). *Enciclopédia das línguas Arawak - Acrescida de seis novas línguas e dois bancos de dados Volume 01* (1a ed). Editora CRV. <https://doi.org/10.24824/978655578895.2>
- RAMOS, A. R. (1986). *Sociedades indígenas* (Número 59). Editora Atica.
- REHG, K. L., CAMPBELL, L. (org.). (2018). *The Oxford handbook of endangered languages*. Oxford University Press.
- REICH, D., PATTERSON, N., CAMPBELL, D., TANDON, A., MAZIERES, S., RAY, N., PARRA, M. V., ROJAS, W., DUQUE, C., MESA, N., GARCÍA, L. F., TRIANA, O., BLAIR, S., MAESTRE, A., DIB, J. C., BRAVI, C. M., BAILLIET, G., CORACH, D., HÜNEMEIER, T., RUIZ-LINARES, A. (2012). Reconstructing Native American population history. *Nature*, 488(7411), 370-374. <https://doi.org/10.1038/nature11258>
- REICHEL-DOLMATOFF, G. (1976). O contexto cultural de um alucinógeno aborígene - Banisteriopsis Caapi. Em V. P. Coelho (Org.), *Os Alucinógenos e o mundo simbólico : o uso dos alucinógenos entre os índios da América do Sul*. EDUSP.
- RIBEIRO, E. R., Voort, H. van der. (2010). Nimuendajú was right: The inclusion of the Jabutí language family in the macro-Jê stock. *International Journal of American Linguistics*, 76(4), 517-570. <http://dx.doi.org/10.1086/658056>
- RICARDO, F. (2023). *Povos Indígenas no Brasil 2017/2022*. Instituto Socioambiental.
- RINDSTEDT, C., ARONSSON, K. (2002). Growing up monolingual in a bilingual community: The Quichua revitalization paradox. *Language in Society*, 31(5), 721-742. <https://doi.org/10.1017/S0047404502315033>
- ROBINS, R. H. (1958). *The Yurok Language: Grammar, Texts, Lexicon*. University of California Press. http://archive.org/details/rosettaproject_yur_book-1
- RODRIGUES, A. D. (1964). A classificação do tronco lingüístico Tupí. *Revista de Antropologia*, 12, 99-104.
- RODRIGUES, A. D. (1966). Tarefas da lingüística no Brasil. *Estudos Lingüísticos (Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada)*, 1(1), 4-15.
- RODRIGUES, A. D. (1985a). Evidence for Tupi-Carib Relationships. Em *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect* (p. 371-404). Texas University Press.
- RODRIGUES, A. D. (1985b). Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, 27/28, 33-53.
- RODRIGUES, A. D. (1986). *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. Edições Loyola.
- RODRIGUES, A. D. (1993). Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *DELTA: Documentação e Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 9(1). <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45596>
- RODRIGUES, A. D. (1996). As línguas gerais sul-americanas. *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 4(2), 6-18. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9136>

- RODRIGUES, A. D. (1997). Nominal classification in Karirí. *Opción*, 22, 65-79.
- RODRIGUES, A. D. (1999). Macro-Jê. Em *The Amazonian Languages* (p. 165-206). Cambridge University Press.
- RODRIGUES, A. D. (2000). Hipótese Sobre As Migrações dos Três Subconjuntos Meridionais da Família Tupí-Guaraní. Em *Atas do II Congresso Nacional da ABRALIN* (p. 1596-1605). Universidade Federal de Santa Catarina.
- RODRIGUES, A. D. (2009). A case of affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 1(1), 137-162.
- RODRIGUES, A. D. (2010). Linguistic Reconstruction of Elements of Prehistoric Tupi Culture. Em *Linguistics and Archaeology in the Americas: The Historization of Language and Society* (Vol. 2, p. 1-10). Brill.
- RODRIGUES, A. D. (2010). Tupí, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil. In V. Noll; W. Dietrich (org.), *O português e o tupí no Brasil* (1st ed., pp. 27-47). Contexto.
- RODRIGUES, A. D. (2013). *Línguas indígenas brasileiras*.
- RODRIGUES, A. D. (2018). A originalidade das línguas indígenas brasileiras. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 9(1), 187-195. <https://doi.org/10.26512/rbla.v9i1.19521>
- RODRIGUES, A. D., CABRAL, A. S. A. C. (2011). A contribution to the linguistic history of the língua geral amazônica. *Alfa: Revista de Linguística (São José Do Rio Preto)*, 55(2), 613-639. <https://doi.org/10.1590/S1981-57942011000200012>
- ROSE, F. (2015). On Male and Female Speech and More: Categorical Gender Indexicality in Indigenous South American Languages. *International Journal of American Linguistics*, 81(4), 495-537. <https://doi.org/10.1086/683158>
- ROSÉS LABRADA, J. E. (2017). *Language Vitality among the Mako Communities of the Ventuari River*. 10-48. <http://scholarspace.manoa.hawaii.edu/handle/10125/24723>
- ROUSE, I. (1993). *Tainos: Rise and Decline of the People Who Greeted Columbus*. Yale University Press.
- RUBIM, A. C. (2016). *O reordenamento político e cultural do povo kokama: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru*. <https://doi.org/10.26512/2016.04.T20961>
- RUBIM, A. C., BOMFIM, A. B., MEIRELLES, S. R. DA S. (2022). Década internacional das línguas indígenas no Brasil: o levante e o protagonismo indígena na construção de políticas linguísticas. *Working Papers em Linguística*, 23(2), 154-177. <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2022.e84209>
- SALANOVA, A. P., EPPS, P. (2012). A linguística amazônica hoje. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, 12(1), 7-37. <https://doi.org/10.20396/liames.v0i12.1481>
- SALLES, R. (2023). 21 Pirahã (Apáitisi). In *Volume 2 Language Isolates II: Kanoé to Yurakaré* (pp. 957-994). De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110432732-008>
- SÂNDALO, F. (1995). *A grammar of Kadiwéu: with special reference to the polysynthesis parameter*. Massachusetts Institute of Technology.
- SANTOS-GRANERO, F. (2002). The Arawakan Matrix: Ethos, Language, and History in Native South America. Em *Comparative Arawakan histories: rethinking language family and culture area in Amazonia* (p. 1-25). University of Illinois Press.
- SANTOS, B. H. L. D. P., Cruz, A. Da. (2021). Empréstimos do Português para a Língua Geral no Século XVIII. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas*, 3(1), 160. <https://doi.org/10.18468/rbli.2020v3n1.p160-176>
- SAPIR, E. (1916). *Time perspective in aboriginal American culture: a study in method*. Government Printing Bureau.
- SAPIR, E. (1920). The Hokan and Coahuiltecan languages. *International Journal of American Linguistics*, 1(4), 280-290.
- SAPIR, E. (1980). *A Linguagem*. Editora Perspectiva.
- SEIFART, F. (2005). *The structure and use of shape-based noun classes in Miraña (Northwest Amazon)* [Radboud University Nijmegen]. <https://repository.ubn.ru.nl/handle/2066/26990>
- SEIFART, F., Echeverri, J. Á. (2015). Proto Bora-Muinane. *LIAMES*, 15(2), 279-311.

- SEIFART, F., Meyer, J., Grawunder, S., Dentel, L. (2018). Reducing language to rhythm: Amazonian Bora drummed language exploits speech rhythm for long-distance communication. *Royal Society Open Science*, 5(4), 170354. <https://doi.org/10.1098/rsos.170354>
- SEIFFERT, A. P. (2014). *Censo, diagnóstico, inventário e observatório linguísticos: aspectos metodológicos e papel político-linguístico* [Doutorado]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- SEKI, L. (1999). Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. Impulso. *Revista de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba*, 12, 157-170.
- SEKI, L. (2000). *Gramática do kamaiurá*. Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- SHERZER, J. (1973). Areal linguistics in North America. Em *Linguistics in North America* (Vol. 10, p. 749-795). Mouton.
- SHERZER, J. (1987). A Discourse-Centered Approach to Language and Culture. *American Anthropologist*, 89(2), 295-309. <https://doi.org/10.1525/aa.1987.89.2.02a00010>
- Sichra, Inge. *Atlas sociolingüístico de pueblos indígenas en América Latina*. 1. ed. FUNPROEIB Andes.
- SIEBERT, F. T. (1967). The Original Home of the Proto-Algonquian People. *Algonquian Papers - Archive*, 1. <https://ojs.library.carleton.ca/index.php/ALGQP/article/view/427>
- SILVA, A. L. da, Grupioni, L. D. B., Macedo, A. V. L. da S., Brasil, Ministerio da Educação e do Desporto. (1995). *A Temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1. e 2. graus*. MEC : Mari.
- SILVA, G. (2021). Kheuól do Uaçá (Amapá): Aspectos históricos, gramática e educação. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento*, 14(2). <https://doi.org/10.24979/ambiente.v14i2.1016>
- SILVA, L. de J. (2011). *Morphosyntaxe du Rikbaktsa*.
- SILVER, S., Miller, W. R. (1997). *American Indian Languages: Cultural and Social Contexts*. University of Arizona Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1f45rd7>
- SILVERSTEIN, M. (1996). Dynamics of Linguistic Contact. Em *Languages* (Vol. 17, p. 117-136). Smithsonian Institution.
- SIMONS, G. F., Fennig, C. D. (org.). (2018). *Ethnologue* (Twenty first edition). SIL International.
- SKOGLUND, P., MALLICK, S., BORTOLINI, M. C., CHENNAGIRI, N., HÜNEMEIER, T., PETZL-ERLER, M. L., SALZANO, F. M., PATTERSON, N., REICH, D. (2015). Genetic evidence for two founding populations of the Americas. *Nature*, 525(7567), 104-108. <https://doi.org/10.1038/nature14895>
- SMITH, E. A. (2001). On the coevolution of cultural, linguistic, and biological diversity. In Language, knowledge, and the environment: The interdependence of biological and cultural diversity. In L. Maffi (Ed.), *Language, knowledge, and the environment: The interdependence of biological and cultural diversity* (pp. 95-117). Smithsonian Institution Press.
- SORENSEN, A. P. (1967). Multilingualism in the Northwest Amazon. *American Anthropologist*, 69(6), 670-684. <https://doi.org/10.1525/aa.1967.69.6.02a00030>
- SOUZA MELLO, A. A., KNEIP, A. (2017). Novas evidências linguísticas (e algumas arqueológicas) que apontam para a origem dos povos tupi-guarani no leste amazônico. *Literatura y lingüística*, 36, 299-312. <https://doi.org/10.4067/S0716-58112017000200299>
- SOUZA, L. C. (2020). Yawanawa: uma língua da família Pano. Em B. Franchetto; K. Balykova (org.), *Índio não fala só Tupi* (p. 171-180). 7 Letras.
- STARK, L. R. (1972). *Machaj-Juyay: secret language of the Callahuayas*. Papers in Andean Linguistics 1, 199-218.
- STENZEL, K. (2008). Novos horizontes da documentação lingüística no Brasil. *Revista de Estudos e Pesquisas*, 5(1), 49-99.
- STENZEL, K. (2013a). *A Reference Grammar of Kotiria (Wanano)*. UNP - Nebraska. <https://doi.org/10.2307/j.ctt1ddr99n>
- STENZEL, K. (2013b). Contact and Innovation in Vaupés Possession-marking Strategies. Em *Upper Rio Negro. Cultural and linguistic interaction in northwestern Amazonia* (p. 353-401). Museu do Índio/FUNAI.
- STENZEL, K., Franchetto, B. (org.). (2017). *On this and other worlds*. Language Science Press. <https://doi.org/10.5281/zenodo.892102>

- STEVENSON, P. S. (1990). *Santa Maria Cauque: un caso de mezcla de los idiomas Cakchiquel y Quiche: Vol. 5a 5b*. Instituto Lingüístico de Verano.
- STORTO, L. (2019). *Línguas indígenas: tradição, universais e diversidade* (1ª edição). Mercado de Letras.
- STORTO, L., Franchetto, B., Lima, S. (org.). (2015). *Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil*. Campinas: Mercado de Letras.
- SUÁREZ, J. A. (1983). *The Mesoamerican Indian languages*. Cambridge University Press.
- SWADESH, M. (1955). Towards greater accuracy in lexicostatistic dating. *International Journal of American Linguistics*, 21(2), 121-137.
- TASSINARI, A. (1995). Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. Em A. L. da Silva; L. D. B. Grupioni (org.), *A Temática Indígena na Escola: Novos subsídios para professores de 1o e 2o graus*. (Número c, p. 445-480). Mec/Mari/Unesco. <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/2756>
- Telles, S., Wetzels, L. (2011). La famille nambikwara. In *Dictionnaire des langues*. Les Presses Universitaires de France.
- TERRAZA, J. (2009). *Grammaire du Wichí: Phonologie et Morphosyntaxe*. Université du Québec à Montréal.
- THOMASON, S. G., Kaufman, T. (1991). *Language contact, creolization, and genetic linguistics* (1. paperback print). Univ. of California Press.
- TOOSARVANDANI, M. (2016). The temporal interpretation of clause chaining in Northern Paiute. *Language*, 92(4), 850-889.
- Torero, A. (2002). *Idiomas de los Andes: lingüística e história* (1era ed). IFEA, Instituto Francés de Estudios Andinos: Editorial Horizonte.
- TORERO, A. (2007). *El quechua y la historia social andina* (1. ed). Fondo Ed. del Pedagógico San Marcos.
- UMÚSIN PANLÕN, K., TOLAMÁN, K. (1980). *Antes o mundo não existia: a mitologia heroica dos índios Desâna*. Livraria Cultura Editora.
- UNESCO Ad Hoc Expert Group on Endangered Languages. (2003). *Language vitality and endangerment*. UNESCO. <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00120-EN.pdf>
- URBAN, G. (1986). Ceremonial Dialogues in South America. *American Anthropologist, New Series*, 88(2), 371-386. <http://www.jstor.org/stable/677567>
- URBAN, G. (1988). Ritual Wailing in Amerindian Brazil. *American Anthropologist, New Series*, 90(2), 385-400. <http://www.jstor.org/stable/677959>
- URBAN, G. (1998). A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. Em *História dos índios no Brasil* (1a ed, p. 87-102). Companhia das Letras.
- URBAN, M. (2019). *Lost languages of the Peruvian North Coast*. Gebr. Mann; Ibero-American Institute.
- URBAN, M. (2023). *Linguistic Stratigraphy: Recovering Traces of Lost Languages in the Central Andes*. Springer Nature.
- VAJDA, E., Fortescue, M. (2022). *Mid-Holocene Language Connections between Asia and North America*. Brill. <https://brill.com/display/title/58384>
- VALENZUELA, P. M. (2003). *Transitivity in Shipibo-Konibo grammar: a typologically oriented study*. Eugene: University of Oregon.
- VALENZUELA, P. M., Zariquiey, R. B. (2015). *Advances in favor of the Pano-Takanan Hypothesis*.
- VALLEJOS YOPÁN, R. (2010). *A grammar of Kokama-Kokamilla* [University of Oregon]. <https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/handle/1794/11051>
- VAN DER VOORT, H. (2016). Sistemas de classificação nominal no Sudoeste amazônico. *MOARA — Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944*, 2(43), 6. <https://doi.org/10.18542/moara.v2i43.3836>
- VAN GIJN, R. (2014). The Andean foothills and adjacent Amazonian fringe. In *The native languages of South America: Origins, development, typology* (pp. 102-125). Cambridge University Press.
- VELDEN, F. VANDER, LOLLI, P. (2021). Das áreas culturais às redes de relações: os sistemas regionais ameríndios em análise. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 94. <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/521>
- VIEGAS BARROS, J. P. (2013). La hipótesis de parentesco Guaicurú-Mataguay: estado actual de la cuestión. *Revista Brasileira De Linguística Antropológica*, 5, 293-333.

- VILHALVA, S. (2009). *Mapeamento Das Línguas de Sinais Emergentes: Um Estudo sobre as Comunidades Linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- VILLACORTA OSTOLAZA, L. F. (2009). *Las culturas del Perú antiguo* (1st ed., Vol. 1). Gheller Doig, Roberto Augusto.
- WALTZ, N. E., Wheeler, A. (1972). Proto Tucanoan. Em E. Matteson, A. Wheeler, F. L. Jackson, N. E. Waltz, D. R. Christian (org.), *Comparative Studies in Amerindian Languages* (p. 119-149). Berlin: Mouton de Gruyter.
- WETZELS, L. (2010). Word Prosody and the Distribution of Oral/Nasal Contour Consonants in Kaingang. Em E. B. Carlin; S. van de Kerke (org.), *Linguistics and Archaeology in the Americas* (p. 253-270). BRILL. https://doi.org/10.1163/9789047427087_015
- WHORF, B. L. (1944). The Relation of Habitual Thought and Behavior to Language. *ETC: A Review of General Semantics*, 1(4), 197-215. <https://www.jstor.org/stable/42581315>.
- WINFORD, D. (2003). *An introduction to contact linguistics* (Issue 33). Blackwell publishing.
- WOJTYŁAK, K. I. (2017). *A Grammar of Murui (Bue): A Witotoan language of Northwest Amazonia*. James Cook University.
- XAVIER, C. (2012). A escrita de Ñaperikoli: ensaio sobre os petroglifos do Içana. Em G. Andrello (Org.), *Rotas de criação e transformação: narrativas de origem dos povos indígenas do Rio Negro* (p. 195-210). ISA/FOIRN.
- YOUNG, R. W., Morgan, W. (1972). *The Navaho Language*. Deseret Book Company.
- ZAMPONI, R. (2017). Betoï-Jirara, Sáliban, and Hodi: Relationships among Three Linguistic Lineages of the Mid-Orinoco Region. *Anthropological Linguistics*, 59(3), 263-321.
- ZAMPONI, R. (2020). Some Precontact Widespread Lexical Forms in the Languages of Greater Amazonia. *International Journal of American Linguistics*, 86(4), 527-573. <https://doi.org/10.1086/710009>.
- ZARIQUIEY Biondi, R. (2011). *A grammar of Kashibo-Kakataibo*. LaTrobe University.
- ZARIQUIEY, R. (2011). Aproximación dialectológica a la lengua cashibo-cacataibo (pano). *Lexis*, 35(1), 5-46. <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/lexis/article/view/1257>.
- ZAVALA, R. (1992). *El kanjobal de San Miguel Acatán* (Número 6). Univ. Nacional Autónoma de México.
- ZAVALA, R. (2000). Multiple systems of classifiers in Akateko. Em *Systems of nominal classification* (p. 114-146). Mouton de Gruyter.
- ZAVALA, R. M. (2017). Alignment Patterns. *The Mayan Languages*, 226-258. <https://doi.org/10.4324/9781315192345-9>.



Antes de Colombo, não havia a noção de índio nem de indígena, mas relações identitárias próprias a um mosaico complexo de centenas de línguas e diferentes povos que se relacionavam e se diferenciavam desde o Ártico na América do Norte à Terra do Fogo na América do Sul. A construção do discurso sobre quem são os povos indígenas se dá no período colonial.

Este livro é uma introdução à diversidade linguística da América Indígena. Em sete capítulos, Thiago Costa Chacon convida o leitor a conhecer e a refletir criticamente sobre tamanha diversidade. Nesse trajeto, ele constrói uma obra relevante tanto para o conhecimento da linguística quanto das línguas indígenas das Américas. Esse propósito toma forma nesta apresentação de uma gama de temas variados, objetivando uma visão holística sobre a diversidade linguística, as sociedades indígenas e a linguagem.

O propósito desta publicação é servir a um público amplo, tanto aos que estão começando os estudos sobre as línguas indígenas quanto aos que já tenham um conhecimento avançado do tema, bem como aos professores interessados em organizar aulas ou um curso de linguística sobre as línguas dos nossos povos originários.

